UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

REIZIVALDO PEREIRA DE LIMA

NARRATIVAS E IDENTIDADES DE FILHOS E FILHAS DE MIGRANTES CEARENSES NA PÉROLA DO TAPAJÓS

São Leopoldo
2024

REIZIVALDO PEREIRA DE LIMA

NARRATIVAS E IDENTIDADES DE FILHOS E FILHAS DE MIGRANTES CEARENSES NA PÉROLA DO TAPAJÓS

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.ª Dra. Cátia de Azevedo Fronza

São Leopoldo

2024

L732n Lima, Reizivaldo Pereira de.
Narrativas e identidades de filhos e filhas de migrantes cearenses na Pérola do Tapajós / por Reizivaldo Pereira de Lima. – 2024.
174 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2024.
"Orientadora: Dra. Cátia de Azevedo Fronza".

1. Migração. 2. Narrativas. 3. Identidades. 4. Estigma. 5. História. 6. Cearenses. 7. Cultura. I. Título.

CDU:801.953:316.6

Catalogação na Publicação (CIP):
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

REIZIVALDO PEREIRA DE LIMA

"NARRATIVAS E IDENTIDADES DE FILHOS E FILHAS DE MIGRANTES CEARENSES NA PÉROLA DO TAPAJÓS"

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 29 DE NOVEMBRO DE 2024

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. RAFAHEL PARINTINS - UFRN
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. MINÉIA FREZZA - IFRS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. DOROTEA FRANK KERSCH - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. CÁTIA DE AZEVEDO FRONZA - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

A Deus, que esteve comigo desde a primeira ideia de fazer essa pesquisa até a sua conclusão.

Ao meu querido irmão Albeci, que partiu antes do tempo, mas cuja presença continua viva em cada lembrança, em cada sorriso e em cada conquista minha.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amado Senhor: “Obrigado por me escolher e me capacitar para alcançar grandes conquistas e por me conduzir por caminhos que, embora nem sempre fáceis, são sempre certos. Que eu possa manifestar a sua glória em todos os lugares, em todos os momentos e em tudo o que eu fizer”.

À minha família: “Obrigado pelas orações em meu favor e por acreditar no propósito de Deus para a minha vida. Amo vocês!”.

À minha orientadora, Professora Doutora Cátia Fronza: “Suas preciosas orientações foram essenciais para a realização deste trabalho. Muito obrigado!”.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos: “Agradeço imensamente por me acolher e proporcionar um ensino de excelência, reconhecido pela qualidade em pesquisa e inovação”.

Ao Programa de Bolsa de Estudos do Fundo Pe. Theobaldo Frantz: “Expresso minha profunda gratidão, pois, sem o auxílio concedido, a realização deste trabalho seria muito difícil. Muito obrigado!”.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS: “Manifesto minha sincera gratidão pela dedicação, seriedade e empenho na condução do Programa, os quais foram fundamentais para a conquista deste título”.

Aos professores do PPGLA e de outros PPG da UNISINOS: “Seus ensinamentos foram muito importantes para meu desenvolvimento acadêmico e para a realização deste trabalho. Obrigado!”.

Ao Professor Doutor Caio Mira: “Sou profundamente grato por ter iniciado esta pesquisa comigo e pelas suas valiosas contribuições. Minha eterna gratidão.”

Aos Grupos NIL (Narrativas, Interação e Linguagem) e FALESCBRAS (Fala, Escrita e Libras): “As nossas conversas e debates foram essenciais para o enriquecimento desta pesquisa”.

Aos professores membros da banca: “Obrigado por terem aceitado o convite, pela leitura atenciosa e cuidadosa da minha pesquisa e pelas relevantes contribuições concedidas”.

À Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC): “Obrigado pela concessão da Licença de Aprimoramento Profissional. Sem ela, eu não teria tido possibilidade de cursar meu doutorado. Muitíssimo obrigado!”.

Aos meus amigos de doutorado: “Vocês fazem parte da minha história. Desejo o melhor para todos vocês”.

Aos participantes Maria, José e Lúcia: “Obrigado por disponibilizarem uma fração do seu tempo para contribuir com minha pesquisa. Sem a participação de vocês, ela não existiria”.

Vou deixar a minha terra,
Vou para os matos d'além...
Que aqui não acho serviço
Para ganhar meu vintém!
Vou soluçando saudoso
Do Ceará, do meu bem!...
(Galeno, 1978, p. 526).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar como são construídas, em suas narrativas orais, as identidades de filhos e filhas de migrantes cearenses, da segunda geração, residentes na área urbana da cidade de Santarém (PA), que vieram para a cidade nas décadas de 70 ou 80, perante o discurso dominante de desprestígio social. Fazem parte da pesquisa três participantes: duas mulheres e um homem, da faixa etária entre 44 e 52 anos. A pesquisa é de natureza qualitativa interpretativista com análise de narrativas. Para a geração de dados, utilizou-se a entrevista narrativa por meio do *Google Meet* e do *WhatsApp* com gravação de áudio e/ou vídeo. A investigação vale-se de pressupostos de Labov (1972), Labov e Waletzki (1962), Ochs e Capps (2001), Bucholtz e Hall (2005), Goffman (2008), Link e Phelan (2001), dentre outros. Assim, subsidiado por esse arcabouço teórico e metodológico, nas análises feitas, foi possível observar que as narrativas que emergiram na interação são usadas para construir uma identidade de resiliência e de superação. Isso pode ser observado no tema das narrativas que destacam a migração e a fixação, enfatizando as adversidades sofridas no Ceará e no Pará. As narrativas não apenas relatam eventos, mas constroem e renegociam identidades. Ao enfatizarem a resiliência frente às adversidades, os participantes constroem uma identidade de superação e de integração; quando mencionam discriminações, refletem experiências de exclusão, oposição ou negociação cultural. As entrevistas funcionam como *locus* de resistência ao preconceito, ao permitirem a emersão de narrativas que valorizam aspectos positivos de sua identidade, subvertendo, assim, estereótipos depreciativos. As narrativas analisadas também evidenciam que a capacidade de transitar entre a comunidade cearense e a paraense é ambígua: pode gerar sentimentos de aceitação ou de estar “entre mundos” sem pertencer completamente a nenhum dos dois; mas também pode levar o indivíduo a mesclar elementos culturais das duas comunidades, gerando uma cultura híbrida, que converte a multiculturalidade em interculturalidade. Observa-se também que os encontros familiares, compartilhando histórias repletas de ensinamentos e valores, reforçam o senso de pertencimento e continuidade dos filhos de migrantes. Por fim, a hibridação cultural pode construir uma identidade conflituosa, já que os filhos de migrantes buscam, simultaneamente, honrar suas raízes culturais e alcançar aceitação e sucesso na sociedade paraense. Esses resultados evidenciam um contexto para o qual se fazem necessárias mais pesquisas para verificar e melhor

compreender o impacto da migração na construção identitária de filhos de migrantes, dando-lhes voz e visibilidade.

Palavras-chave: migração; narrativas; identidades; estigma.

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate how the identities of second generation sons and daughters of migrants from Ceará, living in the urban area of the city of Santarém (PA), who came to the city in the 1970s or 1980s, are constructed in their oral narratives in the face of the dominant discourse of social discredit. Three participants took part in the research: two women and one man, aged between 44 and 52. The research is of an interpretive qualitative nature, using narrative analysis. Narrative interviews via Google Meet and WhatsApp with audio and/or video recording were used to generate data. The research is based on the assumptions of Labov (1972), Labov and Waletzki (1962), Ochs and Capps (2001), Bucholtz and Hall (2005), Goffman (2008), Link and Phelan (2001), among others. Thus, supported by this theoretical and methodological framework, in the analyses carried out it was possible to observe that the narratives that emerged in the interaction are used to construct an identity of resilience and overcoming. This can be seen in the theme of narratives that highlight migration and settlement, emphasizing the adversities suffered in Ceará and Pará. The narratives not only recount events, but also construct and renegotiate identities. By emphasizing resilience in the face of adversity, participants construct an identity of overcoming and integration; when they mention discrimination, they reflect experiences of exclusion, opposition, or cultural negotiation. The interviews function as a site of resistance to prejudice, as they allow narratives to emerge that value positive aspects of their identity, thus undermining derogatory stereotypes. The narratives analyzed also show that the ability to move between the communities of Ceará and Pará is ambiguous: it can generate feelings of acceptance or of being "between worlds" without fully belonging to either; but it can also lead the individual to mix cultural elements from the two communities, generating a hybrid culture that converts multiculturalism into interculturalism. It can also be seen that family gatherings, sharing stories full of teachings and values, reinforce the sense of belonging and continuity among the children of migrants. Finally, cultural hybridization can build a conflicting identity, as the children of migrants simultaneously seek to honour their cultural roots and achieve acceptance and success in Pará society. These results highlight a context in which more research is needed to verify and better understand the impact of migration on the identity construction of children of migrants, giving them a voice and visibility.

Key-words: migration; narratives; identities; stigma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Físico de Santarém-Pará 23
Figura 2 – Mapa dos limites do Município de Santarém.....24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e Possibilidades da narrativa 40
Quadro 2 – Fases principais da entrevista narrativa 59
Quadro 3 – Síntese dos dados dos participantes 62
Quadro 4 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *narração* 143
Quadro 5 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *historiabilidade* 145
Quadro 6 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *encaixe* 148
Quadro 7 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *linearidade* 149
Quadro 8 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *postura moral* 150

LISTA DE EXCERTO

Excerto 1 – “eu sou Maria” 68
Excerto 2 – "minha adolescência já foi toda aqui" 76
Excerto 3 – “era uma pessoa assim de grande relíquia de experiências” 78
Excerto 4 – "eu sou metade paraense e cearense" 83
Excerto 5 – "minha mãe sempre ensinou assim" 93
Excerto 6 – “meus pais... vieram... do Ceará" 98
Excerto 7 – "a minha mãe perdeu... a mãe dela” 106
Excerto 8 – "infância ... cheia de emoção" 109
Excerto 9 – "eu ficava mais com a minha mãe" 112
Excerto 10 – "eu consegui" 114
Excerto 11 - "eles vieram por influência de outras pessoas" 116
Excerto 12 - "se tornou um dos grandes comerciantes" 119
Excerto 13 - "a gente sempre sofre né os apelidos como arigó" 123
Excerto 14 – “na verdade sempre fui assim... enxerida" 127
Excerto 15 – “bullying” 129
Excerto 16 – "ser chamado de arigó" 134
Excerto 17 - "eles gostava de avacalhar com a minha mãe” 134
Excerto 18 – "talvez por conta do poder aquisitivo" 139
Excerto 19 - "a gente sempre ouvia ... piadinha chamando a gente de arigó" 139

LISTA DE SIGLAS

AM	Amazonas
BR	Brasil
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
EM	Entrevista Narrativa
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LA	Linguística Aplicada
PA	Pará
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISINOS	Universidade Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 PRIMEIROS PASSOS 16
2 CONHECENDO O CENÁRIO 21
3 DIÁLOGO COM NAVEGADORES MAIS EXPERIENTES 32
3.1 NARRATIVAS 32
3.2 IDENTIDADES 43
3.3 O ESTIGMA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE 49
4 ASSUMINDO A EMBARCAÇÃO 56
4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA 61
4.2 PROCESSOS DE GERAÇÃO DE DADOS 64
5 NAVEGANDO PELAS ONDAS DAS NARRATIVAS 67
5.1 NARRATIVAS DE CONTATO NÃO MISTO 67
5.1.1 Participante Maria 68
5.1.2 Participante José 97
5.1.3 Participante Lúcia 115
5. 2 NARRATIVAS DE CONTATO MISTO 122
5.2.1 Participante Maria 123
5.2.2 Participante José 133
5.2.3 Participante Lúcia 139
6 ÚLTIMAS REMADAS 155
REFERÊNCIAS 165
ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÕES 174

1 PRIMEIROS PASSOS

Muitos sociólogos e cientistas sociais descrevem os dias atuais ou pós-modernos como uma modernidade caracterizada pela fluidez, imprevisibilidade e movimentação constante. Dessa forma, segundo Rampton (2006, p. 113), essa nova atualidade, a ser modelada pela área das Ciências Sociais, é heterogênea e pouco padronizada, e o melhor que ela pode fazer "é operar como tradutora e intérprete" dessa realidade. Como não poderia deixar de ser, esse mundo em movimento afetou também a produção de conhecimento na área de estudos da linguagem, dentre elas a Linguística Aplicada (LA).

Moita Lopes (2006, p. 86) aponta dois desafios para os estudos da LA na pós-modernidade. O primeiro consiste em desenvolver compreensões sobre a vida contemporânea por meio da produção de conhecimento. O segundo se refere à promoção de alternativas sociais baseadas nas vozes daqueles que se encontram à margem, como os pobres, favelados, negros, indígenas, pessoas homoeróticas, além de homens e mulheres em condições de vulnerabilidade social. Esses grupos não devem ser vistos como categorias essencializadas, mas sim como identidades híbridas (Moita Lopes, 2002; *Moita Lopes, 2008*). Além disso, o autor questiona de que forma aqueles que vivenciam o sofrimento humano a partir de epistemologias distintas podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, que respeite tanto a natureza quanto as pessoas, ou, que, pelo menos, tenha uma compreensão mais aprofundada dessa possibilidade (Mushakpoji, 1999 *apud Moita Lopes, 2008*).

Para isso, o autor coloca que é imprescindível termos uma LA híbrida ou mestiça, para que possa, dessa forma, dar voz àqueles antes colocados às margens, visto que o "conhecimento que não considera as vozes daqueles que vivem a prática social não pode dizer nada sobre ela" (Moita Lopes, 2013, p. 101). Isso leva a LA a ter um outro sujeito, "as vozes do sul", ou seja, todos aqueles que sofrem às margens da sociedade.

Dentre esses, temos aqueles que por algum motivo foram obrigados a sair de sua terra natal para ir morar em outras terras em busca de melhores condições de vida. Porém, ao chegar no local de destino, como ocorre com a maioria dos "forasteiros", sua recepção pelos habitantes locais nem sempre é tão amistosa. Isso

provavelmente se dá porque a referência para a produção da identidade desse outro é a identidade dos habitantes locais, vista como a padrão, portanto, que deve ser valorizada, e a do “outro” é considerada como desviante (Woodward, 2014). Assim todos os que estão diferentes desse padrão estão sujeitos a sofrer algum tipo de preconceito, seja ele de forma velada ou não. Para Woodward (2014), essa diferença pode ser construída negativamente ou positivamente. É negativa, quando alimenta a exclusão ou marginalização dos diferentes; é positiva, quando é vista como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo enriquecedora. De acordo com Woodward (2014), na maioria das vezes, a diferença entre os habitantes locais e os migrantes é construída negativamente, marcada por discriminações e preconceitos à migração.

É necessário salientar que tal situação não se restringiu somente à geração que migrou, mas também atingiu e atinge as gerações subsequentes. Os filhos de migrantes geralmente são vítimas de preconceitos através de comentários depreciativos por serem diferentes dos habitantes locais. Eu, como um deles, tive uma vivência marcada pelo estigma de ser filho de migrantes cearenses. Passei a infância, a adolescência e a juventude me sentindo menor do que os outros, sentindo-me imperfeito, defeituoso. Isso me levou ao isolamento e a evitar qualquer exposição para não ser alvo de constrangimentos. Hoje, como educador e pesquisador, vejo essas práticas se repetirem com filhos de migrantes e sinto a necessidade de olhar para suas histórias e contribuir para uma realidade mais acolhedora.

Assim, com o intuito de colaborar para a construção de uma sociedade mais humana e mais delicada com as pessoas, esta pesquisa procura dar voz àqueles que vivenciaram o sofrimento de serem estigmatizados por serem migrantes ou por ser filho destes. No caso desta pesquisa, devido ao fato de a cidade de Santarém ter recebido mais migrantes do Ceará, restringimo-nos aos filhos de migrantes cearenses. Então, ao escolher esse grupo, coaduno com as ideias de Moita Lopes (2006) no que se refere à necessidade de se dar voz nos estudos linguísticos pós-modernos àqueles que foram postos à margem, favorecendo pesquisas em contextos até então pouco explorados.

Para essa investigação, como já foi mencionado, interessam-nos as narrativas dos filhos dos migrantes que vieram para Santarém com pouca idade ou que nasceram nela, pois foram aqueles que cresceram em meio à diferenciação com os paraenses. A escolha pelo estudo das narrativas se justifica pelo fato de elas serem

expressões do que somos e de como nos transformamos no que somos ao negociarmos um sentido do nosso eu com os outros, auxiliando na definição da nossa identidade (Linde, 1993; Flannery, 2015).

Neste sentido, este trabalho tem como tema central a investigação de como os filhos de cearenses migrantes, residentes no município de Santarém, Pará (PA), que cresceram em meio à diferenciação com os habitantes paraenses, (re)constroem suas identidades por meio de narrativas orais, em um contexto em que se apresenta um discurso dominante de desprestígio social. A fim de compreender as narrativas e identidades cearenses por meio da Linguística Aplicada, fazemo-nos o questionamento a ser investigado: De que forma são construídas, nas narrativas orais, as identidades dos filhos de migrantes cearenses que residem na cidade de Santarém, no estado do Pará, frente a um discurso dominante de desvalorização social?

Por conta desse questionamento, este estudo tem por objetivo geral investigar como as identidades são construídas mediante as narrativas orais dos filhos de migrantes cearenses, da segunda geração, residentes na área urbana da cidade de Santarém (PA), que vieram para a cidade nas décadas de 70 ou 80, perante o discurso dominante de desprestígio social. Desta forma, visando alcançar o objetivo geral, delimitamos como objetivos específicos: I) identificar e analisar as narrativas que emergem nos discursos de migrantes cearenses da 2ª geração, segundo os conceitos de Ochs e Capps (2001); II) analisar as reivindicações identitárias construídas em suas narrativas; e III) verificar se as interações discursivas podem servir como *locus* de resistência a um preconceito.

Assim, por ter como objeto a análise das identidades que emergem em narrativas, propomos um estudo de natureza qualitativa e interpretativista, valendo-nos da análise narrativa, pois, através do ato de narrar, as sociedades transmitem conhecimentos, valores e identidades. Narrar, em um sentido mais amplo, constitui o ato de contar uma história ou de relatar eventos, sejam eles reais ou fictícios. Através dela, os indivíduos podem (re)criar e sustentar identidades, construir sentidos de si mesmas, além de reivindicarem pertencimento ou exclusão em relação a grupos sociais (Biar; Orton; Bastos, 2021). Dentre os métodos, optamos pela entrevista narrativa, por ser utilizada em pesquisa qualitativa que visa oportunizar momentos para a produção de narrativas orais de indivíduos sobre suas experiências e perspectivas pessoais, a fim de analisá-las.

Com o intuito de contemplar os objetivos mencionados, essa tese foi organizada em cinco capítulos, cujos títulos são inspirados na saga dos nordestinos para a cidade de Santarém. No capítulo inicial, intitulado “Primeiros Passos”, que faz referência ao percurso do Ceará até a região metropolitana de Belém (PA) em paus-de-arara, expomos o tema deste estudo, além das motivações e dos objetivos delineados para realização da pesquisa.

No capítulo 2, denominado “Conhecendo o Cenário”, há referência ao momento que chegam ao Pará e conhecem as terras paraenses, abordamos a migração dos cearenses, mostrando os motivos que os levaram a se deslocarem para a região amazônica, mais precisamente para a cidade de Santarém. Além disso apresentamos o município e as gerações de cearenses que vieram para a cidade santarena e as suas dificuldades ao se instalarem na cidade. Encerro o capítulo informando a atual situação dessa comunidade na localidade.

O capítulo 3, intitulado “Diálogo com navegadores mais experientes”, faz referência à etapa em que eles saem de barco da região metropolitana de Belém com destino a Santarém. Dedica-se à explanação das narrativas, identidades e estigmas. Começamos abordando a concepção de narrativa com que a pesquisa é desenvolvida, como os estudos das narrativas evoluíram no decorrer dos anos e em qual modelo de análise esse projeto se ancora, com base em De Fina e Georgakopoulou (2012), Labov (1972), Ochs e Capps (2001), Linde (1993), Bamberg (2002), dentre outros. Na sequência, refletimos sobre identidade, evidenciando as três concepções distintas dela, segundo Stuart Hall (2006), os princípios de análise interacional das identidades (Bucholtz; Hall, 2005) e a teoria do posicionamento (Bamberg, 2002). Depois, abordamos a influência do estigma na construção da identidade (Goffman, 2008; Link; Phelan, 2001).

Em seguida, no capítulo 4, cujo título é “Assumindo a Embarcação”, faz-se referência à viagem de barco até o se seu destino. Dedicamo-nos ao paradigma de pesquisa, de natureza qualitativa e interpretativa (Angrosino, 2009; Guerra, 2014; Minayo, 2008; Pontes, 2013) e à análise narrativa sobre a qual se baseia este estudo, incluindo considerações sobre entrevista narrativa (Smith, 2011; Santos, 2013; Jovchelovitch; Bauer, 2008). Por fim, tratamos dos participantes da pesquisa, do processo de geração de dados e de como as entrevistas foram conduzidas.

No capítulo 5, “Navegando pelas ondas das narrativas”, que faz alusão à viagem pelos rios amazônicos, realizamos a análise das narrativas geradas a partir

das entrevistas narrativas. A análise foi feita de acordo com as teorias e estudos considerados como aporte metodológico apresentado. O capítulo tem duas seções. A primeira refere-se à análise de narrativas de encontros não mistos, ou seja, histórias de vida em que os personagens são apenas cearenses. Essa seção foi dividida em três partes que correspondem a cada um dos participantes. A segunda seção contempla as narrativas de encontros mistos, isto é, histórias de vida em que há encontro face a face entre cearenses e paraenses. Esta seção também foi dividida de acordo com os participantes. Para a análise, foram usados os construtos teóricos sobre as dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001) e a teoria de posicionamento de Bamberg (2002), além de outros.

Por fim, em "Últimas Remadas", trazemos as considerações finais, apresentando os resultados da pesquisa, levando em consideração os nossos objetivos e pergunta de tese.

Esse tipo de pesquisa é importante porque preserva a memória cultural e coletiva de um grupo, elementos essenciais para a coesão social e a identidade de uma comunidade (Assmann, 2011). A escuta das vozes dos filhos de migrantes também é crucial para políticas de inclusão (Brettell, 2003) e para combater o preconceito, especialmente nas escolas, e promover uma sociedade mais inclusiva e acolhedora (Certeau, 1998). Tais estudos, além disso, também são valiosos para disciplinas como Psicologia Social, Antropologia, Sociologia e Linguística Aplicada, ao analisar como migrantes equilibram suas raízes culturais e enfrentam exclusão. Ao olhar para a relevância desse tipo de estudo, vem-nos um sentimento de tristeza por não termos mais o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS[1], avaliado com nota 6, reservada para programas de excelência nacional e internacional, com forte inserção acadêmica e científica global. Foi na interação com o curso que esta pesquisa tomou forma, encerrando aqui um percurso na Linguística Aplicada da Unisinos, mas proporcionando novos rumos para pesquisas como esta e para atuação profissional.

[1] Em julho de 2022, a Unisinos determinou o início do processo de descontinuidade do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, avaliado com nota 6 pela área de Linguística e Literatura no quadriênio de 2017 a 2020. Lamentavelmente, por questões orçamentárias, a Unisinos tomou esta decisão, assim como o fez para mais uma dezena de cursos.

2 CONHECENDO O CENÁRIO

O ato de se deslocar no espaço sempre acompanhou a raça humana, seja para fugir das dificuldades ou adversidades presentes em determinado local ou por anseio de encontrar algo novo e melhor. De acordo com Ojima e Fusco (2014, p. 7), esse deslocamento, independentemente de a distância ser curta ou não e de ser permanente ou não, afeta “sobremaneira os contornos de processos sociais, econômicos, demográficos e ambientais de localidades, regiões e países ao longo da história humana”.

Segundo o referido autor, a região brasileira que mais sofreu com a migração[2] foi a região Nordeste, fazendo com que ela seja conhecida como “o símbolo e a materialização da migração”. Dentre os fatores que o estudioso aponta como influenciadores desse fenômeno, estão a desigualdade social provocada pelo latifúndio, os fatores ambientais (estiagem e terras improdutivas) e a prosperidade de outras regiões.

Um dos destinos desses retirantes foi a Região Norte. A primeira leva de migração nordestina para essa região, de acordo com os mais antigos registros, foi motivada pela extração da borracha, entre 1839 (período que ocorreu a descoberta da vulcanização da borracha) e 1932 (período do fim da grande depressão). A maioria desses migrantes era proveniente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio grande do Norte (Ojima; Fusco, 2014), que saiu de suas terras devido à seca (fenômeno que atinge boa parte do Nordeste) ou atraído pelas atividades econômicas do local de destino, ou ainda pelos dois motivos.

Estima-se que, no início do século XX, 300 mil nordestinos tenham migrado para outra região, chegando a 900 mil nas décadas de 1930 e 1940, de uma população de 41,1 milhões de brasileiros (IBGE, 2024). Porém, com a ocorrência do colapso da produção da borracha, após a II Guerra Mundial, milhares retornaram para o Nordeste, enquanto uma boa parte continuou na Amazônia vivendo da agricultura de subsistência (Benchimol, 1999).

Dentre os estados que mais sofreram com a migração e que têm relevância para esta pesquisa, está o estado do Ceará. De acordo com o Censo Demográfico

[2] Migração: mudança permanente de um município para outro distinto (Golgher, 2004).

(IBGE, 2021), em 2010, esse estado possuía uma população de 8.452.381 habitantes, com 18% de seus nativos vivendo em outro estado.

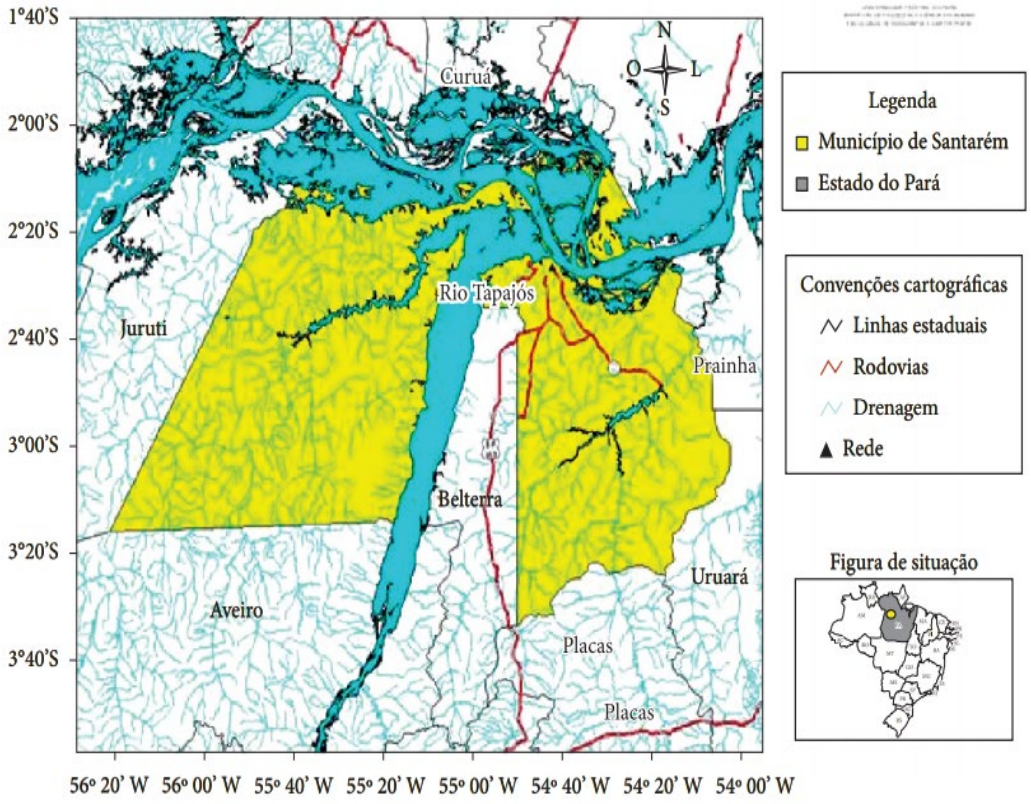
No período 1960-1970, emigraram[3] do Ceará 345.021 habitantes, no período subsequente (1970-1980), 464.781 cearenses e, no período de 1981-1991, 482.355 pessoas. As intempéries climáticas, como a seca, o elevado crescimento natural, o desequilíbrio econômico entre as regiões, a grande propriedade rural no Ceará, o baixo rendimento, o desemprego e a escassez de infraestrutura básica são apontados como os principais motivadores da migração cearense (Furtado, 1986; Parente, 1964; Ferreira, 2007).

Por outro lado, um dos lugares de destino desses migrantes foi a Região Amazônica e, consequentemente, o estado do Pará, com destaque para a cidade paraense de Santarém, conhecida como a “Pérola do Tapajós”, principalmente devido à sua localização privilegiada (à margem do rio Tapajós) e à beleza natural que a circunda, com destaque para o encontro das águas do rio Tapajós e do rio Amazonas. O cognome “Pérola do Tapajós” remete à metáfora de Santarém como uma joia em meio à Amazônia, destacando sua importância ecológica e cultural na região amazônica. Provavelmente essa referência surgiu devido ao belíssimo poema “A Pérola do Tapajós”, de autoria do santareno, professor, jornalista, filólogo, teatrólogo, escritor e poeta Felisbelo Sussuarana, em 1935 (Fonseca, 2021).

Santarém é uma cidade situada na região oeste do estado do Pará, na mesorregião do Baixo Amazonas, como ilustra a Figura 1.

[3] Emigrar: sair de seu local de origem (Cf. Golgher, 2004).

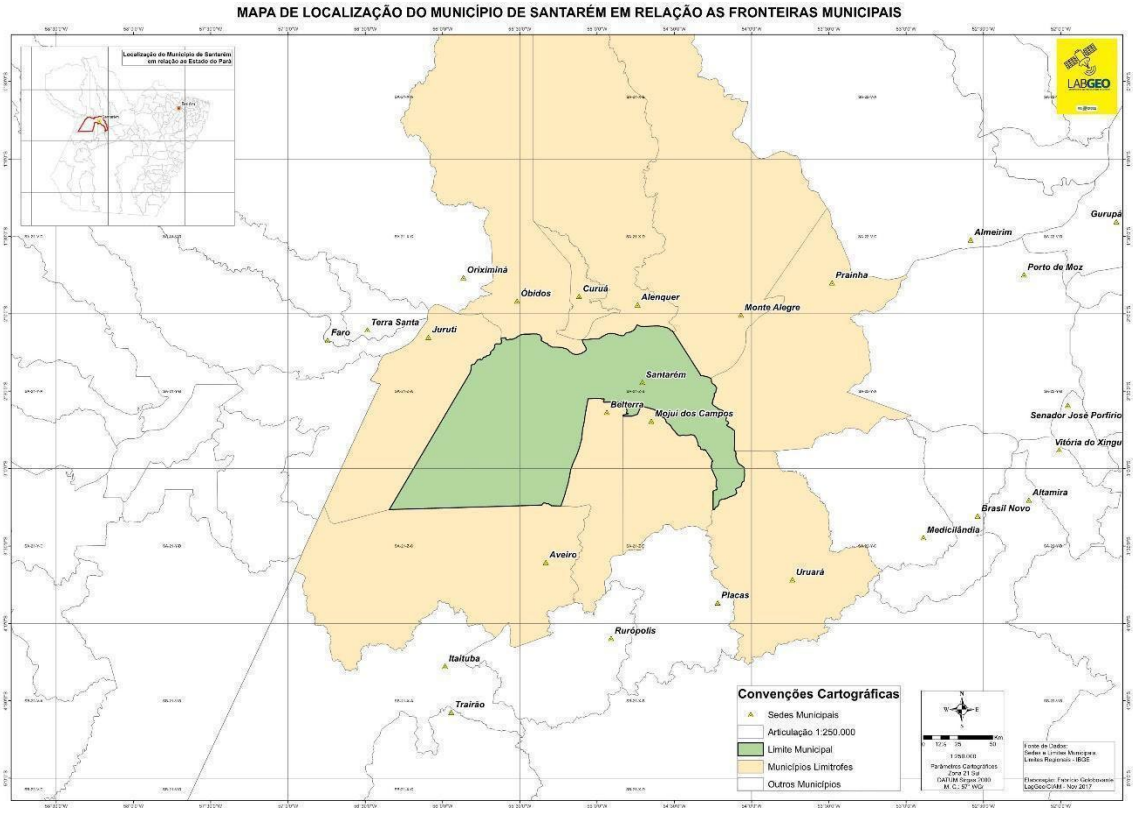
Figura 1 – Mapa Físico de Santarém-Pará



Fonte: Oliveira (2008).

Como é possível ver na Figura 2, Santarém está à margem direita do Rio Tapajós, na confluência com o Rio Amazonas, tendo como limites os municípios de Óbidos, Alenquer, Monte Alegre e Curuá, ao Norte; Aveiro, Rurópolis, Placas, Belterra e Mojuí dos Campos, ao Sul; Prainha e Uruará, ao Leste; e Juruti, a oeste.

Figura 2 – Mapa dos limites do Município de Santarém



Fonte: Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) (2023).

Conforme Leão e Oliveira (2011), a sua localização estratégica (confluência dos rios Tapajós com o Amazonas e entre a capital do Pará – Belém – e a capital do Amazonas – Manaus) lhe conferiu a função de entreposto comercial.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade ocupa uma área de 17.898,389 km^2 e tem 331.942 habitantes (censo de 2022), com estimativa populacional de 308.339 para o presente ano. Santarém é considerada a terceira cidade em tamanho populacional do Pará. De 1950 a 2000, conforme Ramos (2004), o município teve um crescimento populacional correspondente a 1.277,43%. Os principais fatores que ocasionaram essa expansão demográfica nesse período foram o ciclo da Borracha (1880-1910), o ciclo do Ouro (1800-1980) e o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979, doravante PND).

Como era de se esperar para uma cidade amazônica, o primeiro fator que motivou a vinda de pessoas para a cidade de Santarém foi o extrativismo vegetal, iniciando com a exploração das drogas do sertão[4] (guaraná, anil, salsa, urucum, noz

[4] Segundo Benchimol (1999), as drogas do sertão são os produtos autóctones fornecidos pela floresta amazônica e comercializados no Brasil Colônia.

de pixurim, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha, castanha-do-pará, dentre outros) e posteriormente para a exploração do látex. Vale ressaltar que o município não era um grande produtor desses itens; porém, devido a sua localização privilegiada, entre Manaus e Belém, beneficiou-se dele, sendo então, um “entreposto comercial de grandes quantidades de borracha que vinham da região do Rio Tapajós e afluentes, abrigando no seu centro comercial, muitos comerciantes fortes de borracha” (Ramos, 2004, p. 48).

Com o ciclo do ouro, a cidade passou a ser um posto de armazenagem de máquinas, equipamentos e alimentos para os garimpos, atraindo milhares de pessoas. Nas décadas de 50 e 60, concentrou-se o maior índice migratório da região, mais precisamente com migrantes advindos da Região Nordeste, expulsos pela seca de 1958 (Ramos, 2004).

Outro fator que motivou a vinda de migrantes para terras santarenas foi a “alocação de equipamentos previstos pelas políticas de integração, consumadas no II PND” para a construção da Hidrelétrica de Curuá-Una (entre os anos 1960 e 1980), no leste do município, propiciando desta forma a criação da PA-370 (Santarém-Curuá-Una) e a implantação da BR-163 (Rodovia Cuiabá-Santarém), na década de 1970, que tinha o objetivo de integrar física e economicamente a Amazônia ao Centro-Sul do país, além da construção do Aeroporto Internacional (em 1980) e a Avenida Fernando Guilhon, também conhecida como Santarém-Aeroporto (Leão; Oliveira, 2011).

Segundo Ramos (2004), essas construções transformaram a cidade em um “verdadeiro canteiro obras”, fazendo com que muitas famílias oriundas do Nordeste viessem para o município, ocasionando assim uma “crise” de moradias, já que a cidade, na época, não tinha habitações suficientes para atender à demanda.

Aguiar (2009) afirma que as primeiras famílias cearenses chegaram por volta da década de 50, mais estritamente o ano de 1951. Esse período é reconhecido pela maioria das famílias como início da migração nordestina para Santarém, porém, primeiramente a motivação da vinda de migrantes se deu devido ao período áureo da borracha, com políticas de colonização que envolviam o estímulo ao deslocamento desse grupo. Assim, provavelmente a presença de cearenses ocorreu antes dessa década.

Aguiar (2009), sob o ponto de vista sociocultural, denominou de cearenses tanto aqueles que nasceram no Ceará quanto os descendentes que se identificam ou

que sejam identificados como tal, mesmo não tendo nascido no Ceará, mas que assim são chamados por suas relações de sociabilidade. Para a estudiosa, a atribuição pelas famílias a esse período como sendo o ponto inicial da colônia cearense na região deve-se à ideia do "mito de origem[5]":

> Assim muito provavelmente a presença de cearenses em Santarém ocorreu bem antes da década de 1950. No entanto, as várias narrativas obtidas no trabalho de campo remetem a esse período como sendo o "fundador" da colônia cearense na região, o que nos remete a [*sic*] ideia de *mito de origem* da chegada desses migrantes cearenses, mas também, a [*sic*] possibilidade de perceber a seletividade da memória do grupo no intuito de construir uma memória que seja coletiva, daí o marco de 1951 (Aguiar, 2009, p. 22).

Um dos fatores que fizeram com que vários cearenses abandonassem sua cidade natal para irem a outros estados foram as secas de 1951-1953 e a de 1958, sendo que esta última chegou a atingir um raio de 500 km^2, fazendo com que cerca de 500 mil pessoas se deslocassem para outras regiões.

Conforme Aguiar (2009), essa primeira leva de cearenses, que chegou na década de 50, serviu de ponte para que outros migrantes se estabelecessem na cidade e determinassem critérios para a mediação desta vinda, tais como ser parente primário ou secundário desde que auxiliassem no trabalho ou exercessem a sua autonomia financeira. Assim, a família foi o elemento crucial para a manutenção do fluxo constante e pela ligação entre a origem (Ceará) e o destino (Santarém). Fato esse que foi comprovado nas entrevistas.

A pesquisadora dividiu os cearenses migrantes em três gerações a partir do processo migratório. Para isso, ela não usou critérios de idade e nem de naturalidade, mas sim "a troca de experiências que constituem escalas geracionais a partir do processo migratório" (Aguiar, 2009, p. 77). A autora percebe as gerações como um conjunto de experiências que unem os indivíduos em suas relações sociais e não como estamentos. Assim, ela pensa em geração a partir de dois sentidos: primeiro, relacionando-a e ativando-a pelo processo migratório que conectam valores e englobam as pessoas em processos históricos comuns; segundo, relacionando-a a viver ou estar em uma determinada condição.

[5] Os mitos de origem são narrativas que, além de explicar as origens de um povo ou fenômeno, também sustentam e transmitem a identidade cultural, os valores e a coesão social de uma comunidade (Cascudo, 1988; Brandão, 1985).

Dessa forma, podemos compreender que a primeira geração é composta pelos primeiros migrantes vindos na década de 50. Geralmente compunham essa geração os casais que vieram com filhos ou homens solteiros, cuja decisão de migrar partiu do homem, sendo o trabalho no comércio uma de suas características, principalmente a atividade de mascate, enquanto as mulheres eram responsáveis pelo serviço doméstico. Conforme Aguiar (2009), a essa geração pertencem as narrativas de migração e de fixação, que geralmente mostram a sofrida condição de vida dos migrantes, o número elevado de filhos e a perda de alguns deles, além de histórias que evidenciam o fortalecimento dos laços familiares. Porém, observamos que essas histórias também aparecem nas demais gerações, principalmente na geração seguinte.

A segunda geração, que é o público-alvo desta pesquisa, é composta pelos filhos desses migrantes. Alguns deles vieram na infância, outros nasceram na cidade de Santarém. Cresceram em meio à diferenciação com os paraenses, por isso aparecem em suas narrativas “uma segregação de espaços de sociabilidade” (Aguiar, 2009, p. 79). Segundo Aguiar (2009), foi a partir dessa geração, que as mulheres passaram a trabalhar fora do ambiente doméstico, motivadas pela necessidade de ajudar no empreendimento familiar, uma vez que muitos cearenses abriram estabelecimentos comerciais, sobretudo comércio de bens de consumo e de bens não duráveis.

Na terceira geração, estão os netos dos cearenses migrantes. Para Aguiar (2009), nesse caso, prevalece o sentimento de pertencimento à cidade, porém a identificação ainda é com o grupo cearense. Eles se consideram santarenos e paraenses, embora culturalmente se identifiquem com os cearenses, mantendo seus hábitos e costumes. Apesar de ajudarem os pais no comércio, há a busca pela formação em nível superior e atuação como profissionais liberais. É interessante observar que houve um processo crescente de escolarização. Os da primeira geração geralmente eram cearenses sem escolaridade ou com baixa escolaridade; os da segunda geração possuem o ensino médio e, numa quantidade muito pequena, o curso superior; boa parte da terceira geração possui o ensino superior. Isso se deu devido à ascensão socioeconômica das famílias cearenses (Aguiar, 2009). Porém, podemos atribuir também esse ingresso no curso superior às políticas públicas do país, pois nos últimos anos, diversos programas foram implementados no Brasil, com o objetivo de facilitar o acesso de camadas mais desfavorecidas da população ao

ensino superior. Dentre eles, temos o Programa Universidade para Todos (Prouni), criado em 2004, que concede bolsas de estudos integrais e parciais em instituições de ensino superior privadas a estudantes de baixa renda (MEC, 2024a), e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que permite o financiamento de cursos em instituições privadas (MEC, 2024b).

Para esta pesquisa, o interesse está na segunda geração, a linhagem que cresceu em meio à diferenciação com os paraenses e que vivenciou conflitos entre a comunidade paraense e a comunidade cearense. De acordo com Souto (1985), justamente na época em que essa segunda geração estava na infância ou na adolescência, os nativos, ao perceberem que os nordestinos competiam pelo mercado de trabalho, aumentando a oferta e diminuindo o valor da mão-de-obra, transformam sua frustração, por não conseguirem impedir a chegada em massa dessas presenças inesperadas, em racismo e discriminação. Entretanto, devido ao despreparo, geralmente ocupavam funções mais subalternas ou iam labutar na agricultura. Os cearenses que vieram para o Pará, na década dos anos 40 e 50, voltaram-se mais para o comércio, trabalhando como camelôs, vendedores ambulantes, autônomos, biscateiros, donos de biroscas e bancas de feiras (Benchimol, 1999).

Como em algumas regiões alguns migrantes nordestinos chegavam sujos, suados, famintos e com um sotaque diferente dos nativos, eles eram classificados como analfabetos, malvestidos e sem noção de higiene. Há casos em que os nativos passavam pelos cearenses migrantes e cuspiam de nojo ao vê-los (Maior, 1985). O nordestino, nesse contexto, defronta-se com mais um inimigo além daqueles que já enfrentava (fome, analfabetismo, opressão econômica e severidade dos elementos naturais): a discriminação. Para Maior (1985), essa discriminação era múltipla e entrecruzada, pois cada grupo sofria, ao seu tempo, alguma forma de discriminação da parte dos outros, em grupo ou individualmente. Eram estereotipados como incultos, analfabetos, bárbaros, assassinos em potencial (já que a maioria deles andava sempre com suas famosas e inseparáveis “peixeiras”, que aterrorizavam as mentes de seus desafetos), arruaceiros, assaltantes em potencial e imundos. Enfim, cidadão inferior, tolerado, mas jamais apreciado e admirado (Maior, 1985). Quando algum nordestino se destacava na sociedade, era aconselhado a fazer um curso de atenuação de sotaque para corrigi-lo (Maior, 1985). Sob esse prisma, o falar do forasteiro devia tornar-se agradável aos ouvidos do nativo. Quando isso não era

imposto diretamente, era indiretamente; quanto mais o sotaque se diferenciava do nativo, mais o falante de fora era alvo de deboche.

Bagno (1999) aponta tal atitude contra os sotaques no Brasil como uma das manifestações do preconceito linguístico, argumentando que eles, frequentemente associados à região de origem ou ao grupo social de uma pessoa, são alvo de discriminação, refletindo hierarquias sociais e desigualdades regionais no país. Como indica o autor, esse preconceito não está baseado em critérios linguísticos objetivos, mas em julgamentos sociais e culturais que desvalorizam determinados grupos, associando-os a estereótipos negativos. Além disso, Bagno (1999) destaca que esse tipo de preconceito é uma forma de reforçar desigualdades sociais, pois associa características linguísticas à inferioridade cultural ou intelectual.

Para Labov (1972b), o sotaque é um termo que frequentemente carrega uma carga ideológica e social, sendo, na prática, um reflexo das diferenças linguísticas entre falantes de diferentes regiões, classes sociais ou grupos étnicos. O sotaque também pode funcionar como um marcador social de classe, influenciando a forma como as pessoas são percebidas socialmente. A pronúncia de falantes de classes sociais mais baixas ou de regiões específicas frequentemente é considerada como inferior, pois é diferente da variante considerada “padrão”, normalmente associada a falantes de classes mais altas ou regiões metropolitanas mais prestigiadas. Para o autor, as variações linguísticas não devem ser vistas como defeitos ou falhas na língua, mas como parte de um sistema linguístico estruturado, com regras próprias, sendo uma expressão legítima da diversidade linguística.

Segundo Maior (1985), um dos métodos mais usados pelos racistas para discriminar as minorias (negros, índios, nordestinos e imigrantes em geral) era a agressão por meio de palavras e do riso, que pode ser usado como forma de discriminação, ao marginalizar, humilhar ou menosprezar grupos com base em diferenças percebidas. Isso ocorre através da exclusão social, do reforço de estereótipos, da manutenção do poder dominante e até mesmo como mecanismo de defesa. Enquanto o humor desafiador pode ser aceitável, é importante distinguir entre o humor provocativo e o ofensivo.

Segundo Benchimol (1999), foi nessa época que o apelido “arigó” foi usado para se referir aos nordestinos que chegaram na Amazônia. A alcunha refere-se a uma ave migratória que se movimenta em grupos. Como os cearenses chegavam em bandos, foram designados dessa forma. Esse termo tem conotação pejorativa,

evidenciando que esses migrantes constituíam um grupo à parte da cidade, vivendo em grandes quantidades e passando situações adversas. Ao longo do tempo em Santarém, esse termo começou a ser empregado para designar pessoas incultas, avarentas, sem higiene, sendo usado como forma preconceituosa de diminuir o cearense.

Baseados na observação empírica, percebemos que, hoje em dia, esse termo é usado apenas pelos santarenos nascidos até a década de 1990. A maioria dos que nasceram a partir da década de 2000 não utiliza o termo com frequência e, quando faz uso, há o entendimento como sinônimo de “pessoa tola”.

Hoje em dia, os santarenos e os descendentes de cearenses já estão bem mesclados, pois um considerável número de cearenses casou-se com paraenses surgindo assim famílias compostas pelas duas comunidades. Um dos principais espaços de sociabilidades criados pelos cearenses – o Comércio Atlético Cearense (fundado na década de 60) é atualmente frequentado tanto por cearenses quanto por paraenses.

Além desse espaço, os cearenses possuem mais dois momentos/espaços de sociabilidade que são úteis “por garantir a compreensão das redes de relações estabelecidas e da construção da própria identidade e dos elementos que a compõem” (Aguiar, 2009, p. 43): o centro comercial de Santarém e as reuniões familiares em casas ou balneários. Convém ressaltar que, apesar de não existir um levantamento que informe a quantidade de comerciantes com naturalidade cearense, é perceptível a presença massiva desse grupo nas áreas comerciais de Santarém, principalmente nas lojas de confecções, tecidos, sapatarias, artigos de casa, lanchonetes, farmácias entre outros.

Conforme Aguiar (2009), as lojas se configuram não somente como espaço onde se mantêm as relações de trabalho, mas também onde eles dirigem a sua vida familiar. É interessante observar que uma mesma família pode possuir mais de uma loja na mesma rua, comercializando o mesmo produto ou possuir tipos de comércio diferentes: loja de confecção e loja de sapato, armarinho e farmácia e assim por diante. Outro fator que merece destaque é que o comércio para os cearenses não é um fator de disputa familiar, mas sim um agregador, pois geralmente a iniciação no comércio é feita com o suporte de algum familiar. Porém, vale a pena ressaltar que as lojas não fazem parte de um grupo empresarial familiar; cada grupo familiar administra seu próprio comércio.

Apesar da dificuldade enfrentada pela primeira e pela segunda geração, ao chegar no município, muitas vezes sem nada, somente com a força para o trabalho, atualmente, os cearenses ocupam uma posição de destaque na economia santarena, pois uma expressiva quantidade de cearenses são donos de estabelecimentos comerciais. Atualmente, o cargo de prefeito da cidade é ocupado por um cearense da segunda geração. Vale ressaltar que, apesar dessa integração na sociedade santarena, ainda paira a discriminação contra este grupo, principalmente nas redes sociais. É comum a presença de comentários depreciativos a cearenses em reportagens ou publicações *on-line*.

Moita Lopes (2006) aponta que os desafios enfrentados pelos estudos contemporâneos residem em como compreender a vida atual ao mesmo tempo em que se produz conhecimento e se “colabora para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (Moita Lopes, 2006, p. 86). O autor também questiona como os indivíduos que vivenciam o sofrimento humano podem contribuir para a construção ou, ao menos, para a compreensão de uma sociedade mais humana e sensível, tanto em relação às pessoas quanto à natureza. Assim, esta pesquisa busca ampliar as vozes de milhares de migrantes que, enfrentando inúmeras incertezas e desafios, deixam suas terras em busca de melhores condições de vida e frequentemente enfrentam rejeições ao serem vistos como "estrangeiros" em seus destinos. Busca-se, desta forma, contribuir, ainda que modestamente, para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa

3 DIÁLOGO COM NAVEGADORES MAIS EXPERIENTES

Para Woodward (2014), a migração não é uma prática nova, pois é própria da ocupação do planeta, porém a globalização a intensificou. Geralmente as pessoas, motivadas pela necessidade econômica, têm se espalhado por terras diferentes das suas origens, causando impacto tanto na terra deixada para trás quanto na nova terra. Consequentemente, isso impacta a produção das identidades, pois, para a autora, esse ato produz tanto identidades plurais como identidades contestadas, geradas em um “processo que é caracterizado por grandes desigualdades” (Woodward, 2014, p. 21).

De acordo com De Fina e Georgakopoulou (2012), essa identidade de grupo é representada e negociada nas narrativas, pois, através delas, os narradores constroem representações compartilhadas sobre quem são, estabelecendo-se como membros de grupos particulares através de escolhas interacionais, linguísticas, retóricas e estilísticas. Assim, o que define a identidade da pessoa não é apenas o conteúdo da narrativa, mas a maneira como ela usa recursos socialmente estabelecidos para contá-la. A seguir, nos aprofundaremos nesses dois temas (narrativas e identidades), que servirão de base teórica para este estudo.

3.1 NARRATIVAS

A narrativa, segundo De Fina e Georgakopoulou (2012), é considerada fundamental para a comunicação humana, a qual é usada na maioria de suas atividades diárias. Mesmo antes do surgimento da escrita e da fala, já podíamos observar nas paredes das cavernas os desenhos contando histórias. Porém, “a caracterização objetiva do que conta como uma história dentro do fluxo do discurso, de como ela é organizada internamente, e de como ela pode ser separada da fala que a cerca” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 26), continua sendo uma tarefa bem difícil para os estudiosos da área. Para melhor entendermos o que são narrativas e como podemos estudá-las, discorreremos sobre algumas abordagens de estudo sobre este tema, principalmente aquelas que influenciaram o tipo de estudo feito por esta pesquisa.

A primeira abordagem é considerar a narrativa como um tipo de texto. Ver a narrativa dessa forma, conforme De Fina e Georgakopoulou (2012), implica ter que

estabelecer claramente critérios de definição e vê-la como uma atividade estruturada (com início, meio e fim) contendo elementos claramente identificáveis e passíveis de análise. Resumindo, nessa visão “a narrativa é vista como tendo propriedades textuais que se aplicam a todos os contextos, e a tarefa do analista é tanto descobri-las quanto esclarecer o que pode ser específico da cultura” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 2).

Sob essa visão, a narratologia é o estudo mais importante, pois assume a narrativa como um gênero, procurando descrever os seus elementos típicos e como suas características se conectam com o arcabouço dos modelos teóricos (tipologias). Em outras palavras, seu objetivo é entender como as histórias são contadas e como os elementos narrativos são organizados (Ryan, 2004) e, assim, diferenciar a história de outros tipos textuais.

Segundo Mancelos (2017), a narratologia, ao estudar a estrutura das narrativas, aborda a análise de histórias sob dois aspectos principais: o plano da história e o plano do discurso. No primeiro, a análise se concentra nos elementos que compõem a narrativa em termos de conteúdo, incluindo o estudo dos papéis e ações que os personagens assumem nela, além da análise dos acontecimentos que ocorrem ao longo da história e a exploração de ambientes e cenários onde a ação se desenrola. No segundo plano, o foco se concentra na maneira como a história é contada, envolvendo a análise de quem narra a história e de qual ponto de vista é apresentado - que pode ser através de analepse (recuo no tempo), prolepse (antecipação de acontecimentos ou informações), elipse (omissão de uma parte da sequência dos eventos) e resumo - e a investigação do estilo e da escolha linguística usada pelo narrador.

Segundo Mancelos (2017), o foco dos narratologistas está na história como um tipo de texto que pode ser distinguido de outros gêneros. Por isso, o objetivo desses profissionais é produzir definições do que é uma história. Além disso, eles geralmente assumem que os critérios de definição de narrativa são universalmente aplicáveis e que a narrativa pode ser teorizada como tal. A narratologia é, em sua maioria, dedicada ao estudo dos textos literários, mas sua influência nos estudos linguísticos da narrativa é inegável. À luz dessas questões, nossa discussão se preocupará principalmente com aspectos dentro dessa disciplina que são relevantes também para o estudo linguístico da narrativa.

De acordo com De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 2), a maioria dos narratologistas clássicos definiram a narrativa como uma “série de eventos temporal e causalmente ordenados”. Para as autoras, embora as definições específicas variassem, a ideia de que as histórias são feitas de eventos é comum na maioria das conceituações dos pesquisadores dessa área. Chatman (1990 *apud* De Fina, 2013) apontou, como ponto principal para diferenciar a narrativa de outros textos, a ordem cronológica, envolvendo tanto o tempo externo (tempo do discurso) como o tempo interno (tempo da história, ou seja, a sucessão de eventos constituintes do enredo). Para Prince (1973), os eventos (considerados como unidade fundamental que constitui uma narrativa) são ligados tanto cronológica quanto causalmente. Isso leva o autor a definir uma narrativa mínima como um conjunto de eventos ordenados cronologicamente e causalmente conectados, em que o segundo estado é uma transformação do primeiro.

Além da narratologia, a narrativa também é estudada pelas gramáticas da história como um tipo de texto. Os seus pesquisadores veem a narrativa como uma atividade cognitiva, por isso o foco de seus estudos é verificar como os indivíduos entendem e recordam histórias e em que se baseiam para considerar uma história boa ou não.

Conforme Beaugrande (1982 *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012), esse estudo se desdobrou em duas tendências: *story-schema* e *story-grammar*. Na primeira tendência, a narrativa é vista como “uma representação abstrata sobre a estrutura e o conteúdo da história” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 05). Essa definição é baseada nos modelos cognitivos de processamento de texto, que consideram a compreensão textual como um processo de decodificação de novas informações com base em outras já existentes. Esse conhecimento prévio é armazenado na memória por meio de esquemas que representam um conjunto de relações de sentido (esquemas e *frames*) ou situações estereotipadas (*scripts*), permitindo ao indivíduo fazer inferências sobre o que ouve ou lê. Assim, segundo Beaugrande (1982 *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012), as narrativas seriam formadas por vários componentes básicos (cenário, tema, trama, dentre outros) e pelas relações estabelecidas entre si. Dessa forma, esquemas de histórias seriam protótipos que temos em nossa mente e em que nos baseamos para julgar se um texto é ou não uma narrativa. Assim, um texto pode estar próximo ou distante desse modelo, daí a narratividade ser vista também como uma questão de grau.

Na segunda tendência, *story-grammar*, para Beaugrande (1982 *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012), o foco recai sobre a descrição da estrutura interna de uma narrativa, apresentando uma sintaxe organizacional de histórias com base na combinação dos seus componentes básicos e de sua ordenação interna, ou seja, uma história, por exemplo, seria uma combinação de elementos (cenário + evento iniciante + reação + final) com especificação da posição e do conteúdo de cada um desses elementos.

Conforme De Fina e Georgakopoulou (2012), esses critérios de definição são importantes para a construção de modelos abstratos de narrativa, no entanto, esses modelos apresentam vários problemas, como a falta de clareza do *status* das regras criadas por eles, os quais não foram capazes de validar empiricamente as hipóteses das características básicas que precisam estar presentes para que uma história seja considerada como tal. Os autores afirmam ainda que muitos dentro dessas tendências concluíram que as narrativas não podem ser definidas ou compreendidas sem levar em consideração o narrador e o público dessas histórias narradas.

Desse modo, as abordagens narratológicas mais recentes começaram a dar mais valor ao papel do leitor ou ouvinte na interpretação do texto. Assim, a compreensão textual seria “um processo de criação de modelos mentais ou situacionais do mundo descrito no texto” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 7). Tais modelos mentais são vistos como “representações mentais multimodais complexas contendo relações espaço-temporais, causais e informações sobre objetos, pessoas e motivações” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 7). Herman (2002 apud De Fina; Georgakopoulou, 2012) equipara os mundos da história a modelos mentais que os leitores criam, sobre quem fez o quê a quem, onde, por que e de que forma, em uma determinada história. As narrativas então constroem seus próprios mundos possíveis com suas próprias regras e lógicas que dão sentido aos eventos da história e que são diferentes do mundo real. Para entender esse mundo, o leitor deve relacioná-lo à sua experiência do mundo natural, por meio da ativação de esquemas e roteiros que derivam dessa experiência. Para Fludernik (2009, *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012), a principal função da narrativa seria comunicar a experiência humana.

Outro conceito que também passou por reformulação, de acordo com De Fina e Georgakopoulou (2012), foi o de narratividade, que antes se restringia às características como ordem temporal de eventos, complicação, presença de personagens humanos, ação direcionada a objetivos entre outros, e agora é vista

como algo que é atribuído aos textos pelos leitores. Por isso Fludernik (2009 *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012) a definiu como uma representação de experiências, e Prince (1973, *apud* De Fina; Georgakopoulou, 2012) como algo escalar, ou seja, que pode estar presente em menor ou maior grau. Assim, os textos teriam alta ou baixa narratividade.

Como dizem De Fina e Georgakoupoulou (2012), em adição a esses estudos, há ainda aqueles que consideraram a narrativa como um tipo especial de texto, já que pode ser usada em qualquer tipo de discurso. Por exemplo, Chatman (1990) distinguiu os textos entre narrativa, descrição e argumento; Adams (1996) fez distinção entre narrativa, descrição e exposições; Werlich (1976) classificou os textos em descrição, exposição, argumentação e instrução; e Longacre (1989) considerou quatro tipos de textos: discurso narrativo, processual, exortatório e expositivo. McCabe e Bliss (2003) e Miller e Sperry (1988) estudaram o desenvolvimento narrativo, que se concentra em aspectos da produção das narrativas, como "sequenciamento de eventos, manutenção de tópicos, formas de se referir aos personagens da história, informatividade e avaliação da história" (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 14).

Além de ser vista como um texto, a narrativa também foi vista como modo. De acordo com De Fina e Georgakopoulou (2012), alguns autores – como Brunner (1990), Hymes (1996) e Ricoeur (1994) – consideraram a narrativa como um modo de pensamento, comunicação e apreensão da realidade ao mesmo tempo que é fundamental para a constituição cognitiva do ser humano, por isso ela é importante para a compreensão humana do mundo. Essa visão teve início na década de 1980, com o que se configurou como uma "virada narrativa". Nas palavras de Bastos (2005, p. 74):

> esse interesse de diferentes disciplinas das ciências humanas e sociais pela narrativa – a chamada virada narrativa – ocorre no contexto de uma mudança de paradigma científico, que critica, por exemplo, metodologias mais tradicionais de pesquisa (a formalização, a experimentação, a quantificação), pautadas em modelos das ciências sociais exatas. A pesquisa pós-positivista, de natureza qualitativa e interpretativista, sustenta que a complexidade envolvida nos fenômenos sociais não pode ser atingida com o aparato metodológico tradicional.

Para De Fina e Georgakopoulou (2012), essa virada enfatiza a importância da narrativa na construção e compreensão do conhecimento humano, defendendo os seguintes pontos: 1) a narrativa não é apenas uma forma de contar histórias, mas

também uma maneira fundamental de organizar e interpretar a experiência humana (Polkinghorne, 1988); 2) as narrativas são formas de representar a realidade que depende do contexto e da perspectiva do narrador (Ricoeur, 1994); 3) as narrativas desempenham um papel crucial na construção da identidade individual e coletiva, ajudando as pessoas a entender quem são e se situam no mundo (Somers, 1994). Esse ponto de vista permeia várias disciplinas, indicando que o estudo das narrativas é relevante não apenas na Literatura, mas também na Sociologia, Antropologia, Psicologia, História e outras áreas.

Os primeiros a tratarem sobre narrativa, levando em consideração o aspecto social, foram Labov e Waletzki (1967), que a definiram como “um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos que (infere-se) ocorreram de fato” (Labov, 1972, p. 359). Então, para os autores, se tivermos duas orações com verbos no pretérito que se ligam uma à outra numa sequência temporal recapitulando experiências passadas, teríamos o que Labov (1972) chama de narrativa mínima. Atentemos para o fato de que não é qualquer texto que recapitula um evento passado que pode ser considerado uma narrativa, o elemento essencial para a definição é a sequência temporal. Dois elementos nos chamam atenção na definição laboviana: a sequencialidade temporal e a reportabilidade, ou seja, é de grande importância que as orações narrativas estejam na sequência cronológica dos eventos ocorridos para não alterar o seu significado e que aquilo que está sendo contado seja digno de ser reportado.

Segundo o modelo laboviano (Labov, 1972), as narrativas apresentam as seguintes propriedades:

- sumário – breve resumo que tem como finalidade anunciar o assunto que será tratado e preparar o ouvinte para a história. Geralmente é composto por uma ou duas orações, como por exemplo “Eu já te falei sobre o que aconteceu comigo no Natal?” ou “Algo medonho aconteceu comigo ontem”;
- orientação – momento em que o narrador oferece detalhes sobre o tempo, o lugar, os personagens, a atividade e a situação;
- ação complicadora – sequência de eventos apresentados em orações narrativas com verbos no passado, cuja ordem dos eventos apresentados não pode ser alterada, ou seja, o que aconteceu na narrativa;

- avaliação – momento do anúncio do ponto de vista do narrador sobre o ocorrido, isto é, aquilo que justifica que determinado evento seja contado.
- resultado/resolução – finalização da ação complicadora, ou seja, a chegada dos eventos ao clímax e a uma conclusão, muitas vezes coincide com a oração final da narrativa;
- coda – momento de retorno do falante à situação presente, isto é, são as observações que sinalizam o término da narrativa e o efeito do fato narrado no narrador.

De acordo com Oliveira (2013), partindo dos estudos labovianos, o pesquisador pode estudar uma narrativa a partir das respostas às seguintes perguntas: sobre o que é o relato? (sumário); quem participa, quando, do que, onde? (orientação); o que aconteceu? (complicação); e daí? (avaliação); resultou em quê? (resolução). No entanto, nem todas as histórias se enquadram nessa estrutura, principalmente aquelas que surgem nas conversas do dia a dia.

As narrativas estudadas por Labov são fruto de um “contexto de entrevistas sociolinguísticas, nas quais o pesquisador estimulava o entrevistado a contar histórias, com o objetivo de neutralizar o chamado paradoxo do observador” (Bastos, 2005, p. 79). Assim, o entrevistador assumia o papel de coletor de histórias, sendo um mero ouvinte que se mantinha em silêncio até o fim da narração, enquanto o narrador era o detentor da palavra até o final da história, pois o que se pretendia estudar era somente a narrativa enquanto produção exclusiva do narrador. Porém, como afirma Oliveira (2013), as narrativas são construções discursivas que ocorrem em contextos de interação e podem variar desde situações de entrevista em que o entrevistador atua como um simples solicitador da história, criando dinâmicas interpessoais assimétricas e carentes de intimidade, até situações de conversação que, em geral, valorizam a espontaneidade das produções e tendem a reduzir as assimetrias na interação. As diferentes atividades discursivas presentes nesses contextos interacionais conferem características peculiares às narrativas, dando-lhes forma e estrutura. Dessa forma, podemos considerar as narrativas em dois extremos: i) narrativas canônicas, que estão enquadradas nos moldes labovianos, eliciadas por entrevistadores prototípicos que evitam interrupções, permitindo que o entrevistado conte sua história de forma ininterrupta; e ii) narrativas não-canônicas, que surgem durante conversas presenciais, criadas em conjunto por um narrador que alterna a posse da palavra com

os outros participantes, não levando em conta o contexto interacional da narração. Todavia, como é o caso desta pesquisa, há narrativas que surgem em contextos interacionais híbridos (Oliveira, 2013), pois contêm ações de diferentes atividades discursivas. Por exemplo, na entrevista narrativa, temos uma pergunta eliciadora de histórias (ação típica de uma entrevista) e a co-narração (ação típica de narrativas conversacionais).

Para as histórias não abarcadas pelo modelo laboviano, Ochs e Capps (2001) propõem uma nova abordagem, levando em consideração justamente as características da conversação cotidiana. Nesta pesquisa, adota-se a proposta de Ochs e Capps (2001) para o empreendimento analítico das narrativas que surgiram nas entrevistas realizadas, com o objetivo de analisar o encaixe das narrativas na entrevista e a construção identitária dos participantes.

Segundo Ochs e Capps (2001), a narrativa não é um gênero simples, pois contém alguns ou todos os componentes do discurso, como a descrição (elementos que constroem o cenário no qual o evento ocorreu, equivalente à orientação, de Labov), a cronologia (pode ser linear ou complexa, chamada por Labov como ação complicadora), a explicação (o motivo que fez com que um determinado evento ocorresse em um determinado ponto da sequência narrativa, seria o que Labov chama de avaliação) e a avaliação moral e estética das ações, emoções, pensamentos e condições mundanas, que permeiam a narrativa desde o seu início.

Quando se trata de narrativas conversacionais, outros elementos das ações conversacionais são incorporados a elas, como, por exemplo, questionamentos descritivos, clarificações cronológicas, desafios avaliativos e especulações explanatórias. Sendo assim, a cronologia é o elemento que melhor distingue a narrativa de outros textos, já que a sequência temporal de dois ou mais eventos é considerada por muitos como uma marca registrada da narrativa. Porém, elas chamam a atenção para o fato de que essa propriedade não é universalmente reconhecida.

A narrativa, na perspectiva de Ochs e Capps (2001), pode ser estudada com sucesso em termos de um conjunto de dimensões (narração, historiabilidade, encaixe, linearidade, postura moral) em diferentes graus e de maneiras diferentes, mesmo que não se manifestem de forma elaborada. Vale ressaltar que, para as pesquisadoras, cada uma dessas dimensões estabelece uma gama de possibilidades, realizadas em performances narrativas particulares. O Quadro 1 ilustra tal perspectiva.

Quadro 1 – Dimensões e Possibilidades da narrativa

Dimensões	**Possibilidades**	
Narração	Um narrador ativo	➡ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	➡ Baixa
Encaixe	Isolada	➡ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	➡ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	➡ Indeterminada, fluida

Fonte: Adaptado de Ochs e Capps (2001, p. 20).

Essa análise pode abarcar tanto as narrativas canônicas como aquelas que surgem em conversas cotidianas, pois propõe um estudo que se enquadra em um dos extremos do *continuum*, cujas possibilidades são variadas, como ter somente um narrador ativo ou múltiplos e ativos co-narradores, relatar eventos com pouca ou muita historiabilidade, ser isolada ou encaixada no discurso e na atividade circundante, organização causal e temporal linear ou não linear, e postura moral determinada e constante ou indeterminada e fluida.

A dimensão da narração diz respeito à quantidade de pessoas envolvidas no ato de narrar e ao tipo de envolvimento delas (baixo ou alto). Conforme as autoras, quando o indivíduo narra, ele dá vida a um conjunto de eventos relatáveis por meio de uma variedade de recursos comunicativos, como, por exemplo, a fala, gestos, orientação corporal, movimento e expressão facial, entre outras modalidades. As possibilidades de narração variam de um contador que basicamente reconta uma narrativa diante de um público relativamente passivo a um conjunto de contadores ativos que colaborativamente fornecem e evocam formações e posturas relevantes para eventos que aconteceram. Além disso, um narrador pode incorporar várias vozes em sua narração utilizando citações diretas e indiretas. Há casos em que a influência das ideias dos outros está implícita na narração, por exemplo, quando usamos em uma narrativa um termo que já foi desenvolvido e usado por outros antes de nós.

No que se refere aos ouvintes, o envolvimento deles em uma narrativa pode ser relativamente baixo ou relativamente alto. O envolvimento relativamente baixo ocorre quando um narrador prevalece na narração, e os parceiros de conversação mantêm o papel de ouvintes relativamente passivos. Já o envolvimento relativamente alto se dá quando o ouvinte dá contribuições substanciais às narrativas através de enunciados, ou até mesmo, por meio do contato visual, movimentos de cabeça, orientação corporal em direção ao falante ou reações faciais e somáticas expressivas.

Às vezes, o narrador pode induzir o ouvinte a desempenhar o papel de co-contador altamente envolvido, por exemplo, quando o entrevistado faz com que o entrevistador complete um enunciado ou quando usa um eufemismo, convidando o ouvinte a fornecer o significado mais explícito. O ouvinte também é atraído para a co-contação ativa quando um contador de histórias pede ajuda, mesmo que não seja estritamente necessário. Outras vezes ele simplesmente entra na narração espontaneamente, tendo uma reação psicológica, solicitando esclarecimentos ou discordando, contribuindo, assim, significativamente para a formação do enredo. O co-contar ativo pode se dar também quando o ouvinte expande uma narrativa contando uma segunda história, pois esse tipo de história é entendido como parte de uma série de histórias relacionadas entre si, moldadas temática e estruturalmente pelas anteriores, fornecendo experiências e perspectivas comparáveis ou contrastantes.

A historiabilidade, segundo as autoras, é a dimensão “que varia de um foco retórico sobre uma quebra de expectativa altamente reportável e suas notáveis consequências (alta historiabilidade) a relato de eventos relativamente ordinários (baixa historiabilidade)” (Ochs; Capps, 2001, p. 76). Em outras palavras, as narrativas pessoais variam em sua qualidade como relatos contáveis. Essa dimensão está relacionada não apenas à natureza sensacional de um evento, mas também ao significado dos eventos para determinados interlocutores e à maneira como os eventos são retoricamente moldados na narrativa. Assim elas assumem as qualidades de alta e baixa historiabilidade. Uma narrativa tem baixa historiabilidade quando, por exemplo, o narrador faz um relato hesitante e desajeitado ao procurar palavras, corta frases e as recomeça, revisa sua afirmação ou perspectiva inicial, ou quando não tem certeza de onde suas histórias estão indo e, às vezes, quando deixa fios da história pendurados sem resolução.

No que se refere ao encaixe, este constitui a forma como uma narrativa está inserida no discurso circundante e na atividade social, podendo ser isolada ou encaixada. As relativamente isoladas podem relatar uma experiência em um ou mais longos turnos de conversação, cujos conteúdos temáticos não se relacionam com o tópico atual ou foco de atenção. Já as relativamente encaixadas têm um formato igual à tomada de turno, sendo recontadas em turnos de duração variável, semelhantes aos que precedem e seguem. Elas são tematicamente relevantes para um tópico em

discussão ou atividade em andamento, ilustrando um ponto, fazendo comparação, apoiando um argumento ou elaborando um foco de preocupação.

A linearidade, por sua vez, consiste na maneira como o narrador sequencia os eventos narrados, que podem ser na forma linear (única, temporal, causal e finalizada) ou não linear (trajetórias diversas, não fechadas e incertas). Em outras palavras, uma narrativa pode organizar eventos ao longo da vida ou pode organizar eventos de vida que ocorrem dentro de um período mais limitado, por exemplo, um breve encontro, um acidente, uma festa etc. Narrativas relativamente lineares retratam uma progressão abrangente de eventos em que um evento precede temporalmente ou leva causalmente a um evento subsequente, enquanto nas não lineares, a maneira como um evento se relaciona com outro temporal e causalmente é aberta, ou seja, os contadores perdem a noção das ligações que estabeleceram entre os eventos, confusão, desacordo e lapsos de memória.

Por último, temos a postura moral que são os valores morais que permeiam a narrativa, é uma postura acerca do que é bom ou valorável e de como devemos viver no mundo. Nós, seres humanos, julgamos a nós mesmos e aos outros em relação aos padrões de bondade, elogiando, culpando ou responsabilizando as pessoas moralmente por seu comportamento. Segundo as autoras, enquanto os entendimentos morais são transmitidos através de uma variedade de formas culturais (provérbios, leis, máximas, conselhos, canções e outros), as narrativas codificam e perpetuam visões de mundo morais. Assim ao narrar, o sujeito avalia os protagonistas como agentes morais, cujas ações, pensamentos e sentimentos são interpretados à luz de noções locais de bondade. Em algumas dessas narrativas a postura moral se apresenta como relativamente certa e permanece constante ao longo do relato, enquanto em outras é incerta e fluida.

Para se referir às narrativas, Linde (1993) utiliza o termo “estórias de vida”, pois, segundo ela, elas são expressões do que somos e de como nos transformamos, no que somos ao negociarmos um sentido do eu com os outros. As “estórias de vida” são definidas por Taveira (2012) como histórias descontínuas temporalmente “contadas por uma pessoa no curso de sua vida, e tem por características principais: ter um ponto sobre o falante e ter reportabilidade” (Taveira, 2012, p. 57). Portanto, elas auxiliam “na definição da identidade dos narradores, oferecendo uma versão coerente sobre por que e como eles se encontram nas posições atuais” (Flannery, 2015, p. 40).

Moita Lopes (2001), Bamberg (2002), Mishler (1999) e Bastos (2005) veem as narrativas como performances de identidades, porque acreditam que, ao narrar uma história, os falantes não somente relatam eventos, mas também se envolvem em uma performance de quem são e de como querem ser vistos. Tais autores partem do pressuposto de que identidade não é algo fixo, mas que emerge no discurso, sendo dinamicamente criada, recriada ou mantida e acreditam, assim, que é nas interações com outras pessoas que construímos o modo como pensamos a nós mesmos e aos outros.

Como uma nova perspectiva na análise das narrativas e das identidades, Bamberg e Georgakopoulou (2008) propõem o estudo de pequenas histórias (mini-histórias, micronarrativas), entendidas como um termo guarda-chuva que engloba uma variedade de atividades narrativas sub-representadas, como relatos de eventos em andamento, futuros ou hipotéticos; eventos compartilhados; narrações (anteriores) e adiamentos ou recusas de narrações. Segundo Bamberg e Georgakopoulou (2008), esses relatos geralmente são pequenos e podem ser sobre eventos recentes ou em andamento, sobre pequenos incidentes ocorridos ou não e ainda sobre "nada", refletindo “indiretamente algo sobre o envolvimento interacional entre os interagentes, enquanto, para quem está de fora, a interação é literalmente ‘sobre nada’” (Bamberg; Georgakopoulou, 2008, p. 382).

Como nas entrevistas narrativas realizadas surgiram narrativas que se aproximam mais das dimensões e possibilidades das narrativas de Ochs e Capps (2001), apresentadas no Quadro 1, tomaremos essa abordagem para nossa análise. Antes de detalhar a metodologia empregada para a análise dos dados, iremos discorrer sobre a concepção de identidade na qual este estudo é desenvolvido.

3.2 IDENTIDADES

Segundo Hall (2006), historicamente existem três concepções distintas de identidade: a do sujeito iluminista, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Para o autor, a concepção do sujeito iluminista concebe a pessoa como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão de consciência e de ação” (Hall, 2006, p. 10), sendo que a emersão do núcleo interior (centro do indivíduo) se dava em seu nascimento e o seu desenvolvimento ocorria durante a sua existência,

acompanhando-o, assim, até sua morte, muitas vezes sem mudança e com a mesma perspectiva individualista.

Já a identidade do sujeito sociológico não se dava em seu nascimento e sim na interação entre o eu e a sociedade. O indivíduo construiria sua identidade a partir da relação com outros sujeitos que são importantes para ele e que fazem a intermediação entre o sujeito e "os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava" (Hall, 2006, p. 11). Para o autor, o sujeito ainda teria o seu "eu real" dentro de si, que é formado e modificado pela interação contínua com os "mundos culturais 'exteriores'" e as identidades presentes nesses mundos. Desse modo, o núcleo interior do sujeito não seria autônomo e nem autossuficiente, pois se forma através da relação com outras pessoas.

Em contraposição aos sujeitos anteriores, o sujeito pós-moderno não possui apenas uma única ou permanente identidade, mas, sim, várias, chegando algumas a serem contraditórias ou não resolvidas. Sendo assim, ele não possui uma identidade "fixa, essencial ou permanente" (Hall, 2006, p. 12), mas várias identidades definidas historicamente. Por vezes, essas identidades divergentes o empurram para direções diferentes, fazendo com que suas identificações estejam continuamente deslocadas. Por isso, Hall (2006, p. 11) afirma que "o próprio processo de identificação [...] tornou-se mais provisório, variável e problemático", tornando a identidade uma "celebração móvel", "formada e transformada continuamente".

Conforme Bucholtz e Hall (2005, p. 585-586), identidade é um "fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula em contextos discursivos locais de interação", como um posicionamento social que pode ser tanto do eu como do outro. Assim, entendemos que há diferentes posicionamentos sociais e que as pessoas podem se identificar mais com uns e não com outros, pois isso diz respeito a nossa individualidade. Como diz Appiah (2018, p. 22), "não se produz em um vácuo", mas "é moldada pelas formas sociais disponíveis, e, evidentemente por suas interações com os outros".

Bucholtz e Hall (2005) apresentam cinco princípios de análise interacional das identidades: emergência, posicionalidade, indexicalidade, relacionalidade e parcialidade. O princípio da emergência consiste no fato de que as identidades emergem e constituem-se através do discurso nas interações. Já a posicionalidade refere-se ao princípio de que as identidades emergem no discurso através de identidades locais e posicionamentos interacionais temporários requeridos pela

necessidade interacional imediata. O princípio da indexicalidade, por sua vez, diz respeito a como as identidades são construídas linguisticamente nas interações por meio de índices identitários. O princípio da relacionalidade afirma que a identidade é constituída a partir de uma relação de alteridade (semelhança/diferença, autenticidade/artifício ou autoridade/deslegitimidade com outras). Por fim, o princípio da parcialidade, que diz respeito ao fato de que nenhuma identidade é capaz de expressar o todo da identidade, sendo apenas expressão parcial e limitada de um agrupamento social.

Ochs (1993), por sua vez, aponta a postura moral como uma dimensão essencial da narrativa para acessarmos as identidades construídas pelos narradores, sugerindo que, ao contar uma história, os indivíduos adotam certas posturas em relação ao evento narrado. Essas posturas estão intimamente ligadas às suas identidades, revelando, assim, aspectos de quem são. A autora argumenta que “os falantes tentam estabelecer suas identidades sociais e as dos outros, verbalmente, através da realização de certos atos sociais e da exibição de certas posturas” (Ochs, 1993, p. 288). Ela entende ato social como um comportamento dirigido a um objetivo, como solicitar algo, contradizer ou interromper alguém. Tal postura, nessa perspectiva, expressa um ponto de vista ou atitude socialmente reconhecidos, ao demonstrar certeza ou incerteza, ou exibir sentimento em relação a algo. Desse modo, através dos atos e da postura demonstrados, a identidade do indivíduo é projetada, podendo ser confirmada ou rejeitada pelos interlocutores, já que essa projeção está à mercê do reconhecimento social, da avaliação e a da validação ou não.

Segundo Ochs (1993), essa relação da linguagem com a identidade do indivíduo não é direta; ao contrário, é mediada pelas interpretações que os interlocutores fazem sobre as convenções usadas para realizar atos sociais e demonstrar posturas específicas. Além disso, essa relação também depende da compreensão dos interlocutores sobre como esses atos e posturas funcionam como recursos para a construção de identidades sociais singulares. Em outras palavras, os interlocutores necessitam compartilhar o significado comum dos atos e posturas que operam nas construções identitárias (Ochs, 1993), que podem ser fluidas e múltiplas, pois o falante, no curso da interação social, pode alterar seus atos e suas posturas, muitas vezes reconfigurando sua identidade e as identidades dos outros durante seu relato.

Para essas construções identitárias, os interlocutores dispõem de um arcabouço de recursos, que lhes possibilitam construir sentidos acerca de quem são. Conforme Jacoby e Ochs (1995), esses recursos não se limitam somente às estruturas sintáticas, palavras, frases e orações que o narrador pode usar, mas também dizem respeito à expressão facial, aos gestos, ao direcionamento do olhar, aos movimentos corporais, à entonação, ao riso, às pausas dentre outros. Dessa forma, os envolvidos na interação podem usar tanto meios linguísticos quanto meios não-linguísticos e paralinguísticos para construir e reconstruir suas identidades sociais.

Indo na mesma linha de pensamento, Bamberg (2002) chama atenção para o fato de que delineamos quem somos nas interações, principalmente no ato de narrar, pois tanto o *self*, quanto a identidade estão constantemente sendo renegociados nas nossas interações. Para ele, quando contamos histórias não somente usamos o discurso, mas criamos enredos, personagens, assunto, espaço e tempo, dando existência simultaneamente às histórias e ao seu eu (como contador da história) e ao eu do público (como participante e ouvinte), dessa forma tanto as histórias quanto o *self* vão ganhando existência durante a performance da narrativa. Em outras palavras, quando os sujeitos interagem através de conversas "[...] fazem sentido de si mesmos e de outros em suas histórias e vão construindo suas identidades" (Bamberg, 2002, p. 136). Por isso, a narrativa ocupa um lugar privilegiado na análise de questões ligadas à construção identitária. O autor ainda afirma que a análise de posicionamento está baseada no princípio de que as narrativas são ações situadas, isto é, elas são co-construídas nas interações, tendo como principal função mostrar como o que é dito deve ser entendido.

Bamberg (2002) sugere três níveis de análise de narrativas como um tipo específico de fala em interação, que, mesmo sendo distintos, estão interrelacionados. Para cada nível, há um questionamento que apresenta o foco de análise:

No Nível 1, procura-se responder "Como os personagens são posicionados em relação uns aos outros dentro do evento reportado?". Essa pergunta é necessária porque, ao narrarem, os narradores transmitem imagens de si mesmos e de outros personagens no mundo da história, criando protagonistas e antagonistas, além disso, expressam avaliações das ações desses personagens, distribuindo responsabilidades etc. Então, o foco nesse ponto está no conteúdo da história e na análise centrada em como os personagens são caracterizados e colocados perante uns aos outros no mundo da história.

O segundo nível tem como objetivo responder “Como o falante se posiciona levando em conta a audiência?”. Neste ponto, a atenção se volta para a razão de o narrador contar uma história em um determinado momento da interação e para o efeito que ele pretende alcançar com a narrativa. O foco está direcionado para a interação e a análise para “meios linguísticos característicos do modo discursivo empregado” (Bamberg, 1997, p. 337). A plateia na narrativa “adquire o status de participante num evento discursivo” (Cruz; Bastos, 2015, p. 371), através do engajamento na interação ao fazer avaliações e negociar a construção e sequência do relato. Os níveis 1 e 2, para Bamberg (2002) e De Fina (2013), são complementares e sobrepostos, pois as escolhas linguísticas dos falantes podem posicionar os personagens na narrativa e na interação.

O terceiro nível responde à pergunta “Como os narradores se posicionam para si próprios?”. O objetivo é mostrar como o narrador quer ser visto além da interação. Por isso, o foco desloca-se para a articulação entre o assunto da história (nível 1) e a ordem interacional (nível 2) e desses a uma certa ordem moral em que os narradores se apoiam para responder à pergunta “quem sou eu?”. É uma tentativa por parte do narrador de definir o seu *self* para si e para os outros. Worthan (2001) identificou “pistas de posicionamento” que podem ser usadas para transmitir tais imagens. Essas pistas são elementos linguísticos e construções discursivas instrumentais para alcançar identidades particulares, como certas palavras usadas para descrever personagens, diálogos construídos ligados a caracteres, ou a verbos “metapragmáticos”, verbos que refletem um ponto de vista particular sobre eventos e figuras do mundo da história.

O autor ressalta que os dois primeiros posicionamentos se complementam e se sobrepõem, visto que uma mesma escolha linguística serve simultaneamente a um propósito mais referencial (nível 1) ou interacional (nível 2). Além disso, ele nos chama a atenção para o fato de que o nível 3 não deve ser compreendido como um aspecto individual, que resiste a mudanças sócio-históricas, mas como uma construção discursiva constituída “na relação de coautoria entre os participantes de uma interação” (Bamberg, 2002, p. 159). Além disso, ocorreria também a sobreposição dos níveis 2 e 3, pois a noção de *self* também é definida pelo momento interacional.

Wortham (2001), baseado no conceito de contextualização de Gumperz (2002[1982]), propõe para a análise de posicionamentos e, consequentemente, para

a construção de identidades e da dinâmica das interações sociais, o conceito de pistas indexicais. Para esse autor, tais pistas são elementos linguísticos e contextuais para estabelecer o significado das interações comunicativas, orientando a interpretação do discurso com base em informações contextuais e situacionais. Assim, são importantes na construção de identidades e na dinâmica das interações sociais, pois podem ser utilizadas para investigar como, em suas enunciações locais e pessoais, os narradores indexicalizam discursos e ideologias universais, ou seja, aquelas que se situam em uma escala impessoal ou genérica, aplicáveis em contextos diversos e amplos. Essas pistas são classificadas nos seguintes grupos:

a) referência e predicação: pistas que ajudam a identificar a quem ou a quê o falante está se referindo. Elas incluem pronomes, nomes próprios, títulos, descrições, e outros elementos que apontam para objetos, pessoas ou eventos específicos no mundo, portanto elas referenciam e predicam os personagens da narrativa, posicionando-os;
b) descritores metapragmáticos: verbos inclusos para referenciar e caracterizar a maneira como algo foi dito, avaliando-o;
c) citação: referenciação do falante citado, do enunciado e do verbo metapragmático utilizado para caracterizar um evento de fala;
d) indexicais avaliativos: expressões ou modos de fala associados a determinados grupos de pessoas, indexicando o local social do falante e/ou personagem, suas ocupações, origens regionais, gênero dentre outros. Enfim são indexadores que posicionam os personagens ou grupos sociais por meio de suas falas e o narrador em relação a eles;
e) modalização epistêmica: expressões formulaicas e tempos verbais usados para expressar o maior ou menor acesso epistêmico que narrador e personagens têm no evento de narrar e no evento narrado. Em outras palavras, expressões do grau de verdade atribuído pelo narrador a sua narrativa.

Essas cinco ferramentas analíticas, propostas por Wortham (2001), podem ser usadas para investigar os posicionamentos interacionais, pois elas são cruciais para a construção de significados em qualquer interação comunicativa, ajudando tanto na compreensão imediata do discurso como na construção de identidades e na

manutenção de relações sociais, permitindo compreender como os indivíduos navegam e negociam suas posições em contextos sociais e culturais complexos.

Acreditamos que os autores mencionados até aqui podem contribuir para o estudo das identidades nas narrativas dentro da perspectiva adotada nessa investigação, principalmente a teoria do posicionamento de Bamberg (1997). Isso se justifica, porque tal teoria é resultado de uma proposta de harmonização entre as funções referencial e avaliativa das narrativas propostas pelo modelo laboviano. O autor fez uma abordagem sobre avaliação nas narrativas, aproveitando as sugestões originais de Labov e Waletsky (1967), tratando a temporalidade como uma dentre muitas outras características da performance que, em última instância, está, a serviço de propósitos discursivos e da formação de identidades locais (Bamberg, 1997). Além disso, como a minha pesquisa não focaliza somente o micro (aqui e agora das interações) e nem somente o macrossocial, mas procura articulá-los, ou seja, fazer um diálogo entre esses níveis no discurso, acreditamos que o nível 3 de posicionamento nos proporciona a possibilidade de fazer tal articulação.

Por fim, concordamos com o fato de que as narrativas que produzimos durante as nossas interações não somente são contadas com o intuito de entreter, justificar ou explicar algo para instruir e estabelecer normas sociais, mas também servem para mostrar quem nós somos, sendo, portanto, “centrais para nossas identidades sociais e culturais” (Thorborrow; Coates, 2005, p. 7). Portanto, conforme Freitas e Lopes (2017, p. 308), o ato de narrar é performativo, visto que narrar “é ação, é performance, e é nesse ato que construímos os significados sobre quem somos”, ou seja, quando contamos uma história situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças e valores, enfim, construímos nossas identidades (Bastos, 2005). Como essa pesquisa pretende verificar como as identidades dos filhos de migrantes cearenses são construídas em suas narrativas perante o discurso dominante de desvalorização e exclusão social, é importante fazermos referência ao que se considera como estigma e sua influência na construção da identidade.

3.3 O ESTIGMA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O estigma, visto por Goffman (2008) como um atributo desacreditador que reduz a pessoa estigmatizada a alguém marcado ou diminuído em termos dos atributos socialmente valorizados, é um fenômeno pervasivo que afeta todos os

aspectos da vida do indivíduo que o recebe. Não há dúvidas de que suas ramificações transcendem o indivíduo, permeando diversas estruturas sociais e sua construção da identidade.

Goffman (2008) define estigma como um atributo que marca um indivíduo como desviante de uma norma social. Conforme tal perspectiva, a sociedade desenvolve e institui os critérios pelos quais os indivíduos são categorizados, delineando um conjunto abrangente de atributos e características considerados normativos e esperados para os membros de cada uma dessas categorias sociais. Esse processo de categorização envolve a atribuição de qualidades específicas que definem o que é percebido como comum e natural para os indivíduos pertencentes a cada grupo social distinto. Se o indivíduo não se enquadrar nessas expectativas sociais, ele é considerado um desviante, “uma pessoa estragada e diminuída” (Goffman, 2008, p. 12), portador de uma marca, um estigma. Tal marcação, como indica Goffman (2008), pode ocorrer de diversas formas, pela associação de determinadas características físicas (como as várias deformidades físicas), comportamentais (como desonestidade, vícios, desemprego etc.) ou sociais (membro de determinada tribo ou raça, nação ou religião).

Percebemos, assim, que a naturalidade do indivíduo se torna também uma marca de diferenciação, gerando o preconceito geográfico. Esse preconceito é aquele que “marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir” de um determinado espaço geográfico, seja uma vila, uma cidade, um estado, uma região, um país ou até mesmo um continente (Albuquerque Júnior, 2007, p. 11). Neste contexto, esse tipo de discriminação se mostra como uma das formas mais utilizadas para inferiorizar o outro, estereotipando idiomas, dialetos e sotaques.

Os cearenses migrantes, como a maioria dos migrantes nordestinos, muitas vezes, são discriminados simplesmente por serem do Ceará ou do Nordeste. Na década de 70 e início da de 80, período em que os participantes desta pesquisa estavam na fase da infância e/ou da adolescência, os nordestinos (inclusive os cearenses) juntamente com os negros, judeus, ciganos e orientais eram incluídos “na categoria maldita dos povos estigmatizados pelo racismo, preconceito, discriminação e marginalização” (Maior, 1985, p. 79).

Os traços físicos, nos contatos mistos, ou seja, momentos de interação social em que há um encontro entre os estigmatizados e os não estigmatizados, eram priorizados na percepção e na classificação dos migrantes como estranhos, diferentes

dos outros (Penna, 1992). Geralmente, eles eram estereotipados como ignorantes, sem higiene, malcheirosos, não civilizados, assaltantes em potencial, brabos; enfim, como “cidadão inferior, tolerado, jamais apreciado e admirado” (Maior, 1985). E esse estereótipo não se limitava somente às palavras dos habitantes de outras naturalidades, era reforçado pelos meios de comunicação e pelas artes que se manifestam na literatura e na pintura, por exemplo, quase que diariamente (Albuquerque Jr, 2011; Penna, 1992; Maior, 1985). Era comum ouvir termos como “cabeça chata”, “arigó”, “arigó seboso”, “miserável”, “cabeça de tacho”, “comedor de rapadura” para ofender o cearense, menosprezando-o e colocando-o como um ser inferior, um subhumano.

Por não ser considerada pelos “normais” como uma pessoa completamente humana, o estigmatizado sofre vários tipos de discriminações, diminuindo “suas chances de vida” (Goffman, 2008, p. 8). Essas discriminações ocorrem frequentemente nas interações diárias quando incorporamos termos específicos (como aleijado, doido, arigó, dentre outros) associados ao estigma em nosso discurso. Neste caso, o uso é tão arraigado e característico em nossa linguagem que, na maioria das vezes, não refletimos sobre os significados originais deles ou sobre suas conotações históricas e sociais, não percebendo o impacto original e potencialmente prejudicial dessas palavras.

Link e Phelan (2001) ampliam a discussão ao proporem um modelo teórico de estigma como um processo social complexo composto por quatro componentes inter-relacionados e convergentes. O primeiro deles é a distinção e a rotulação das diferenças, que se dá quando diferentes características humanas são selecionadas socialmente e salientadas com o propósito de criar grupos. Assim, uma ou mais características são selecionadas, e as pessoas são agrupadas em função dela ou delas. A essa prática os autores chamam de rotulagem, pois, como as diferenças são socialmente selecionadas para serem salientes, a palavra "rótulo" é mais adequada do que “atributo", "condição" ou "marca", pois esses últimos termos localizam o que está sendo referido na pessoa estigmatizada e corre-se o risco de obscurecer o fato de que sua identificação e seleção para o significado social é o produto de processos sociais. Em contraste, um rótulo é algo que é afixado, colocado por outros. Além disso, na ausência de qualificações, termos como "atributo", "condição" ou "marca" implicam que a designação tem validade. Portanto, para esses estudiosos, as diferenças

perceptíveis e as classificações efetuadas, na verdade, são formas de enquadramento inscritas em uma determinada cultura demarcada também pelas relações de poder.

O segundo componente ocorre quando as diferenças rotuladas são associadas a um conjunto de características indesejáveis que formam o estereótipo. Por exemplo, quando um indivíduo é rotulado como "doente mental", é vinculada a ele a crença estereotipada de que é uma pessoa perigosa, o que, por sua vez, leva os outros a desejarem a distância social da pessoa. Essa generalização persiste, em primeiro lugar, ao criar distinções por meio de rótulos, e, em segundo lugar, ao associar indiscriminadamente as pessoas rotuladas ao atributo de "perigoso". Mesmo que a pessoa assim rotulada não apresente nenhuma evidência de representar um perigo para os outros, ela será previamente percebida dessa forma e enfrentará as consequências dessa classificação. Assim, as diferenças são demarcadas, e as categorias de pessoas, antes vistas como iguais, passam a ser divididas entre "nós" e "eles".

Essa separação é o terceiro componente do estigma que ocorre quando os rótulos sociais conotam uma separação entre "nós" e "eles". Por exemplo, quando o povo nativo de uma determinada região define os forasteiros como grupos externos ("eles") que são muito diferentes de "nós" (nativos). Muitas vezes, “eles” passam a ser vistos como uma ameaça para “nós”, porque são vistos como violentos, preguiçosos ou imorais. Essa vinculação do rótulo a características indesejáveis pode ser vista como uma justificativa para acreditar que o estigmatizado é um tipo diferente de pessoa, justificando, então, a estereotipagem. Em caso extremo, pode levar o não estigmatizado a crer que a pessoa estigmatizada seja tão diferente de "nós", que não seja realmente humana, e, portanto, em um caso mais extremo ainda, permitir todo tipo de tratamento horrível contra "eles". Desse modo, alguns grupos podem ser mais estigmatizados do que outros, ou um grupo pode, em determinada época, ser mais estigmatizado do que em outra, visto que a conexão entre rótulos e atributos indesejáveis pode ser relativamente forte ou relativamente fraca, e esse grau pode variar de uma geração para outra.

Por fim, em qualquer situação em que o estigma esteja presente, seja de forma sutil (atitudes ou comentários mais subentendidos) ou de forma violenta (agressão física ou verbal), o estigma tem o poder de inserir o sujeito estigmatizado em uma lógica de perda de status e descrédito. Para Link e Phelan (2001), a identidade do sujeito estigmatizado é construída socialmente como inferior por meio de processos

de rotulação e discriminação, mantidos por relações de poder que perpetuam sua exclusão e vulnerabilidade. Ou seja, a pessoa estigmatizada é vista como menos valiosa ou menos digna de respeito na sociedade. Assim, a forma como os estigmatizados são vistos e definidos pelos outros membros da sociedade é afetada negativamente, levando a sua diminuição e rejeição, com uma série de consequências negativas em suas vidas, como discriminação, exclusão social, falta de oportunidades e dificuldades emocionais. Essas implicações podem impactar significativamente a forma como o indivíduo se vê e a forma como se relaciona com o mundo ao seu redor (Goffman, 2008).

Link e Phelan (2001) enfatizam o poder como um elemento central no processo de estigmatização, pois é preciso poder para estigmatizar alguém. Dessa forma, os grupos dominantes detêm o poder de criar e impor rótulos, perpetuando estruturas de desigualdades.

Muitas vezes, o estigmatizado responde a esses infortúnios com o auto-ódio e autodepreciação. Outras vezes, tenta corrigir diretamente o que considera o seu defeito, por exemplo, através de cirurgias plásticas, clareamento de pele, maior vigilância em seu modo de falar etc. Ele também pode tentar corrigir sua condição de maneira indireta, fazendo alguma atividade considerada “impossível” ou muito difícil para sua condição, como o caso de um “cego que se torna perito em esquiar ou em escalar montanhas” (Goffman, 2008, p. 19).

Além disso, os contatos mistos podem levar o estigmatizado a se sentir inseguro, devido à incerteza ocasionada por não saber em qual categoria ele será colocado e nem como será definido em termos de seu estigma pelo não estigmatizado. Por se sentir em exibição, ele acredita que seus menores atos podem ser avaliados e isso faz com que ele crie uma “capa defensiva” (Goffman, 2008, p. 26), levando-o ao retraimento; alguns, porém, em vez de retraírem-se, podem agir com agressividade. A questão aqui é de que uma forma ou outra o estigmatizado vê os contatos mistos como fonte potencial de mal-estar.

De acordo com Goffman (2008), para lidar com essas consequências sociais negativas associadas à sua identidade estigmatizada, o possuidor do estigma busca controlar as informações sobre si mesmo e gerenciar as percepções dos outros, através de técnicas de controle de informação. Algumas dessas técnicas incluem: i) o ocultamento do estigma; ii) o desvio de signos, ou seja, alteração de sinais ou símbolos associados ao seu estigma para evitar a detecção ou identificação (como

modificar a aparência física ou a linguagem corporal); iii) a mudança de identidade, isto é, adotar identidades alternativas, como assumir pseudônimos ou identidades online, para evitar o preconceito; iv) a conversão do estigma em mérito, que consiste em transformar a característica estigmatizada em uma fonte de orgulho ou distinção, reivindicando-a como parte da sua identidade pessoal; v) o desvio da atenção do estigma para outros aspectos da sua identidade ou da situação, redirecionando a conversa ou mudando de assunto; e vi) a tentativa de se enquadrar dentro dos padrões socialmente aceitos para minimizar o estigma, mostrando que ele é "normal" em outros aspectos. Todas essas formas podem ser usadas como controle da informação e da administração da apresentação do self do estigmatizado para minimizar os efeitos do estigma na vida dessas pessoas.

Dessa forma, compreender o estigma como um fenômeno complexo, que envolve processos de exclusão e marginalização impulsionados por questões estruturais, é fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais que influenciam a construção da identidade em indivíduos estigmatizados (Link; Phelan, 2001). Portanto, um olhar crítico sobre as questões de estigmas, visando à promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde a construção da identidade possa se dar de forma mais autêntica e livre de preconceitos, é crucial para o avanço das relações interpessoais e para a promoção de um ambiente social mais acolhedor e solidário. Com isso, busca-se alcançar um mundo onde todos se sintam valorizados e respeitados, independentemente de suas diferenças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todos os seus membros.

Por fim, a influência do estigma na construção da identidade revela-se como um processo multifacetado, no qual a marginalização e a exclusão são perpetuadas por meio de rótulos socialmente impostos e da manutenção de estereótipos. A internalização dessas experiências pode afetar profundamente a percepção de si mesmo e a interação social dos indivíduos estigmatizados. Portanto, compreender e desfazer essas dinâmicas exige um esforço coletivo para promover a inclusão e combater preconceitos enraizados, pois somente através de uma reflexão crítica sobre a natureza do estigma e suas implicações será possível avançar na direção de uma sociedade mais igualitária.

A seguir, apresentaremos o percurso metodológico adotado na pesquisa, fundamentado em uma abordagem qualitativa e interpretativista. Considerando o foco

na análise das identidades que emergem em narrativas, elegemos a entrevista narrativa como o principal método para a geração de dados.

4 ASSUMINDO A EMBARCAÇÃO

Por ter como objetivo a análise das identidades que emergem em narrativas, propomos uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativista, pois essa abordagem acolhe tanto interações e representações quanto processos e artefatos sociais (Angrosino, 2009). Segundo Guerra (2014, p.16), as pesquisas qualitativas têm como finalidade “aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social -, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação”, sem se preocupar com representação numérica, generalizações estatísticas e relações de causa e efeito.

Coadunando com essa ideia, Hammersley (2013) define a pesquisa qualitativa como uma forma de investigação social que adota um *design* de pesquisa flexível e orientado a dados, que usa dados relativamente não estruturados, que enfatiza o essencial papel da subjetividade no processo de pesquisa, que estuda em detalhes um pequeno número de casos que ocorrem naturalmente e usa formas verbais de análise.

Dessa forma, os pesquisadores qualitativos dão mais ênfase em gerar e desenvolver descrições e explicações, do que em testar hipóteses pré-definidas; observam cuidadosamente o que está acontecendo, fazendo descrições dos aspectos relevantes do que é observado e de como os eventos se desenrolam, portanto o uso frequente de gravações em áudio ou vídeo e suas transcrições; aceitam que os dados e as inferências deles são sempre moldados pelas características sociais e pessoais do pesquisador, reconhecendo que é impossível eliminar o efeito destes, e de fato que eles podem facilitar o discernimento, bem como levar ao erro; investigam, em sua maioria, o que acontece nos ambientes comuns em que as pessoas vivem e trabalham e/ou usam entrevistas que são projetadas para se aproximar de conversas comuns; investigam um pequeno número de casos que ocorrem naturalmente, pois insistem na necessidade de aprofundamento de cada caso, para documentar a complexidade e acreditam que cada característica de um caso só pode ser compreendida dentro do contexto desse caso, porque os recursos moldaram um ao outro, em vez de ter caracteres pré-determinados e fixos; têm como modo de análise predominante a descrição e a interpretação verbal, apoiada por exemplos ilustrativos ou evocativos.

Nessa teoria, o ser humano não é visto como um ser passivo, mas como um ser ativo, que está constantemente interpretando o mundo em que vive. Assim, essa abordagem vê a vida humana como “uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas” (Guerra, 2014, p. 14). Desse modo, “a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos” (Minayo, 2008, p. 204), pois os relatos orais podem representar as condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas do grupo.

Além dessa abordagem, essa pesquisa se ancora no paradigma interpretativista, já que compreende os fenômenos sociais sem dissociar do ser humano, permitindo assim estudá-los em seu contexto natural e cotidiano, tornando possível a exploração das questões a serem discutidas no contexto social (Pontes, 2013).

Dentre os tipos de pesquisa qualitativa, essa proposta de estudo se enquadra na análise de narrativas, que tem como um dos métodos o uso da entrevista narrativa (doravante EN) para geração dos dados. Por isso, usamos as entrevistas narrativas gravadas, pois permitem o surgimento de histórias de vida, tanto do entrevistado quanto daquelas narrativas entrecruzadas no contexto situacional. Além do mais, estimulam o entrevistado a fazer relatos sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.

Para Mishler (1999), a entrevista é um evento social, no qual o discurso é construído cooperativamente, ou seja, o entrevistado co-constrói com o entrevistador o discurso produzido na situação de entrevista. Além disso, esse tipo de entrevista cria-se a oportunidade de produzir *replayings*[6] (Goffman, 1974), que muito nos podem dizer a respeito de quem são, e de como se posicionam, os narradores no mundo que os cerca, possibilitando, assim, além de outros elementos, a compreensão “de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos” (Bastos; Santos, 2013, p. 11).

Segundo Bastos e Santos (2013, p. 11), esse gerenciamento de identidade trata de um “processo colaborativo entre entrevistador e entrevistado, entre formulação de perguntas e respostas”. Dessa forma, os pesquisadores veem a

[6] Goffman (1974, p. 506) entende as narrativas como *replayings*, ou seja, como uma reconstrução de eventos, não como uma mera reportagem de evento, mas como algo para ser reexperimentado, “experienciado, aprofundado e saboreado” não apenas para o narrador, mas também para a audiência, com o intuito de envolvê-la e nela produzir uma orientação específica diante do narrador.

entrevista como um evento interacional de articulação e produção de identidades sociais, indo além do esquema pergunta/resposta. Por isso as entrevistas não estruturadas são as mais usadas, pois favorecem a “emergência de narrativas” (Santos, 2013, p. 26).

Nesse tipo de entrevista, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas em uma conversação informal.

Segundo Smith (2011), esse formato de entrevista pode evoluir para uma conversa dirigida, com o entrevistador capaz de adotar uma abordagem de ‘roda livre’, desde que todos os tópicos necessários sejam cobertos. As palavras e frases reais usadas podem, portanto, variar significativamente entre as entrevistas, mas esta abordagem pode deixar os entrevistados à vontade o suficiente para induzi-los a fazer revelações que não teriam surgido em diferentes condições. Esse tipo de entrevista se molda à situação e ao contexto individual, com a intenção de fazer o entrevistado se sentir relaxado e não avaliado. Neste sentido, Santos (2013) afirma que é importante evitar ao máximo interrupções desnecessárias e formular questões e comentários pertinentes que tenham relação com o relato das experiências do entrevistado. Isso faz com que o entrevistado desenvolva mais livremente suas narrativas, portanto, a conduta do entrevistador é fundamental no resultado das narrativas.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2008), a entrevista narrativa engloba uma série de regras, como ativação do esquema da história, provocação de narrações e conservação dessas narrações geradas. Para sintetizar essas regras, os autores elaboraram o Quadro 2.

Quadro 2 – Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização (“coda”)
3. Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre as atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Adaptado de Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 97).

Como podemos observar, a primeira fase – a preparação – tem como objetivo explorar o campo de estudo para a produção de questões exmanentes. Para isso, fizemos revisão da literatura, buscando produções acadêmicas que tratavam sobre o tema; investigamos os comentários de publicações em redes sociais sobre cearenses em Santarém e tomamos notas em conversas informais. Dessas práticas surgiram algumas perguntas que foram usadas nas entrevistas: “Qual sua história de vida? Onde você nasceu? Quem são seus pais? De onde vieram? Por que vieram para Santarém? Você já foi vítima de preconceito por ser cearense ou conhece alguém que já foi vítima?”. Essas questões que surgiram durante esse momento são chamadas de exmanentes, já as questões que os temas, tópicos e relatos que emergem durante a narração são chamadas de questões imanentes. O ponto crucial nas entrevistas narrativas é transformar as questões exmanentes em questões imanentes. Segundo os autores, este é um período que demanda muito tempo.

Na fase de *iniciação*, fizemos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explicamos o contexto da pesquisa e como a entrevista seria desenvolvida e solicitamos a permissão para gravá-la. Para incitar a narração, é necessário introduzir um tópico inicial na EN. Esse tópico inicial deve fazer parte da vida do entrevistado, deve ser significante tanto para informante como para a comunidade ou sociedade, ter, deve ser amplo e deve evitar formulações indexadas (datas, nomes, lugares...). Assim, usamos como tópico inicial para estimular a

narração dos entrevistados a seguinte questão: “Quem são seus pais e o que os motivou a migrarem para Santarém?”. Não utilizamos nenhum outro meio para introdução do tópico inicial além dessa pergunta.

Durante a *narração central*, o entrevistador só pode interromper se houver clara indicação que a história terminou, restringindo somente a sinais de escuta atenta (sinais não verbais e paralinguísticos) e encorajamentos para que a narração continue. Ao perceber a coda, o pesquisador pode investigar por mais informações, fazendo indagações como “‘É tudo o que você gostaria de me contar?’ ou ‘Haveria ainda alguma coisa que você gostaria de dizer?’” (Jovchelovitch; Bauer, 2008, p. 99). Na segunda entrevista, como o informante deu a entrevista com a câmera desligada e dava muitas pausas após suas respostas, tornando difícil saber-se elas eram devido ao travamento do aplicativo, à perda de conexão ou se eram pausas do informante para lembrar de alguma informação; então isso provocava investigações por parte do entrevistado.

A fase do *questionamento* é o momento em que as perguntas exmanentes são transformadas em questões imanentes, usando a linguagem do entrevistado. Esse momento só inicia quando há a certeza de que a narrativa se encerrou. Há três regras básicas que o pesquisador deve seguir: Primeira: não fazer perguntas do tipo “por quê?”, nem perguntas diretas sobre opiniões, atitudes ou causas, deve se prender a perguntas sobre acontecimentos; Segunda: fazer perguntas apenas das questões imanentes na linguagem usada pelo entrevistado; e Terceira: não apontar contradições na narrativa. O objetivo dessa fase é somente eliciar material novo e adicional, além do esquema autogerador da história.

Por último, temos a *fala conclusiva*. Nessa fase, depois de encerrada a gravação, o entrevistador pode fazer perguntas tipo “por quê?”. A resposta pode servir para o momento de análise, por isso, é necessário ter um diário de campo para anotar o que surgir durante esse momento. Na primeira, entrevista essa fase ocorreu de forma descontraída e informal com anotações em um diário de campo. Já a segunda entrevista foi interrompida bruscamente, devido a problemas de conexão, então essa fase se deu através de um diálogo via *WhatsApp*.

De acordo com Biar, Orton e Bastos (2021), as entrevistas são interessantes porque colocam atores sociais (pesquisador e participante) em uma relação que faz com que narrativas venham à tona, respondendo, assim, como acontecimentos localizados, “a propósito focais de performance interacional, tendo em vista este outro

presentificado, que é o entrevistador" (Bauman, 1986, p. 237). Para a análise dessas narrativas que surgem nas entrevistas narrativas, Biar, Orton e Bastos (2021) propõem três lâminas de análise: primeira lâmina - análise da estrutura narrativa (identificação e descrição das estruturas das narrativas presentes na entrevista transcrita, e de seus principais movimentos retóricos, suas relações de sequencialidade, casualidade e coerência); segunda lâmina - análise da interação (análise do momento da interação, examinando a dimensão situada em que as narrativas foram coproduzidas pelo participante) e terceira lâmina - análise dos embates discursivos (mapeamento dos discursos que emergem na cadeia de enunciados da qual as narrativas participam).

A seguir daremos destaque aos participantes da pesquisa. Iremos abordar os critérios de escolha, o modo como foram selecionados, suas características e como as entrevistas ocorreram.

4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram convidados e selecionados a partir dos contatos particulares do pesquisador e de acordo com dois critérios básicos: ser cearense migrante da segunda geração e residir no município de Santarém (Pará). Essa pesquisa conta com três participantes: um participante pertencente ao grupo dos filhos de migrantes cearenses, nascidos no Ceará e vindos com pouca idade para o município citado; e dois inclusos no grupo dos filhos de migrantes cearenses da segunda geração que nasceram no município em estudo. Convém ressaltar que, antes da geração de dados, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sendo aprovado em 21/01/2022, com o parecer número 5.208.208, CAAE 53692321.0.0000.5344. Somente a partir do aceite pelas instâncias competentes e após a obtenção das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por parte dos participantes, é que ocorreram as entrevistas, tomando todos os cuidados éticos, a fim de preservar os participantes. Nos termos assinados, os participantes foram informados sobre os aspectos importantes da pesquisa, como objetivos, benefícios e riscos.

O contato inicial com os participantes se deu por meio de mensagens pelo *WhatsApp*[7]. Foi-lhes enviada uma mensagem de áudio, que explicava a proposta de pesquisa e solicitava sua colaboração. Logo de imediato, eles deram retorno, apresentando interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. No segundo contato, eles foram informados sobre aspectos importantes da pesquisa, como os objetivos, os benefícios os riscos e foi-lhes solicitado que assinassem o TCLE, enviado via *Google formulário*[8]. Visando garantir o anonimato dos sujeitos de pesquisa, durante todo o processo de geração e transcrição dos dados, seus nomes e os nomes dos lugares por eles mencionados foram substituídos por nomes fictícios, exceto o nome dos estados e do município de Santarém.

Assim, com base nos dados gerados por meio das entrevistas, nos próximos parágrafos, apresento características dos participantes com o objetivo de fornecer mais informações sobre o perfil de quem colaborou com a pesquisa. Para uma melhor visualização dos atributos dos participantes dessa pesquisa, valemo-nos dos dados do Quadro 3.

Quadro 3 – Síntese dos dados dos participantes

Nome	**Origem**	**Idade**	**Estado civil**	**Profissão**	**Entrevista**
Maria	Cearense	46	Casada	Professora	Via Google Meet
José	Filho de cearense nascido em Santarém	44	Casado	Professor	Via Google Meet com câmera desligada
Lúcia	Filha de cearense nascida em Santarém	52	Casada	Comerciante e Professora	Via *WhatsApp*

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como mostra o quadro, a primeira participante recebeu o nome de Maria. Ela é filha de dois cearenses, nasceu no estado do Ceará e veio para Santarém aos três anos de idade. Atualmente tem 46 anos, é casada, mãe e atua como professora no ensino básico na rede municipal e estadual. Durante a entrevista, realizada via *Google*

[7] *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas, que permite aos usuários o envio de mensagens de texto, a realização de chamadas de voz e vídeo, o compartilhamento de imagens, vídeos, documentos, localização, e muito mais, tudo isso através de uma conexão à internet (Nuvens, 2018).

[8] *Google Forms* é uma ferramenta gratuita oferecida pelo *Google* que permite criar formulários online para coletar informações de maneira organizada (Bijora, 2018).

Meet[9] com duração de 52 minutos e 38 segundos*,* ela se mostrou bem à vontade, ocupando a maior parte dos turnos na interação.

O segundo entrevistado é José. Ele nasceu no município de Santarém, é filho de cearenses, atualmente tem 44 anos, é casado com uma goiana e atua como professor no ensino básico na rede municipal. Durante a entrevista, que também ocorreu via *Google Meet,* com duração de 39 minutos e 27 segundos, não quis mostrar o rosto, portanto a sua câmera ficou desligada durante toda a entrevista, sendo gravado apenas o áudio. Com esse participante foram realizadas duas entrevistas, a primeira foi descartada devido a problemas na gravação.

A terceira participante, Lúcia, nasceu no município de Santarém, no ano de 1972. É casada com um paraense adotado, ainda na infância, por uma família cearense. Já atuou como comerciante e como professora. Na época da entrevista, atuava como comerciante. Atualmente, devido a problemas de saúde, está afastada de suas funções para tratamento. Depois de marcar e desmarcar várias vezes a entrevista, ela disse que seria melhor uma conversa que ocorresse pelo *WhatsApp*, ao invés de chamada de vídeo ou presencial. Dessa forma, ela responderia quando pudesse. Aceitamos a proposta da participante e enviamos a primeira pergunta. As respostas retornaram logo em seguida às perguntas. Pode-se dizer que a entrevista foi quase síncrona, pois, apesar de não estarmos nos vendo face a face, estávamos conversando praticamente ao mesmo tempo em um ambiente virtual. Somando a duração de todos os áudios, podemos dizer que a entrevista durou 28 minutos e 5 segundos.

Apesar de estarem bem inclusos na sociedade santarena, participando de espaços de sociabilidade frequentados pelas duas comunidades, esses participantes ainda mantêm a tradição da primeira geração estando em momentos de sociabilidade que envolvam a família, como em reuniões na casa da matriarca ou em balneários, fortalecendo os laços afetivos entre eles, a afirmação da sua própria identidade e dos elementos que a compõem. É comum para a comunidade cearense a reunião no domingo na casa dos avós, ou seja, encontro na casa daqueles que pertencem à primeira geração de migrantes e conversarem ou comemorarem alguma data

[9] Google Meet é uma plataforma de videoconferências do *Google*, pertencente ao *Workspace*, que oferece planos gratuitos e pagos para criação de reuniões com até 250 pessoas, com duração de até 24 horas, criptografia e uma série de recursos disponíveis (Garret, 2021).

especial. Nas famílias que não têm mais esse parente, a reunião se dá em balneários ou sítios de alguém da segunda geração, porém com menos frequência.

4.2 PROCESSOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Para geração de dados, utilizamos a gravação audiovisual de entrevistas narrativas, planejadas de forma não estruturadas e abertas, pois, segundo Santos (2013), numa pesquisa interpretativista, tanto o linguístico como o paralinguístico (tom da voz, pausas, mudanças na entonação, silêncio, expressão facial...) são importantes para a análise dos dados:

> Na perspectiva da pesquisa interpretativista, a análise desses dados, no entanto, não pode ser limitada apenas ao que é dito pelos participantes na interação; ela deve ser entendida como articulada a uma grande teia de significações (*cf*. Geertz, 1989, p. 18) que abrange, entre outras coisas, o como foi dito (que abarca, inclusive, a linguagem corporal), a pessoa que disse e o contexto no qual a enunciação se deu (Santos, 2013, p. 28).

Como podemos observar, os aspectos paralinguísticos são importantes para compreender o não dito, já que na análise de narrativa, além de explorar o que é dito, exploramos também o como foi dito, por isso optamos pela gravação em áudio e em vídeo. Segundo De Fina e Georgakopoulou (2012), o indivíduo, ao construir sua identidade nas narrativas, não recorre a uma única estratégia, mas usa combinações de estruturas linguísticas e paralinguísticas, por isso a importância de gravar em vídeo quando possível.

As entrevistas ocorreram de forma individual, em horário viável aos participantes, duas foram feitas via *Google Meet*, e uma por meio do *WhatsApp*, como foi dito anteriormente. Optamos pelo uso de entrevistas narrativas no formato online por diversos motivos. Primeiramente, alguns participantes, no momento da entrevista, encontravam-se em regiões distantes, o que tornava inviável a realização presencial. Além disso, o formato online mostrou-se alinhado aos hábitos digitais dos entrevistados, que se sentiram mais confortáveis em seus ambientes familiares. Esse formato também se destaca por ser economicamente viável, por proporcionar maior flexibilidade de horários, por facilitar o registro e a documentação das narrativas, e por promover a autenticidade dos relatos, uma vez que o/a participante pode escolher o local onde se sent mais à vontade.

A primeira entrevista teve duração de 52 minutos e 47 segundos e a segunda entrevista 39 minutos e 27 segundos, sendo que esta foi interrompida pela falta de conexão da internet, sendo concluída através de áudio via *WhatsApp*. A terceira se deu no intervalo de 40 minutos. No início da entrevista, foi feita a leitura do TCLE e novamente foi solicitado o consentimento verbal para a participação na pesquisa.

Por se tratar de entrevistas abertas, não havia um roteiro de perguntas pré-determinadas pelo pesquisador, porém, para iniciá-las, era solicitado ao participante que falasse sobre sua história de vida, informando quem eram os seus pais, de onde eram, o que motivou sua migração e se havia sofrido algum tipo de discriminação por serem cearenses.

Após a gravação, foi feita a transcrição das entrevistas, que, de acordo com Bastos e Biar (2015, p. 104), já pode ser considerada uma etapa interpretativista, pois "se baseia em processo seletivo guiado pelos olhos do pesquisador". Assim, a transcrição precisa das perguntas e das respostas, as quais dão credibilidade à entrevista (Mishler, 1986) e, para aproximá-la o máximo possível da realidade retratada, ela deve ser revisada inúmeras vezes.

Nessa pesquisa, partimos das convenções de transcrição propostas por Marcuschi (1997) e adaptadas por Mira e Custódio (2019), que, além de serem ortográficas e seguir a escrita-padrão, consideram a produção real. Os símbolos utilizados neste trabalho encontram-se no Anexo A.

Após a conclusão das transcrições das entrevistas, as narrativas que surgiram foram divididas em dois grupos: narrativas de contatos não mistos e narrativas de contatos mistos. No primeiro tipo, estão enquadradas as histórias nas quais se faz menção ao encontro de cearenses com conterrâneos, sejam eles familiares ou não. No segundo grupo, temos as histórias nas quais se verifica o encontro entre um cearense (estigmatizado) e um paraense (não estigmatizado). Goffman (2008) explica que, nos contatos mistos, a pessoa estigmatizada e a outra são forçadas a lidar com a situação de estigma, pois, nessas interações, o estigmatizado pode sentir pressão para administrar sua identidade, enquanto o outro pode sentir desconforto ou curiosidade, além de tentar ajustar seu comportamento para lidar com a situação.

Goffman (2008), ao discorrer sobre esses encontros, utiliza os termos "normais" e "estigmatizados". Estes são os indivíduos que apresentam alguma característica distintiva que os diferencia dos outros. Aqueles são as pessoas que se enquadram nas expectativas do grupo social. Porém, optamos pelo uso das palavras

estigmatizados e não estigmatizados, para evitar a oposição normal X anormal, que pode levar ao entendimento de que as pessoas que não se encaixam no termo normal fossem consideradas anômalas, antinaturais, aberrantes, dentre outras palavras que poderiam caracterizá-las neste caso.

Concluímos este capítulo com uma reflexão sobre os aspectos metodológicos que sustentaram a pesquisa, enfatizando a relevância da abordagem qualitativa e interpretativista na compreensão das identidades narradas pelos participantes. A escolha da entrevista narrativa como principal método de coleta de dados permitiu o acesso a histórias de vida ricas e detalhadas, revelando as dinâmicas sociais e culturais que moldam as identidades em questão. Ao explorar essas narrativas em profundidade e considerar os contextos em que surgem, esperamos ter lançado bases sólidas para as análises posteriores e contribuído para uma compreensão mais abrangente dos processos identitários abordados. A seguir, abordaremos a análise dos dados gerados nessas entrevistas.

5 NAVEGANDO PELAS ONDAS DAS NARRATIVAS

As narrativas foram analisadas conforme o arcabouço teórico discutido no capítulo 2. Como roteiro de análise, utilizamos a teoria de Goffman (2008) sobre encontros mistos e não mistos, assim como as categorias de análise de narrativas (sumário, orientação, avaliação, resultado, coda) propostas por Labov (1972). Essa perspectiva é adotada como ponto de partida, especialmente para selecionar as narrativas e delimitá-las nos trechos, articulando tais categorias às contribuições teóricas que levam em consideração a construção interacional, como as categorias de análise propostas por Ochs e Capps (2001). Além desse aporte teórico, baseamo-nos nas contribuições de Bamberg (2022).

Passemos, então, à análise das narrativas de contato não misto e as de contato misto. Optamos por começar pelas narrativas de contato não misto, pelo fato de trazerem a história de origem dos entrevistados e de suas respectivas famílias. Iniciaremos com a análise dos dados da participante Maria e, depois, seguimos para as falas dos demais participantes, José e Lúcia, respectivamente.

5.1 NARRATIVAS DE CONTATO NÃO MISTO

Baseando-nos no conceito de contato misto proposto por Goffman (2008) para descrever as interações entre indivíduos estigmatizados e aqueles considerados “normais” pela sociedade, assumimos as narrativas de contato não misto como interações entre indivíduos que compartilham os mesmos efeitos de um processo de estigmatização caracterizado por rotulação, estereotipagem, separação, discriminação e perda de status social (Link; Phelan, 2001). No caso desta pesquisa, histórias nas quais ocorrem encontros de um cearense com outro cearense. Por se tratar de um contato entre aqueles que compartilham o estigma, esses momentos servem de apoio moral, de conforto por se sentirem em seu espaço, por serem aceitos como iguais a qualquer outra pessoa (Goffman, 2008). Segundo Goffman (2008, p. 29-30), entre os iguais, o “estigmatizado pode utilizar sua desvantagem como uma base para organizar sua vida”. Assim, o cearense procura estar com os seus, reunindo-se em encontros familiares ou formando associações, como, por exemplo, a criação do Comercial Atlético Cearense, clube fundado em 20 de junho de 1966, que conta com uma sede social, área com churrasqueira, piscinas, parque infantil, quadra

de esportes e campo de futebol. Esse clube se configurou como um dos principais espaços de sociabilidade e distinção identitária do grupo cearense em Santarém (Aguiar, 2009), porém não era um espaço no qual todos os cearenses poderiam entrar. A participação só era possível mediante aquisição de títulos para se associar. Assim, somente as famílias cearenses mais abastadas tinham acesso a esse local. As outras se reuniam em balneários familiares ou nas casas do patriarca da família.

Na sequência, são apresentados registros de narrativas de contato não mistos, conforme os dados de cada participante.

5.1.1 Participante Maria

Essa seção é dedicada especificamente à análise dos dados gerados na entrevista com a Maria. Como foi dito na seção, a entrevista se deu de forma semiaberta com alguns tópicos pré-determinados e outros que surgiram no decorrer da interação. Dessa forma, após a leitura do TCLE e sua confirmação do aceite por meio da assinatura, iniciamos a entrevista solicitando-lhe que contasse sua história de vida, dizendo quem eram seus pais, de onde vieram e por que vieram para Santarém. Para responder a essa pergunta, ela relata duas narrativas e, durante a entrevista, outras surgiram. Para a análise dos excertos, usamos a teoria laboviana e os construtos teóricos das dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001), já que o modelo de Labov (1972) é insuficiente para identificação de narrativas não canônicas. Além disso, para análise das identidades, usamos os conceitos teóricos da teoria do posicionamento de Bamberg (1997).

Excerto 1 – “eu sou Maria”

4	Maria:	bem ... boa tarde é eu sou Maria Santos da Silva meus
5		pais são ... o meu pai é Carlos Eduardo Santos da Silva
6		e minha mãe é Alice Santos da Silva ... o meu pai ele
7		era uma pessoa semianalfabeta só sabia assinar o nome
8		mas ao mesmo tempo muito viajada então vivia viajando
9		pro Rio de Jane:iro Brasília à procura de trabalho
10		encontra:va quando encontrava ali ficava então e minha
11		mãe sempre ficava no Ceará esperan:do a gente morava
12		na época numa cidadezinha chamada Jericó ... aí: no
13		interior de Jericó no Sertão chamado Floresta por ali
14		... né num bem assim o interior bem caren:te né eu sou
15		a mais no:va entre quatro filhos eu sou a mais nova
16		... e aí: ... deu... meu pai deu na cabeça de: ... viajar
17		pra Brasília e lá: ... minha mãe foi com ele nessa ida
18		Pra Brasília ela: ... ela engravidou de mim ... e aí:
19		... nessa gravidez... perto de mim ter voltou pro Ceará

20		e eu fui nascer em Samaria ... ((barulho de carro de
21		som)) só tá passando o carro som aqui... que é outra
22		cidadezinha um pouquinho maior que Jericó ... e lá: ...
23		... é: ... começou o problema da dificuldade da se:ca
24		e tudo e as dificuldades aumenta:ram a escassez de
25		trabalho também aí meu pai resolveu vir pra Santarém
26		e aí a minha mãe disse assim "bem se nós vamos pra lá:
27		de lá: eu não vou sair mais" ... aí ele perguntou
28		"por que?" "porque a gente vive saindo de um lugar pro
29		outro e não consegue construir nada" e aqui nós
30		chegamos a... estou eu... vim de: pra cá pra
31		Santarém quando eu tinha três anos hoje eu já tenho
32		quarenta e seis anos né e daqui eu não saí mais meu
33		pai já faleceu aqui: a minha mãe ainda com ainda é
34		vi:va e a gente construiu né a ca:sa coisa que nós não
35		tínhamos lá no Ceará e::: daqui a gente ela foi
36		construindo vida e a gente filhos fomos casan:do e:: é
37		ficando por aqui só no Ceará para passear mesmo

Fonte: Dados do autor.

Observando esse excerto, vemos que o encaixe da narrativa na atividade discursiva (entrevista narrativa) é motivado pela pergunta eliciadora do entrevistador, que levou Maria a trazer um relato sobre seus pais, influenciando a produção de uma história (Mishler, 1999). A resposta não apenas atende à solicitação, mas também expande o tópico proposto (sua origem e o motivo da sua vinda para Santarém), fornecendo descrições que orientam o entendimento do ouvinte, contribuindo para o andamento e a coerência da interação. Essa prática, segundo Ochs e Capps (2001), indica que a narrativa está altamente encaixada no fluxo da interação. Além disso, a história dela mantém uma coerência temática com a questão inicial e se integra ao foco da interação, que é mais um dos aspectos essenciais para que uma narrativa seja considerada encaixada. Maria, ao descrever as experiências de seus pais (incluindo o contexto socioeconômico, os desafios enfrentados e as decisões migratórias), garante uma continuidade discursiva típica de uma história bem estruturada. Assim, é possível dizer que as narrativas de Maria fluem naturalmente dentro da interação que está ocorrendo como costumam ser aquelas que expandem ou enriquecem o foco temático em questão (Ochs; Capps, 2001).

Após a pergunta do entrevistador, Maria atua como narradora principal e se engaja em um turno mais longo para relatar sua jornada pessoal e de sua família, relatando as dificuldades que enfrentaram e as decisões importantes que moldaram suas vidas. Dessa forma, ela passa a ocupar um espaço interacional para narração (*cf.* Sacks, [1968] 1992; Garcez, 2001; Bastos, 2005). Nessa atividade, Maria conta uma narrativa que se divide em três episódios. Na perspectiva de Ochs e Capps

(2001), são textos que articulam uma cadeia de eventos agrupados em torno de um personagem, de um tópico ou de um objetivo focal.

O primeiro episódio (l. 6-15) inicia após a entrevistada fazer uma saudação e apresentar-se e apresentar sua família (linhas 4, 5 e 6), momento que pode ser entendido, em termos labovianos, como uma orientação de quem são os personagens principais das histórias. A partir da linha 6, ela começa a descrever o pai, caracterizando-o como uma "pessoa semianalfabeta" e "muito viajada" (linhas 7 e 8), evidenciando uma característica comum dos cearenses e dos nordestinos migrantes da primeira geração, a baixa ou nenhuma escolaridade (Benchimol, 1999; Maior, 1985). Porém, essa informação parece ser apenas um andaime para a subsequente "muito viajada", que significa uma pessoa sábia que, apesar de não possuir o conhecimento acadêmico, possui um grande conhecimento de mundo. No caso do genitor, essa expressão pode ser entendida tanto no sentido literal (indivíduo que viaja muito) como no sentido exposto, entendimentos complementares, visto que essa expressão geralmente se refere a alguém que tem experiência em viagens, visitando muitos lugares diferentes e, portanto, tem uma ampla perspectiva cultural e conhecimento sobre o mundo, adquirindo uma compreensão mais ampla de diferentes culturas. Assim, ela sugere que o pai, apesar de não dominar a leitura e a escrita formal, tinha conhecimentos adquiridos nas suas viagens, o que o tornava uma pessoa sábia. Essa afirmação é reiterada em outro trecho da entrevista não trazido aqui, no qual ela afirma que o pai contestava com bons argumentos pessoas cultas, apenas usando a sabedoria adquirida em sua vivência: "e o que é interessante amigo é que o meu pai contestava é: a com argumentos tão importantes pessoas de alto nível entendeu? Só com conhecimento dele e de mundo" (linhas 542 a 545).

Esse primeiro episódio é marcado pela predominância do verbo no pretérito imperfeito – "era", "sabia", "vivia", "encontrava", "ficava" –, que representa ações que duravam no passado e no tempo atual não ocorrem mais (Castilho, 2014). O uso desse tempo verbal revela que o pai realizava viagens frequentemente quando a família ainda estava no Ceará, mas que ocorreram somente por um período e que, depois, deixou de fazê-las. Ele não viajava por lazer, mas pela dificuldade de encontrar emprego na cidade onde morava. Então, para suprir as necessidades da família, ele era obrigado a se locomover para outros estados em busca de trabalho: "vivia viajando pro Rio de Jane:iro Brasília à procura de trabalho" (l. 8,9), enquanto a mãe ficava no Ceará. Após apresentar esse fato, a entrevistada começa a descrever a cidade na

qual viviam, fazendo as seguintes avaliações “cidadezinha” (l. 12), “interior de Jericó no sertão” (l. 13) e “interior bem carente” (l. 14) para mostrar a dificuldade que tinham na época.

Convém observar nesse episódio que, ao usar o termo “a gente” (linha 11), a entrevistada se inclui na história, porém, como podemos observar no próximo episódio, ela ainda não havia nascido, pois só nasceu e viveu em Samaria (linhas 20) e não em Jericó, onde os eventos acontecem. Esse fato pode ser considerado como uma hiperpersonalização, que, de acordo com Ochs e Capps (2001), ocorre quando o narrador absorve um modelo cultural ao representar a experiência individual, o “nós” torna-se o “eu”. Desse modo, a história da família de Maria é a sua própria história; por isso sua inclusão nela através do uso de um termo que funciona como um pronome da primeira pessoa do plural.

Por fim, esse episódio parece funcionar como uma espécie de resumo e orientação (Labov; Waletzky, 1967). Ele apresenta um resumo do que será narrado por uma sequência de eventos e contextualiza a história de sua origem, identificando os personagens, o local e quando os fatos aconteceram, além da motivação da vinda para Santarém. Assim, os seus aparentes saltos temporais e as suas múltiplas avaliações expressam o ponto de sua fala durante toda a entrevista: a vida difícil do cearense como agente da migração.

Constituem-se, nesse momento da fala, três personagens: o pai, posicionado como protagonista; e a mãe e a narradora, secundários. O início da narrativa é marcado pela caracterização negativa do genitor (“pessoa semianalfabeta”, l. 7), seguida por uma caracterização positiva (“muito viajada”, l. 8) e por sequências de orações narrativas (“vivia viajando”, “encontrava”) que culminam com o resultado da ação (“ali ficava então”), evidenciando uma possível retratação do pai como agente. A mãe e os filhos (“a gente”, nós em contraste com o ele, pai) são retratados como passivos (“ficava no Ceará esperando”).

Para dar continuidade à história de sua origem, a entrevistada inicia o segundo episódio, usando, no início da linha 16, o conectivo “e aí”. A partir desse ponto, há duas mudanças significativas: o tempo verbal empregado e o protagonista. Até então, os verbos estavam no pretérito imperfeito. A partir desse ponto, os verbos aparecem no pretérito perfeito (“foi”, “deu”, “engravidou”, “voltou”, “fui”, “começou”), indicando algo feito e concluído no passado (Castilho, 2014), além disso, o protagonista passa a ser a mãe e não mais o pai, que pode ser considerado como um marcador de

transição de episódios (Ochs; Capps, 2001). Antes ela ficava no Ceará, e o pai viajava à procura de empregos em outros estados, agora ela o acompanhou na viagem e engravidou – “minha mãe foi com ele nessa ida pra Brasília ela:.. ela engravidou de mim” (l. 17,18) –, contudo, antes do parto, ela retorna para o Ceará, porém não mais para a cidade que havia deixado, e, sim, para Samaria. A mãe, então, de personagem secundária e passiva, influenciada por decisões externas, passa a ser uma personagem central e agente (Bamberg, 1997). Isso pode ser percebido pelas sequências de orações (“foi com ele”, “engravidou”, “voltou”). A narradora, por sua vez, continua como personagem secundária e passiva. Apesar de ela não ser protagonista dessas narrativas, elas são importantes, pois são relatos de acontecimentos que fazem parte de sua vida e, consequentemente, relevantes para sua identidade.

É interessante observar que, para se referir à decisão do pai de viajar para Brasília, Maria usa a expressão idiomática “deu na cabeça” (l. 16), que pode ser compreendida de diferentes formas, dependendo da entonação e do uso pragmático. Em geral, pode indicar uma súbita decisão ou uma ideia que surge de forma inesperada e impulsiva. De acordo Marcuschi (2010), locuções idiomáticas, como a empregada no excerto, são exemplos de termos que extrapolam o sentido literal, adquirindo significados que dependem do contexto interacional e cultural, carregados de subjetividade e podem implicar uma avaliação sobre uma ação ou comportamento. No contexto do excerto, podemos entender que a informante empregou a expressão “possivelmente” para indicar que a decisão do pai de viajar, mais uma vez, pode ter sido súbita e inesperada para a família.

No final da linha 22, temos o começo do terceiro episódio, o relato do retorno das dificuldades que a família enfrentava antes de ir para Brasília. Esses problemas voltaram a afligi-los com mais intensidade do que antes – “e lá ... é... começou o problema da dificuldade da se:ca e tudo e as dificuldades aumenta:ram a escassez de trabalho também” (l. 22, 23, 24), como consequência o pai resolve ir para Santarém, mas recebe um ultimato da mãe “bem se nós vamos pra lá: de lá: eu não vou sair mais...” (linhas 26 e 27). Nas linhas 26 a 29, é reportado um diálogo entre a mãe e o pai, no qual vemos a incorporação de suas falas por meio da citação direta: “a minha mãe disse assim” (l. 26) e “aí ele perguntou” (l. 27). Essa citação exemplifica como a narradora integra outras vozes ao texto, mesmo que essas vozes tenham sido mediadas por ela. Segundo Bakhtin (1981), a introdução de múltiplas vozes em uma

narrativa enriquece o discurso, permitindo que o narrador principal inclua diferentes perspectivas em seu relato, aumentando a complexidade da narrativa. Ao apresentar o discurso do pai e da mãe, a narradora não somente traz sua própria visão dos acontecimentos, mas também incorpora as falas e pontos de vista de outras personagens, no caso seus pais.

Depois dessa inserção de vozes, nas linhas 31 a 37, temos, sob a perspectiva laboviana, o resultado a partir do qual surgem a resolução da ação complicadora e uma síntese dos efeitos da história: o estabelecimento em Santarém, a morte do pai, a construção de um patrimônio na nova cidade e o casamento dos filhos.

A dimensão da narração diz respeito ao número de pessoas envolvidas na contação e ao nível de envolvimento de cada uma. No excerto analisado, vemos um cenário típico de entrevista, em que o entrevistador inicia a narrativa ao solicitar detalhes que motivaram a vinda da família de Maria para Santarém (Oliveira, 2013). A partir desse momento, Maria assume o papel de narradora principal, e o entrevistador, por sua vez, tem uma participação mínima, agindo mais como facilitador do que como participante ativo. O envolvimento do interlocutor a partir desse momento se restringe a demonstrações de atenção por meio de elementos extralinguísticos, como movimentos corporais, contato visual e reações expressivas faciais (Ochs; Capps, 2001). Apesar de sinalizar atenção e encorajamento ao narrador, esses recursos não contribuem substancialmente para a narração emergente (Goffman, 1982). Então, nesse excerto, temos um envolvimento relativamente baixo do interlocutor na co-narração, visto que em nenhum momento ele assume posse da palavra (Ochs, Capps, 2001).

Uma das atividades muito comuns em narrativas de experiências pessoais é a possibilidade de expandir a narrativa com outras histórias. Essa expansão narrativa ocorre quando um dos interlocutores introduz uma nova história relacionada à anterior, ampliando-a ou complementando-a (Ochs; Capps, 2001). Embora nesse excerto não tenhamos uma expansão explícita de outras narrativas, Maria faz referências a outras possíveis histórias ao mencionar, por exemplo, os filhos que "foram casando e ficando por aqui" (linhas 36 e 37). Isso evidencia a existência de outras histórias relacionadas que poderiam ser exploradas, indicando que a narrativa de Maria está conectada a um conjunto mais amplo de narrativas, mas que não foram reportadas no momento.

De acordo com Labov (1972), além de outras características, uma narrativa, para ser reportável, precisa ser contável e ter um ponto. Sob esse viés, as narrativas

da Maria são reportáveis porque, além de serem incomuns, trazem sua trajetória de vida e de sua família, suas dificuldades e as decisões importantes que moldaram quem ela é hoje em dia. No que se refere à dimensão da historiabilidade, Ochs e Capps (2001) afirmam que uma narrativa altamente contável discorre sobre eventos que são interessantes e importantes para os interlocutores, podendo assumir as qualidades de alta e baixa historiabilidade. As narrativas de origem apresentadas pela participante possuem uma alta historiabilidade, já que essa dimensão não está relacionada somente com a natureza sensacional dos acontecimentos, mas também com o significado destes para os interlocutores e com a forma como os acontecimentos são retoricamente moldados na narrativa (Ochs; Capps, 2001). Desse modo, para que uma narrativa seja considerada com baixa historiabilidade, deveria ser relatada de forma hesitante, desajeitada, procurando palavras, cortando frases e depois recomeçando-as, às vezes, repetidamente, com fios soltos no rumo da história; o que não ocorre nesse excerto.

Nesse excerto, temos momentos de hesitações, repetições e fragmentações, que que podem ser percebidos pelas pausas e autorreparos[10] frequentes: “bem ... boa tarde é eu sou Maria Santos da Silva meus pais são ... o meu pai é Carlos Eduardo Santos da Silva” (linhas 4 e 5), “... e aí: ... deu... meu pai deu na cabeça de: ... viajar pra Brasília e lá:...” (linhas 16 e 17). Tais falas, contudo, não interferem na credibilidade da história. Marcuschi (2010) afirma que essas características são comuns na fala espontânea, pois refletem o processo de organização de pensamentos em tempo real e a tentativa de fornecer uma resposta clara e completa à pergunta feita, não necessariamente indicando baixa historiabilidade, mas o uso da linguagem oral. Nesse sentido, a reportabilidade da narrativa pode ser considerada apropriada ao contexto, mesmo que não atinja os níveis de engajamento e impacto retórico esperados em narrativas mais planejadas (Ochs; Capps, 2001).

A narrativa de Maria demonstra uma progressão temporal clara, na qual os eventos são apresentados em uma sequência cronológica que reflete uma continuidade histórica. A história inicia com a identificação de seus progenitores e a ocupação itinerante de seu pai, seguida pelas consequências dessa ocupação para a

[10] Nesta tese, utilizamos o termo “Autorreparo” para práticas interacionais utilizadas pelos falantes, a fim de lidar com seu discurso durante a interação, englobando não somente a correção de erros, mas também ajustes, clarificações e reformulações em busca de clareza e continuidade da comunicação (Schegloff, 1979).

família, culminando com a vinda para Santarém, onde se estabeleceram e vivem até hoje. Essa organização temporal, em que um elemento leva ao próximo, reflete um avanço linear, caracterizando a narrativa como relativamente linear (Ochs; Capps, 2001). Entretanto, temos uma breve suspensão da linearidade nas linhas 14 e 15 (“eu sou a mais no:va entre quatro filhos eu sou a mais nova”) e na linha 21 (“só tá passando o carro som aqui”), quando a narradora sai do mundo da história e volta para o mundo real. Segundo Ochs e Capps (2001), essa prática quebra a linearidade da narração, mas consideramos essa prática apenas como uma breve interrupção dessa linearidade (Oliveira, 2013).

A análise da postura moral na narrativa enfatiza a avaliação ética que o narrador faz dos protagonistas e de suas ações (Ochs; Capps, 2001). Dentro desse contexto, a postura moral manifestada por Maria ao longo do relato é relativamente estável e consistente, refletindo valores específicos que destacam a importância da estabilidade financeira e da construção de uma família como elementos essenciais para uma vida bem-sucedida e moralmente valorizada.

Além disso, podemos perceber, na narrativa de Maria, uma crítica velada ao modo de vida do pai antes de vir para Santarém. Ao usar o verbo no pretérito imperfeito do indicativo (linhas 8-10) para descrever a rotina do pai, ela evidencia uma crítica implícita às constantes viagens de seu pai em busca de trabalho, pois, segundo ela, ele vivia viajando. Essa prática se opõe ao desejo de sua mãe de encontrar estabilidade e adquirir bens mais duradouros (como podemos perceber nas linhas 26-29: “se nós vamos pra lá: de lá: eu não vou sair mais ... aí ele perguntou por quê porque a gente vive saindo de um lugar pro outro e não consegue construir nada”). Essa visão se consolida quando Maria relata que eles vieram para Santarém e lá conseguiram construir todo o seu patrimônio, superando as dificuldades anteriores (linhas 30-35).

Assim, por meio dessa avaliação moral do pai, a entrevistada sugere uma postura ambivalente em relação a ele: sua busca por trabalho e melhores condições é vista como necessária, mas incompleta sem a fixação em um local para a construção de um lar. Em contrapartida, a determinação de sua mãe em "não sair mais" de Santarém (linha 26) e o sucesso em construir uma vida estável (linhas 34-35) são claramente valorizados e apresentados como ações moralmente corretas e desejáveis.

Por fim, a narrativa avalia positivamente as ações que promovem a estabilidade e a criação de uma vida duradoura em um lugar fixo, expressando uma postura moral clara e constante, que orienta a interpretação das ações e decisões dos pais ao longo do relato. Essa perspectiva está em consonância com as noções locais de bondade e sucesso, conforme discutidas por Ochs e Capps (2001).

Na sequência da discussão sobre o tema origem, temos, no Excerto 2, mais uma narrativa que a entrevistada nos apresenta, dando-nos melhores detalhes sobre a instalação da família ao chegarem na nova cidade.

Excerto 2 – "minha adolescência já foi toda aqui"

220	Maria:	é: era já ... a minha adolescência já foi toda aqui com
221		dois com três anos mais ou menos né? então era muito
222		pequena logo que nós viemos pra cá nós é: um parente
223		nosso já havia morado já tava morando aqui e já tinha
224		comércio a gente morou lá no centro ele deu a casa dele
225		pra gente morar como a gente não tinha estrutura
226		nenhuma financeira trabalho então ele deu depois é:
227		meu pai conseguiu um trabalho aí: como vigilante aí
228		nós fomos morar em outra casa dele também lá: em outro
229		bairro que era novo bairro na época era um bairro de
230		periferia bem:: isolado tava iniciando aí o meu pai é
231		pegou essa casa e aí começou a pagar aluguel ele ainda
232		deu para a gente morar um ano na casa sem pagar aí
233		quando a gente se estabilizou financeiramente a gente
234		começou a pagar e daí: ... começamos a a juntar
235		dinheiro pra comprar uma casa é aí nós compramos
236		compramos não foi na época aqui nesse bairro começou
237		o governador a dar terrenos né aí nós começamos a a: é
238		encaminhar o: o os documentos pra ganhar aí tivemos a
239		sorte de ganhar ganhamos o terreno e: a batalha foi
240		construir a nossa casa e assim foi a vida levando dessa
241		forma aqui né foi muito bom que até hoje ainda tô
242		morando aqui no bairro casei tô morando aqui ainda

Fonte: Dados do autor.

A pergunta que precedeu essa narrativa era se a entrevistada tinha vindo para Santarém na adolescência; ela respondeu que não, que veio para o município por volta dos dois anos de idade e que viveu a adolescência nele. Nesse excerto, a entrevistada conta sobre a ajuda que a família obteve de um parente ao chegar na cidade até se estabilizar financeiramente. Essa prática dos familiares migrantes já estabelecidos na cidade de ajudar parentes recém-chegados a terem estabilidade financeira persiste até os dias de hoje. Contudo, ela se desdobrou, atualmente, em um novo tipo de ajuda: um migrante que já tem um empreendimento ajuda outro a empreender, geralmente, no mesmo ramo de atividade.

Nas linhas 220 a 226, temos a orientação e resumo da narrativa, mostrando em que época da sua vida aconteceu o fato – “com dois ou três anos mais ou menos né então era muito pequena logo que nós viemos para cá” (l. 221 e 222) – e quem são os personagens da história, a família e o tio. Assim como nas histórias do Excerto 1, essa narrativa não tem como protagonista a entrevistada. Essa posição é ocupada sempre por alguém da família. Nas narrativas do Excerto 1, temos o pai e a mãe, nesta temos o pai novamente e o parente que cedeu a casa, que teve uma grande importância para a estabilização financeira e instalação da família na nova cidade. Porém, nesse excerto, a partir das linhas 233, a participante se inclui na narrativa ao usar os termos “a gente” (l. 233) e “nós” e os verbos na primeira pessoa do plural da linha 233 a 240. Por fim, ela encerra com a coda: “e assim foi a vida levando dessa forma aqui né foi muito bom que até hoje ainda tô morando aqui no bairro casei tô morando aqui ainda” (l. 240-242).

Novamente, temos uma narradora ativa que toma o turno por um bom período com um envolvimento relativamente baixo do entrevistador, contribuindo apenas com movimentos de cabeça, demonstrando interesse na história. O evento é de alta historiabilidade, pois ela acrescenta detalhes de como se deu a fixação da família e a aquisição de alguns bens por ela, fato que foi apenas mencionado no excerto anterior. A narrativa não tem formato distinto de turno e é altamente relevante para o tópico discutido, pois ainda trata da trajetória familiar da narradora em busca de uma vida melhor, incluindo a mudança para a nova cidade, o apoio de familiares, a estabilização financeira e a construção da casa própria.

Os eventos são narrados de forma linear, uma vez que um evento leva a outro: a história começa com a mudança para a nova cidade, segue com a ajuda de um parente, o trabalho do pai como vigilante, a moradia em diferentes casas, a estabilização financeira, a obtenção de um terreno e a construção da casa, terminando com a situação atual da entrevistada.

Essa narrativa é rica em valores que refletem a cultura e as crenças pessoais da narradora e de sua família, mostrando a importância do apoio familiar e da ajuda mútua em tempos de dificuldade. O princípio da solidariedade é evidenciado pelo parente que oferece moradia para a família recém-chegada, proporcionando um ponto de partida importante para a estabilização financeira dela (l. 222 a 226). Além desse princípio, podemos perceber o valor da determinação e da perseverança no esforço contínuo da família em melhorar suas condições de vida, refletido na batalha para

conseguir sua casa própria (l. 234 a 340). A estabilidade familiar é novamente vista como o objetivo principal da família nas narrativas, em que a segurança de ter uma moradia própria e fixa é altamente valorizada.

Nesse excerto, novamente o pai é descrito como alguém trabalhador e perseverante, que conseguiu emprego como vigilante e trabalhou para estabilizar a família financeiramente. O parente é representado não somente como uma pessoa solidária ao oferecer uma casa para a família residir, mas também como uma peça-chave para o início da estabilização da família na nova terra.

A participante Maria geralmente apresenta narrativas cujos protagonistas são pessoas da família, e ela aparece como uma personagem secundária, demonstrando a importância da família para a constituição do que ela é hoje em dia e o quanto ela valoriza a sua história. No excerto que segue, novamente temos como personagem principal um ente familiar, mas agora essa posição não é mais ocupada por seus pais ou por um tio, agora a protagonista é sua avó.

Excerto 3 – “era uma pessoa assim de grande relíquia de experiências”

38	Pesquisador:	já foi no ... cê já foi no Ceará?
39	Maria:	[oi?]
40	Pesquisador:	já foi lá visitar?
41	Maria:	já:: eu vou constantemen:te só não agora com a pandemia
42		né agora eu vou pra passear por exemplo minha vó que:
43		a: antes da pandemia já faz uns cinco anos que ela
44		faleceu mãe do: da minha mãe era uma pessoa assim de
45		grande a relíquia de experiência de história cearenses
46		né ela: chegaram um museu ambulante de história de
47		contar a vida do povo antigo da época né quando ela
48		morava ainda continuava morando no interior do sertão
49		no interior quer dizer de Jericó é chamado sertão lá:
50		tem aquelas pessoas bem anti:gas que: que: vivia há
51		muitos a:no são vão morrendo e aí vai ainda continua
52		algumas pessoas entre elas uma: que é parente distante
53		prima distante da minha mãe ela ainda possui aqueles
54		vestidos de época rodado
55	Pesquisador	é mesmo?
56	Maria:	[na época] ela é: era ela guardava com baús um: um baú
57		bem grande na casa dela na:: casa era bem carente mas
58		assim de uma riqueza imensa daí ela vai contando a
59		minha vó contava que meu avô eles saia muito também
60		era como fosse viajante pra procura de comprar pei:xe
61		pra vende:r e principalmente em Siquém iam comprar
62		peixe para vender por lá era assim que eles faziam pra
63		comprar anima:is comprar alimentar a famí:lia era uma
64		situação assim ... ao mesmo tempo que mu:ito difícil
65		mas pra eles era até divertido que acabavam é
66		precariamente conhecendo outros lugares por que
67		precariamente porque eles iam eles iam de cava:lo né:
68		não era de carro anda:ndo a pé: era assim que as pessoas

69		então era pra até chegar num local era muito difícil
70		era intenso acampavam na ma:ta na beira da estra:da aí

Fonte: Dados do autor.

A interação apresentada pelo Excerto 3 envolve dois sujeitos principais: o pesquisador e a entrevistada Maria. A estrutura da interação entre os dois sugere um envolvimento mais dinâmico, no qual o primeiro atua como iniciador da narrativa, estabelecendo perguntas (“cê já foi no Ceará...”, l. 38; “Já foi lá visitar?”, l. 40) que orientam Maria a narrar suas experiências.

Dessa forma, o entrevistador demonstra seu envolvimento na narração de forma inicial, através de questionamentos que estimulam a entrevistada a tomar turno e iniciar sua narrativa. Como a co-narração pode ser entendida como um processo no qual os participantes de uma interação co-constroem a história contada (Ochs, Capps, 2001), podemos afirmar que o papel do pesquisador, mesmo fazendo essas interrogações iniciais, não é alto, pois se comporta como um ouvinte passivo que oferece estímulos mínimos para que Maria desenvolva sua história. Adicionalmente desempenha um papel crucial ao orientar a narrativa com perguntas. Contudo, na linha 55, o interlocutor assume a posse da palavra ao emitir uma expressão que demonstra surpresa pelo relato da entrevistada, que pode ser interpretada, em termos labovianos, como uma avaliação, evidenciando tanto o envolvimento do interlocutor quanto o incentivo a Maria para continuar com sua narrativa, como uma valorização de sua narrativa. As poucas interrupções nas falas da entrevistada indicam que o entrevistador possibilita o protagonismo de Maria na conversa.

Uma das características da narrativa de alta historiabilidade é quando ela se mostra como uma construção narrativa que apresenta personalidades importantes socialmente. A narrativa de Maria apresenta elementos que a colocam nessa categoria. Essa classificação se justifica pela referência que ela faz às figuras históricas e culturais relevantes em sua história, como sua avó, descrita como uma “relíquia de experiência” (l. 45) e um “museu ambulante” (l. 46) da história cearense, elevando a relevância do seu relato, já que conhecimentos e tradições transmitidos pelos antepassados têm um grande valor cultural para a sociedade. Narrativas que envolvem personagens notáveis ou acontecimentos de grande relevância para a comunidade tendem a possuir alta historiabilidade (Labov, 1972).

A descrição detalhada de como os personagens faziam para sobreviver e superar as dificuldades enfrentadas pela família – a venda de peixe (l. 60-62) e a

viagem em condições adversas (l. 63-70) – contribuem para tornar a narrativa tanto informativa quanto envolvente. A forma como a narradora elabora os detalhes de maneira vívida – “acampavam na ma:ta na beira da estra:da” (l. 70) – cria uma imagem mental que faz com que o ouvinte se envolva mais com a história e, consequentemente, fique mais atraído por ela. Narrativas mais detalhadas e visualmente ricas tornam a história digna de ser contada (Labov, 1972).

Outro ponto que podemos observar na narrativa da Maria que eleva a sua historiabilidade é a carga emotiva presente em seu relato. Sua história evidencia um certo sentimento de saudade da avó e a valorização das experiências passadas da sua família. Essa carga emocional evoca reações emocionais nos interlocutores, aumentando a importância da experiência contada, tornando a narrativa altamente contável (Bruner, 1990).

Quanto ao encaixe, que permite investigar se as narrativas presentes são relativamente isoladas ou relativamente encaixadas no contexto discursivo da interação em curso (Ochs; Capps, 2001), observamos que a narrativa de Maria está relativamente encaixada no fluxo discursivo. Vemos que o excerto começa com uma sequência de perguntas do pesquisador (linhas 38 e 40), que introduzem o tema da visita ao Ceará. Maria responde de forma direta – “já” (l. 41) –, afirmando que costumava visitar a terra cearense frequentemente, mas que a pandemia interrompeu essas visitas. A partir dessa resposta inicial, ela começa a construir uma narrativa que se desenvolve nas linhas seguintes (42-70).

A partir do questionamento inicial do entrevistador, a narrativa da participante segue uma continuidade temática. Ao ser indagada, ela elabora uma narrativa que, embora extensa, está relacionada ao tema central do tópico: suas visitas e experiências no Ceará. Portanto, o conteúdo narrativo é relevante e responde diretamente ao tópico introduzido pelo pesquisador. Além disso, sua narrativa é estruturada em turnos que se encaixam de maneira fluida na conversa, não se diferenciando dos turnos anteriores nem dos subsequentes, o que demonstra uma integração na sequência conversacional, sendo, portanto, uma narrativa encaixada.

Ao observarmos como os eventos estão sequenciados no Excerto 3, percebemos que eles parecem não seguir uma ordem temporal linear. A narradora começa respondendo à pergunta do pesquisador sobre se ela já havia visitado o Ceará (l. 38), confirmando que sim (l. 41) e comentando que fazia essas visitas regularmente antes da pandemia. Depois, ela faz uma digressão para falar de sua avó

e de suas histórias sobre o sertão e as dificuldades enfrentadas por aqueles que lá viviam.

Aqui podemos observar que há uma tentativa de estabelecer uma progressão temporal: Maria menciona eventos do passado (a morte da avó e suas histórias) e tenta conectá-los a acontecimentos mais recentes (suas visitas regulares ao Ceará e a interrupção devido à pandemia). No entanto, essa sequência temporal é prejudicada pelas interrupções e desvios, dificultando a construção de uma linha cronológica clara e definida. Fludernik (1996) observa que, na narrativa oral, muitas vezes, esse desvio da linearidade ocorre porque os eventos são lembrados e narrados de acordo com sua relevância emocional ou social e não com intuito de criar uma sequência temporal precisa. Temos ainda a suspensão da linearidade nas linhas 43 e 44, quando a narradora sai do mundo da narrativa ao comentar que faz cinco anos desde que a avó faleceu, o que pode ser percebido pela mudança do tempo verbal para o presente.

O excerto também apresenta um padrão relativamente linear em relação à casualidade. Maria tenta estabelecer conexões causais entre os eventos (a morte da avó leva a uma reflexão sobre suas histórias e tradições, que por sua vez leva a uma descrição das dificuldades enfrentadas pelos sertanistas). Essas relações não são perceptíveis nem lineares. Por exemplo, Maria menciona que seu avô e outros familiares precisavam viajar longas distâncias para comprar peixe e alimentar a família, mas ela não constrói uma ligação entre esse acontecimento e o evento da morte da avó. Há uma mudança de assunto que interrompe o fluxo da narrativa. Essa quebra na relação causal é uma característica das narrativas não lineares, nas quais as conexões entre eventos são frequentemente implícitas ou abertas à interpretação (Ochs; Capps, 2001).

Outra característica da não-linearidade no excerto é a forma como os eventos e as descrições estão entrelaçados. Esse entrelaçamento não segue claramente uma ordem cronológica ou causal. As memórias de Maria parecem emergir de maneira associativa, em que um assunto conduz a outro, sem necessariamente chegar a uma conclusão ou a uma progressão definida. A vida no sertão, as dificuldades enfrentadas e as viagens de seu avô são relatadas de maneira fragmentada, sem uma narrativa única que una esses elementos em uma sequência coerente e completa. Ochs e Capps (1993) observam que essas interrupções e mudanças de direção na narrativa são frequentes em relatos orais, nos quais o narrador pode perder o fio das ligações

entre os eventos ou ser guiado por associações momentâneas, mas sem perder totalmente a ordem causal e temporal dos eventos.

Por fim, podemos afirmar que o excerto em análise traz tanto elementos de linearidade quanto elementos de não-linearidade. Embora haja uma tentativa de seguir uma sequência temporal e causal, essa ordem não é rigidamente mantida, pois seu discurso é fragmentado. Essa estrutura narrativa reflete a complexidade e a natureza multifacetada das narrativas orais, nas quais a linearidade temporal e causal geralmente é menos importante do que as associações emocionais e culturais que o narrador faz entre os eventos. Portanto, essa narrativa pode ser considerada predominantemente não-linear, ainda que contenha traços de linearidade temporal e causal que não são totalmente desenvolvidos.

A postura moral da narradora é construída por meio da valorização das experiências de seus avós, especialmente no que diz respeito à sobrevivência em condições adversas. Ela descreve sua avó como uma "relíquia de experiência das histórias cearenses" (l. 45) e "um museu ambulante de história de contar a vida do povo antigo" (l. 46, 47). Maria parece exaltar tanto a sabedoria das gerações anteriores quanto a sua capacidade de suportar as adversidades da vida. A moralidade, então, nesse contexto, está ligada à capacidade de enfrentar adversidades e de preservar tradições, algo que, de acordo com Ochs e Capps (2001, p. 46), pode ser visto como um “esforço de construir identidade moral através da narrativa”.

A maneira como a narradora descreve as dificuldades enfrentadas pelos seus antepassados, como a necessidade de percorrer longas distâncias para conseguir alimentos e sustentar a família (l. 62, 63), é apresentada de forma dúbia, visto que ela reconhece a dureza dessas condições, quando diz "situação assim... ao mesmo tempo que mu:ito difícil", l. 64), mas também enfatiza um aspecto positivo ao descrever essas experiências como "divertidas" (l. 65) para seus avós. Ela parece valorizar a capacidade de gerações anteriores que, mesmo em condições difíceis de viver, encontram momentos de alegria. Isso indica uma visão moral que não foca somente no sofrimento ou no sucesso, mas que reconhece que as experiências de vida são mais complexas e múltiplas do que sofrer ou vencer.

Em termos de determinação e constância, a postura moral de Maria pode ser considerada relativamente flexível. Ao longo do excerto, nota-se uma mudança de foco: de uma reverência pelos valores tradicionais e históricos a uma apreciação mais

pessoal e subjetiva das dificuldades enfrentadas por seus avós. Essa flexibilidade reflete uma moralidade que se adapta aos diferentes momentos da narrativa, oscilando entre uma avaliação estável dos valores passados e uma apreciação mais contextual e situacional das experiências vividas. Tal fato vai ao encontro de Ochs (2004) quando diz que a postura moral pode sofrer variação durante a concatenação das narrativas no relato, inclusive na passagem de uma história para outra.

No próximo excerto, Maria relata como se deu seu processo de adoção dos aspectos culturais pertencentes à comunidade paraense, principalmente no que concerne aos aspectos linguísticos e aos hábitos alimentares, mostrando como ela se adaptou ao longo do tempo em consequência de suas interações.

Excerto 4 – "eu sou metade paraense e cearense"

303	Maria	na verdade a questão da aculturação né? e tem gente
304		aqui que diz "mas nem parece que tu é cearense por
305		que porque o cearense não gosta de comer peixe não
306		gosta de tacacá não e tu come tão bem peixe" eles
307		disseram ((risadas)) isso é uma das coisas por isso
308		eu digo "eu sou metade paraense e cearense" que eu
309		gosto de.... quando eu chego lá: as pessoas ficam me
310		olhando me oferecem tipo de comida típica de lá eu
311		como "mas menina parece que essa daí parece nem ser
312		é ... é ... parece que tá o sangue total ... paraense
313		mas gosta das coisas daqui" pois é eu sou meio a meio
314		tenho um pouco daqui um pouco de lá eu gosto dos
315		dois lugares a questão até a questão da fala uma das
316		primeiras vezes que eu fui pra lá eu encontrei um: um
317		amigos da minha vó e até mais jovens né minha idade
318		na época que falava "li:ndro" o que eu estranhei o
319		sotaque que eu já não tinha mais o sotaque das palavras
320		li:ndro e um: uma fala assim mais é no diminuti:vo
321		"Mariazinha" como me chamam lá "Mariazi:nha" era eu sempre
322		Eu fui cha... sendo fala é: conhecida dessa forma lá e lá
323		o diminutivo é uma forma carinhosa de expressar de ...
324		de se achegar com as pessoas né e aí eu até me
325		surpreendi quando essa pessoa disse "lindro" "mas será
326		que ela tá falando errado mesmo" não aí eu fui perceber
327		é a forma de falar então tem algumas coisas e algumas
328		palavras que minha vó falava que: é eu é uma: digamos
329		assim é uma riqueza muito grande linguisticamente né a
330		o: a forma de falar como é que era aquela época ela
331		citava né: como era difícil era ... a questão de ter
332		emprego de arranjar emprego hoje não ela dizia assim "a
333		gente vai bem ali de carro e já tá lá antes a gente
334		passava dias pra chegar até a casa dela" pra chegar é
335		uma estrada de: de mato de um lado e mato de outro como
336		se fosse só um ramal e ela nunca fez questão de dizer
337		assim "não eu quero ir pro centro grande quero ir pro
338		uma cidade maior" ela não pelo contrário se tirasse ela
339		de lá ela morreria mais rápido tanto é que ela adoeceu
340		e não quis sair de lá quis morrer lá mesmo não foi:

303	Maria	na verdade a questão da aculturação né? e tem gente
304		aqui que diz "mas nem parece que tu é cearense por
305		que porque o cearense não gosta de comer peixe não
341		... é uma riqueza muito grande
342	Pesquisador:	eles nun: eles nu: estranharam o: teu sotaque? já que
343		tu alterou um pouco quando foi pra lá ((risadas))
344	Maria:	sim ... o chiado... eles sem sempre dizia que o
346		s quando não tinha palavras com s eles estranhavam
347		por isso mas aí aí por isso que eles diziam "mas nem
348		parece que tu é cearense tu fala dessa forma aí ó":
349		até a questão de explicar né eu sai de lá com 2 anos
350		e: 3 anos e aí eu fui fui digamos aculturando aqui no
351		Pará absorvendo a cultura do Pará o falar: do Pará
352		tudo isso eu já tenho na questão do falar eu já tenho
353		poucas coisas do cearenses já sou mais paraense

Fonte: Dados do autor.

O Excerto 4 inicia após uma observação do pesquisador sobre como os migrantes assimilam geralmente a cultura local da cidade, citando um exemplo de um conhecido seu que, depois de um longo período distante do lugar onde nasceu, já não se reconhecia mais como natural de lá. Após esse comentário, a entrevistada toma o turno para falar de sua experiência. Para demonstrar que passou por um processo de aculturação ao incorporar elementos da cultura paraense que não eram próprias da cultura cearense, ela traz um discurso reportado dos santarenos que afirmam que ela se assemelha aos paraenses por ter os mesmos hábitos alimentares que eles: "mas nem parece que tu é cearense porque... porque o cearense não gosta de comer peixe não gosta de comer tacacá, não... e tu come tão bem peixe" (linhas 304 a 306). Contudo, esse discurso de que cearense não gosta de consumir pescado não se sustenta, fazendo parte apenas do estereótipo. O peixe também faz parte da culinária cearense, porém, em algumas regiões costeiras do Ceará, ele não é consumido devido à pouca disponibilidade do produto, às preferências por outros alimentos mais acessíveis e à dificuldade de acesso à água. No entanto, como, de modo geral, os cearenses que vieram para Santarém são de cidades das regiões semiáridas do Ceará, onde o consumo de peixe é bem menor, enquanto o consumo de carne bovina, caprina, ovina, suína e de galinhas caipiras é bem maior, criou-se esse discurso de que cearense não come peixe.

Pelo fato de a entrevistada ter assimilado os hábitos alimentares paraenses, onde o consumo de pescado é bem maior, ela conclui que tem uma identidade cultural híbrida: "sou metade paraense e cearense" (linha 308). Em seguida, para reforçar seu ponto de vista, ela relata outra história envolvendo cearenses. Ela inicia com a

orientação “quando eu chego lá [no Ceará] as pessoas [cearenses] ficam me olhando me oferecem tipo de comida típica de lá” (linhas 310) e logo em seguida a entrevistada diz que come as comidas oferecidas e isso causa um espanto nos seus conterrâneos, pois pensavam que ela não gostasse das iguarias típicas do Ceará, já que viveu mais tempo no Pará. Nas próximas linhas, ela reporta falas como: “mas menina parece que essa daí nem parece ser (...) paraense” (linhas 311 e 312). Por essa fala podemos entender que os seus conterrâneos a consideram como paraense, assim como os paraenses. E isso leva ela a afirmar novamente que possui uma identidade cultural híbrida: “eu sou meio a meio tenho um pouco daqui um pouco de lá eu gosto dos dois lugares”. (l. 313-314). Para Canclini (2008), hibridação é um processo sociocultural em que elementos de diferentes origens culturais se combinam, gerando novas formas de expressão e identidade. Esse fenômeno está além de uma mera fusão cultural, pois, para o autor, trata-se de um processo de transformação em que elementos culturais de diferentes origens são reelaborados, reinterpretados e apropriados, criando formas culturais novas e híbridas, envolvendo não apenas influências culturais mútuas, mas também relações de poder, dominação e resistência.

Outra evidência de identidade cultural híbrida, a partir da fala da entrevistada, está nas linhas 315-320, por meio de uma narrativa que tem como protagonista um amigo de sua avó que fala a variedade linguística local. Ela afirma que o sotaque dele é estranho, pois era um modo de falar que ela não tinha mais: “eu não tinha mais o sotaque” (l. 319). Com essa história, ela mostra que o processo de aculturação pelo qual passou não se restringiu apenas aos hábitos alimentares, mas também se deu na linguagem.

Nas linhas subsequentes, ela continua a falar sobre seu processo de aculturação linguística. O sotaque nordestino e o uso de expressões regionais geralmente são alvo de discriminação linguística. Como se trata de um encontro entre cearenses, vemos que ela é alvo de estranheza por partes dos seus conterrâneos, que se espera que sejam empáticos com sua situação: “mas nem parece que tu é cearense tu fala dessa forma aí” (linhas 347 e 348). Nas próximas linhas, Maria novamente afirma que passou pelo processo de aculturação, dando ênfase à apropriação do sotaque paraense. Anteriormente, a entrevistada havia mencionado o falar chiado dos paraenses. A expressão "falar chiado" é uma maneira coloquial de descrever o sotaque característico do Pará e outras regiões, como Rio de Janeiro,

Recife e Ilha de Florianópolis, sendo frequentemente associado ao uso intensivo do fonema /ʃ/ em coda silábica, representado pela letra "x" (xícara) ou pela letra “s” (pescaria). A pronúncia nesses casos é de fricativa palato-alveolar surda, produzida ao aproximar a língua do palato e deixar o ar passar através do estreitamento resultante, criando um som "chiado". Esse fenômeno fonético é uma das características do sotaque paraense que se diferencia do sotaque cearense, havendo estranhamento por parte dos cearenses quando ela os visitava no Ceará. Por fim, ela conclui que, em termos de pronúncia, ela se aproxima mais dos paraenses do que dos cearenses, pois, como veio para a cidade santarena ainda na infância, viveu mais tempo no Pará: “eu saí de lá com 2 anos, e: 3 anos e aí eu fui fui digamos aculturando aqui no Pará absorvendo a cultura do Pará o falar: do Pará tudo isso eu já tenho na questão do falar eu já tenho poucas coisas do cearenses já sou mais paraense” (l. 249-253). Aqui observamos uma aparente contradição: anteriormente ela disse que se sentia meio a meio, agora ela afirma que é mais paraense do que cearense. Tomando Ochs (1996) como referência, podemos dizer que, durante a narração, o narrador, ao escolher as palavras, ao elaborar a sua história, ao atribuir causalidade e sequencialidade aos eventos, ao colocar as emoções, circunstâncias e comportamento em primeiro ou em segundo plano, ele constrói novos entendimentos de si no mundo. Dessa forma, uma identidade fluida e em evolução é construída.

Nesse excerto, novamente temos somente um narrador ativo (Maria) que compartilha suas experiências e percepções sobre a aculturação e as interações sociais entre as culturas cearense e paraense com um ouvinte (pesquisador). Porém, temos um envolvimento maior do interlocutor na co-narração, pois, nas linhas 342 e 343, o pesquisador solicita uma informação – “eles nun: eles nu: estranharam o: teu sotaque já que tu alterou um pouco quando foi pra lá?”. Considerando a narrativa como uma construção colaborativa entre os interlocutores, em que o conteúdo e a direção das estruturas narrativas dependem do *input* fornecido por eles (cf. Ochs e Capps, 2001), é possível interpretar as informações solicitadas pelo interlocutor nesse trecho como relevantes para a narradora, refletindo suas contribuições para o desenvolvimento e o curso da história. Logo, podemos afirmar que, nesse excerto, há um envolvimento relativamente alto na co-narração.

Ao relatar, ela incorpora vozes de outras pessoas que não estão na interação, mas influenciam a sua narrativa. Usando esse recurso, a narradora dá maior credibilidade à história (Ochs; Capps, 2001). Nas linhas 303 a 307 (“tem gente aqui

mas nem parece que tu é cearense porque porque o cearense não gosta de comer peixe não gosta de tacacá não e tu gosta de comer peixe eles disseram ((risadas))"), Maria reporta as falas de pessoas da comunidade local. Ao usar o marcador de lugar "aqui", ela faz referência à cidade de Santarém, onde ocorreu a entrevista. A voz reportada neste caso é dos santarenos, que comentam sobre sua identidade cultural e seus hábitos, os quais não se alinham com os estereótipos cearenses. O objetivo dessa incorporação é destacar como ela é percebida pelos outros em relação à sua identidade cultural. A expressão "eles disseram" indica que essas vozes são reportadas indiretamente, e as risadas "((risadas))" sugerem que Maria vê essas observações com certo humor ou leveza.

Nas linhas 331 a 336 ("ela citava né: como era difícil era ... a questão de ter emprego de arranjar emprego hoje não ela dizia assim a gente vai bem ali de carro e já tá lá"), a entrevistada usa o discurso direto ("a gente vai bem ali de carro e já tá lá") e o indireto ("ela citava né: como era difícil era... a questão de ter emprego de arranjar empregoo") para reportar a fala da avó, essencial para a construção da identidade e memória de narradora e para destacar as diferenças entre o passado e o presente, revelando a importância da memória e da tradição em sua identidade cultural. A fala da avó não é citada diretamente, mas é transmitida pela perspectiva de Maria, o que reflete tanto a lembrança quanto a sua interpretação sobre o que foi dito.

Além desses momentos, há um caso nesse excerto em que a narradora usa uma voz hipotética para narrar os sentimentos e atitudes de sua avó em relação à ideia de sair do local onde vivia: "ela nunca fez questão de dizer assim não eu não quero ir pro centro grande quero ir pro uma cidade maior" (l. 336, 338). Conforme definido por Ochs e Capps (2001), a voz hipotética é usada pelos narradores para construir possibilidades alternativas de ação ou discurso que não ocorreram, mas que poderiam ter ocorrido. Maria faz uso desse recurso para expressar o que sua avó não disse, criando uma construção hipotética que reflete o que poderia ter sido dito, mas que, de fato, não foi. Essa construção hipotética serve para dar ênfase à determinação e apego da avó ao seu lugar de origem e é uma estratégia narrativa poderosa. Ela não só destaca a realidade de que a avó nunca quis sair de seu local de origem, mas também contrasta fortemente com a possível expectativa de que alguém em sua situação pudesse desejar se mudar para uma cidade maior. Assim, esse tipo de voz é usado para fortalecer a ideia de que a avó estava profundamente enraizada em seu ambiente e que a sua identidade estava ligada ao lugar em que viveu.

O interlocutor pode demonstrar seu envolvimento na narração de várias maneiras, que vão desde demonstrações superficiais de atenção até a formulação de perguntas ou comentários que complementam a narrativa do narrador (Ochs; Capps, 2001). No Excerto 4, a risada do pesquisador, marcada como “((risadas))”, na linha 343, é um indicativo de que ele está atento à história de Maria. A risada não só sinaliza que o pesquisador está escutando, mas também que ele está emocionalmente sintonizado com o que está sendo dito, reconhecendo o humor ou a ironia na narrativa contada. Além disso, uma das maneiras mais explícitas de um ouvinte demonstrar envolvimento em uma narrativa é por meio de perguntas que sondam mais profundamente o conteúdo da história ou buscam esclarecimentos sobre aspectos específicos. O entrevistador faz isso, ao perguntar à entrevistada: “eles nun: eles nu: estranharam o: teu sotaque já quetu alterou um pouco quando foi pra lá ((risadas))” (linhas 342-343). Essa pergunta serve para aprofundar a compreensão do pesquisador sobre a experiência de Maria em relação à mudança de sotaque e como isso foi percebido por seus conterrâneos. Ao formular o questionamento, ele demonstra um interesse ativo na história, sinalizando que não apenas está ouvindo, mas também deseja entender melhor as nuances de sua experiência. Além disso, essa pergunta pode ser vista como uma tentativa de conectar diferentes partes da narrativa de Maria (a alteração de sotaque e a percepção dos outros sobre essa mudança), contribuindo para a construção de uma narrativa mais coesa e detalhada. Tais estratégias mostram que o pesquisador atua como co-narrador, com um envolvimento que pode variar de intensidade, mas sem deixar de influenciar a forma como a história é narrada e percebida (Ochs; Capps, 2001).

A historiabilidade pode variar ao longo de um contínuo que vai de baixa a alta, dependendo dos recursos retóricos usados pelo contador, que pode tornar a história envolvente (Ochs; Capps, 2001). Inicialmente, é possível perceber que a narrativa de Maria apresenta elementos que sugerem uma historiabilidade relativamente baixa devido à presença de hesitações e autorreparos, que tornam a narrativa menos atraente. Um exemplo desses problemas pode ser visto nas passagens "parece que essa daí parece nem ser é ... é ... parece que tá o sangue total ... paraense" (linhas 311-312) e "ela dizia assim a gente vai bem ali de carro e já tá lá antes a gente passava dias pra chegar até a casa dela" (linhas 332-334). Esses momentos de hesitação e a necessidade de repetição ou correção indicam uma dificuldade em manter uma

sequência narrativa fluida e linear, o que caracteriza narrativas com baixa historiabilidade (Ochs; Capps, 2001).

Essa dificuldade em manter uma sequência linear faz com que sua narrativa não siga um desenvolvimento temático. Ela então acaba mesclando diferentes temas, como a aculturação, a mudança no sotaque e as memórias da avó, sem realizar transições coesas entre eles. Esse entrelaçamento, sem uma sequência narrativa bem definida, também contribui para a baixa historiabilidade, pois o ouvinte pode ter dificuldade em seguir o raciocínio e em identificar um ponto de vista coerente e eficazmente no relato.

No entanto, a análise também revela que Maria utiliza diversos recursos retóricos que ajudam a tornar o evento narrado um relato mais contável. Uma dessas ferramentas é o uso de orientações que ajudam a situar o ouvinte no tempo e no espaço, como em "Eu fui cha... sendo fala é: conhecida dessa forma lá e lá o diminutivo é uma forma carinhosa de expressar de ... de se achegar com as pessoas né?" (linhas 321-324). Além disso, ao mostrar como ela era chamada pelos cearenses (“Mariazinha”, l. 312) e o significado cultural dessas expressões cria uma conexão mais forte com o interlocutor e enriquece a narrativa. Outro recurso usado pela narradora é construir contrastes culturais entre o Ceará e o Pará, ao destacar diferenças no paladar, no sotaque e nas formas de tratamento (linhas 305-307). Esses contrastes servem como pontos de tensão na narrativa, aumentando o interesse do ouvinte.

Ao fazer uso de discurso direto e discursos reportados, a narradora confere dramaticidade ao seu relato, aproximando o ouvinte da experiência narrada, como já foi analisado anteriormente. Essa técnica é eficaz para transformar a narrativa em uma descrição mais dramática e envolvente. As reflexões pessoais (linhas 313-314) que a narradora faz durante seu relato e o apelo emocional também aproximam o ouvinte da história. Essa autorreflexão e a carga emotiva presente (quando ela fala da avó e de seu local de origem) transformam a narrativa em uma experiência pessoal mais profunda, o que a torna mais interessante e, consequentemente, pode tocar o interlocutor de maneira significativa.

Enfim, baseando-nos no exposto, podemos afirmar que, na narrativa de Maria (mesmo possuindo estratégias retóricas para transformar o acontecimento em um relato altamente contável), a presença de hesitações, de autorreparos e de uma

estrutura narrativa fragmentada caracterizam uma narrativa, de modo geral, como tendo historiabilidade relativamente baixa.

No Excerto 4, encontramos sequências narrativas que podem ser consideradas tanto encaixadas quanto isoladas. O relato começa com uma reflexão de Maria sobre sua experiência de aculturação e as percepções dos outros sobre sua identidade regional, estabelecendo uma ligação temática com o discurso anterior. Maria responde a uma provocação sobre sua origem cearense e sua adaptação à cultura paraense. Esse relato, que se estende da linha 303 à 309, pode ser considerado encaixado, pois surge na conversa sem sair do contexto, onde a identidade cultural e a aculturação são o foco da conversa. Portanto, o conteúdo da história se alinha com a discussão mais ampla sobre identidade, cultura e pertencimento, sendo uma continuação lógica da fala anterior.

A partir da linha 316, Maria introduz uma memória de sua visita ao Ceará, na qual descreve as reações de amigos e familiares ao seu sotaque reestruturado. Embora ainda relacionada à questão da identidade cultural, essa narrativa se desvia ligeiramente do foco na aculturação no Pará e aprofunda-se em uma experiência pessoal cujo tema se desconecta temporariamente do tópico inicial. Esse desvio pode ser interpretado como um movimento em direção ao isolamento da história, pois, mesmo usada para ilustrar um tema mais amplo, a narrativa se torna relativamente autônoma dentro da interação, caracterizando-se como isolada. Outro trecho aparentemente isolado vai das linhas 328 a 341, no qual a entrevistada narra uma experiência relacionada à fala de sua avó, referindo-se a um passado distante e às dificuldades que ela enfrentava. Esse relato, embora conectado ao tema de cultura e fala, desvia-se do foco principal da interação, a própria experiência de Maria em relação à aculturação.

Por fim, baseando-se em Ochs e Capps (2001), que ponderam que a integração ou isolamento de uma narrativa depende do grau em que ela se relaciona diretamente com o fluxo discursivo em andamento, concluímos que as narrativas iniciais são mais conectadas. As subsequentes, de outra parte, tendem ao isolamento, especialmente quando Maria passa a narrar eventos específicos de sua memória pessoal que se distanciam do tema central da aculturação no Pará.

A análise da linearidade na narrativa apresentada exige uma reflexão cuidadosa sobre a maneira como os eventos são descritos e estão mutuamente conectados. O conceito de linearidade, conforme discutido por Ochs e Capps (2001),

refere-se à clareza com que uma narrativa segue uma sequência temporal e causal. Nesse contexto, a linearidade pode ser entendida como a descrição de eventos em uma progressão ordenada e lógica, enquanto a não-linearidade ocorre quando essa sequência é fragmentada ou desconexa.

No excerto analisado, a narrativa de Maria revela uma estrutura relativamente não linear, embora contenha elementos de linearidade. A inclusão de reflexões pessoais, que faz com que ela saia do mundo da história e volte para o mundo real (“eu digo eu sou metade paraense e cearense”, l. 307 e 308; “o diminutivo é uma forma carinhosa de expressar de ...de se achegar com as pessoas”, l. 323 e 324) e de eventos desconectados do tema geral, como vimos anteriormente, interferem na progressão temporal ou causal do relato. Por exemplo, Maria inicia sua narrativa mencionando a questão da aculturação (linha 303), um tema que permeia seu discurso ao longo do excerto, mas sem seguir uma linha temporal específica. Ela transita entre relatos de diferentes momentos de sua vida, como o questionamento de sua identidade no Ceará (linhas 304-307), sua autoidentificação como "metade paraense e cearense" (linha 308) e suas experiências com o sotaque e formas de tratamento no Pará (linhas 316-325). Esses relatos são intercalados com lembranças de sua avó e as dificuldades de transporte no passado (linhas 328-341), ilustrando uma narrativa que enfatiza mais o inter-relacionamento dos diferentes aspectos de sua vida do que uma sequência temporal rígida.

A ausência dessa sequência pode ser percebida também na maneira como Maria alterna entre o passado e o presente, sem marcar claramente essas transições. Por exemplo, ela comenta "quando eu chego lá as pessoas ficam me olhando" (linhas 309-310), enquanto fala de sua avó em tempos anteriores (linhas 328-339) e discute o impacto da cultura local em seu sotaque ao longo do tempo (linhas 342-353). Essa mudança para o tempo presente ao se referir a eventos antigos é uma estratégia retórica chamada de “transposição” e pode indicar uma preocupação contínua do narrador, demonstrando que os eventos não estão somente no passado (Ochs; Capps, 1996). Essa mistura de temas e tempos reflete uma narrativa em que as relações temporais e causais são "abertas", como descrito por Ochs e Capps (2001), resultando em uma estrutura relativamente não linear.

Em termos de causalidade, a narrativa de Maria não apresenta uma cadeia causal explícita que guie os eventos de forma progressiva. Suas reflexões são mais introspectivas, sem uma lógica de causa e efeito claramente delineada. Por exemplo,

a conexão entre sua identidade cultural e as mudanças em seu sotaque é apresentada de forma reflexiva, sem uma sequência causal direta. Ela menciona que "saiu de lá [Ceará] com 2 anos" (linha 349), mas a narrativa não detalha uma conexão causal entre esse fato e sua aculturação no Pará. Dessa forma, a narrativa de Maria é relativamente não linear, com os eventos sendo organizados e relatados de forma mais associativa do que sequencial, onde a conexão entre os eventos reside mais nas ideias ou nas emoções do que numa ordem causal ou cronológica.

Maria se posiciona como uma personagem que transita entre duas culturas distintas: a cearense e a paraense. Ela descreve sua identidade como híbrida, uma fusão de influências culturais de ambos os estados: "eu sou metade paraense e cearense" (l. 308). Ao se descrever assim, ela demonstra ser uma pessoa flexível, que aceita sua identidade múltipla, que passou por um processo de aculturação e adaptação cultural: "eu saí de lá com 2 anos e 3 anos e aí eu fui, fui digamos, aculturando aqui no Pará" (l. 350). Ao narrar essa experiência, ela se retrata como uma personagem que se molda ao contexto cultural em que vive, enriquecendo sua identidade com novas influências.

Os outros personagens mencionados por Maria, como as pessoas que a rodeiam e comentam sobre quem ela é e sobre seu sotaque, são posicionados como agentes que, direta ou indiretamente, contribuem para a construção da identidade dela. Os amigos e conhecidos que comentam sobre sua habilidade em comer peixe ou tomar tacacá (l. 305-307), tradicionalmente associados à cultura paraense, são posicionados como observadores externos que percebem e avaliam a sua aculturação, portanto são apresentados como figuras que, através de suas observações e comentários, ajudam a moldar a percepção de Maria sobre si mesma. Atuam como uma espécie de espelho, que reflete a maneira como ela é vista na comunidade. No entanto, a entrevistada não adota uma postura passiva diante dessas percepções; ao contrário, ela as incorpora em sua narrativa pessoal, reafirmando sua identidade múltipla.

O relacionamento de Maria com esses personagens é, de certa forma, harmonioso. Até então ela não havia descrito conflitos ou tensões significativos entre as duas comunidades. Ao contrário, há uma aceitação mútua, tanto por parte dela narradora quanto deles. Isso é perceptível, por exemplo, quando ela é confrontada com a diferença no sotaque (l. 342-348), Maria relata essa estranheza deles com humor, o que sugere uma aceitação e adaptação tranquila às diferenças culturais.

Nesse sentido, a postura moral dos personagens é retratada como uma postura de aceitação e empatia, em vez de julgamento ou rejeição. Eles são agentes que contribuem para a formação de sua identidade cultural, ao mesmo tempo em que Maria se reafirma como uma figura central e integrada em ambos os contextos. Assim, ela se posiciona como uma agente moral que abraça e integra as influências culturais ao seu redor. Os outros personagens são posicionados como observadores e contribuidores dessa construção identitária que é, ao mesmo tempo, múltipla e coesa.

É interessante observar que, em vários momentos da entrevista, vemos narrativas que mostram a importância da família para a formação identitária da entrevistada, principalmente a figura paterna e materna. Essa questão é evidenciada no Excerto 5, que descreve a experiência de vida de seus pais, destacando principalmente o seu papel na educação e na formação dela e de seus irmãos.

Excerto 5 – "minha mãe sempre ensinou assim"

465	Maria:	isso aí criando as defesa a gente vai a minha mãe
466		sempre ensinou assim ela: sempre os ensinamentos
467		pautado na questão dos princípios cristãos né então
468		"você não deve você tem que ir fazer a:: a a digamos
469		assim fazer a sua defesa mas de forma bem ética sem
470		violência física seja inteligente pra você é: fazer a
471		sua a sua proteção dessa forma primeiro escute ouça
472		analise depois você aja de forma inteligentemente" a
473		minha mãe e o meu pai tiveram passaram a pensar até
474		admiro muito uma sabedoria muito grande em relação a
475		educar os filhos apesar de serem analfabetos digamos
476		meu pai meu pai só fazia assinar o: nome dele quando
477		me formei no magistério eu disse "pai eu vou lhe
478		Alfabetizar" "não: não precisa não" aí um dia eu muito
479		curiosa pai "como é que o senhor fazia para viajar de
480		um lugar para o outro o senhor não sabia ler e se
481		pegasse um ônibus errado" disse "não: minha filha não
482		sabia ler mas eu perguntava pra um" e aí "ele podia lhe
483		dizer o nome errado do local" ele disse "não eu não
484		perguntava só pra um ia perguntar pra um pra outro
485		pra outro e assim eu nunca peguei ônibus errado" e aí
486		eu comecei a perceber a riqueza de experiência que ele
487		tinha de uma sabedoria que até os estudiosos hoje não
488		têm a artimanha a experiência de vida que ele tinha
489		meu pai andava em qualquer lugar em qualquer cidade e
490		na época ele ia pra o Rio de Janeiro pra Brasília e
491		outras cidades aí que ele rodava que nunca se perdeu
492		nunca foi enganado e a minha mãe já sabia ler porque
493		tinha pelo menos até a quarta série antiga de hoje
494		sabia conta em tudo então a minha mãe digamos era que
495		a parte burocrática era com ela mas o meu pai não
496		ficava para trás disso não porque ele entendia de tudo
497		e:: a sa a sabedoria de mostrar pros filhos que: a
498		gente um pouco só consegue as coisas com estudos ele
499		sempre dizia assim olha o exemplo do burro velho aqui

500		eu não estudei mas por quê? porque eu não tive a na
501		oportunidade que época ele teve que optar pra trabalhar
502		optar não ele foi obrigado a optar né porque escola
503		não tinha perto era na outra cidade e aí tinha que
504		ajudar os pais dele então ele teve que se meter em
505		roça:do sair dali pra aprender outra profissão que não
506		fosse o roçado e assim ele foi foi na dure:za na
507		dificuldade pra ele a dificuldade não era: momento de
508		desistir nem pra minha mãe e esse e esse: contar da
509		história dele serviu principalmente pra mim como
510		exemplo e as dificuldade não são motivos de desistência
511		são motivos de você: é: enfrentar as coisas e conseguir
512		foi motivo de dizer assim o que você quer você consegue
513		desde que você vá lá tente e faça diferente e meu pai
514		me mostrou isso com atitudes com as conversa que eu
515		tinha com ele né ele sempre dizia "olha eu não sei ler
516		nem escrever" mas a matemática tava: na ponta da língua
517		dele mas assim é um: um saber ler não escrever e ao
518		mesmo tempo sabi:a porque era de uma: digamos assim de
519		um entendimento incrível sobre as coisas de uma
520		interpretação que ho:je digamos assim eu analisando o
521		que ele falava pra mim eu não eu não não tenho não
522		tinha essa percepção na época nem na época nem agora
523		era assim um ensinamento basea:do na experiência de
524		vida mas que conjugava com o científico que hoje por
525		ter o conhecimento científico a gente percebe isso né
526		a gente não vê hoje em dia pais assim são: analfabetos
527		e por isso nã:o o filho pode ser tratado cuidado
528		educado de qualquer jeito meus pais não sou analfabeto
529		mas eu cuido a: a educação sempre foi primordial
530		principalmente a educação pautada com princípios
531		religiosos meu pai e minha mãe sempre nos ensinaram
532		isso

Fonte: Dados do autor.

Esse excerto traz várias pequenas histórias (Bamberg; Georgakopoulou, 2008) intercaladas por reflexões sobre seus pais e seus ensinamentos. Elas são citadas para reforçar a perspectiva da narradora a respeito da importância dos ensinamentos dos pais na vida dos filhos. O excerto inicia com um comentário sobre o ensinamento materno de como reagir a uma agressão (l. 465-475), encerrando com a informação de que eles são sábios, mas analfabetos. Essa informação dá a deixa para a primeira história que trata da tentativa da narradora de alfabetizar o pai e da curiosidade de saber como ele se virava nas viagens sem saber ler o nome dos ônibus (l. 476-486).

Após essa narrativa, ela compara a sabedoria dos pais com as dos "estudiosos", afirmando que hoje em dia as pessoas não têm mais essa experiência de vida (l. 487-488). Em seguida, traz mais uma história para ilustrar esse ponto de vista (viagem do pai, l. 489) e a informação de que o genitor era analfabeto e a mãe estudara até a 4ª série (atual 5º ano) e era a responsável pela "parte burocrática da

casa”. Ela encerra a observação, dizendo que o progenitor, apesar de ser analfabeto, não fica atrás e encaixa mais duas micronarrativas, separadas por uma nota sobre o motivo do pai não ter estudado. A primeira traz a fala reportada do pai sobre a importância do estudo (l. 499-500), depois vem o comentário de que o pai optou por trabalhar deixando de estudar (l. 501). Nesse momento, ela faz um autorreparo ao seu comentário, dizendo que ele não optou e sim foi obrigado, já que não tinha escola na região, e encaixa a próxima história, relatando que ele começou a trabalhar no roçado já que não podia estudar (l. 504-506).

Em seguida, a entrevistada traz uma nova reflexão sobre o valor da resiliência do seu pai para sua vida e a importância de não desistir perante as dificuldades: “a história dele serviu principalmente para mim como exemplo” (l. 509). Então ela traz mais uma pequena história, dizendo que o pai mostrou essa resiliência tanto pelas conversas quanto pelas atitudes. Ela encerra o excerto refletindo sobre o valor da sabedoria do mundo de seus pais. Na época não percebia, mas hoje, por adquirir conhecimentos acadêmicos, ela percebe a importância desse conhecimento que os seus progenitores tinham.

Como nos demais, há somente uma narradora ativa, Maria, que conduz o enredo da história. Os protagonistas das narrativas variam entre ela e seus pais. Todas as narrativas do excerto estão relacionadas com o tópico em discussão e se integram à conversa, permanecendo alinhadas com o que as precede e com o que as sucede na conversa. São, portanto, narrativas totalmente encaixadas (Ochs; Capps, 2001).

Além disso, suas narrativas possuem uma organização sequencial clara e linear. A fluidez do relato é mantida ao longo do texto, com uma progressão lógica que conecta as diferentes partes da história: desde a experiência educacional de seu pai (linhas 473-506) até as lições de resiliência que ele passou para Maria (linhas 507-531). Assim, ela demonstra uma alta coerência e linearidade temporal, características de uma narrativa altamente contável.

Apesar de a narrativa seguir principalmente uma linha temporal linear, há elementos que sugerem uma relatividade não linear. Em alguns momentos, como vimos anteriormente, o relato se torna reflexivo, especialmente quando Maria faz uma avaliação sobre os ensinamentos da mãe (l. 465-475) e sobre a resiliência e a sabedoria de seu pai (linhas 523-526). Esse tipo de reflexão pode causar uma pequena interrupção na linearidade, ao envolver um salto temporal: ora ela está no

mundo da história (passado) ora ela retorna para o momento da interação (presente). No entanto, tais reflexões não rompem a estrutura linear da narrativa, mas a enriquecem ao acrescentar significados a história.

Embora Maria seja a narradora principal, várias vozes são incorporadas em seu discurso, por meio de citações diretas, que incorporam de maneira explícita as falas de seus pais na sua narrativa. O uso de referência direta das declarações de seu pai, como "eu não estudei mas por quê? porque eu não tive a na oportunidade" (l. 500, 501), cria uma polifonia, em que a voz do pai se mistura com a de Maria, oferecendo uma visão pessoal e multifacetada da experiência de vida que ela narra. Além disso, ela faz uso do discurso indireto quando menciona que o pai sempre dizia: “olha o exemplo do burro velho aqui” (l. 499). Essas estratégias mostram como a narradora se apropria da fala do pai para reforçar e legitimar sua própria narrativa, ao mesmo tempo que cria uma conexão emocional com o ouvinte.

A narradora também faz uso de recursos que convidam o ouvinte a se conectar com a história, como o uso de perguntas retóricas (“como é que o senhor fazia para viajar de um lugar para o outro o senhor não sabia ler?”, l. 479-480), que podem ser vistas como convites implícitos para que o interlocutor se envolva mais profundamente na narrativa. A maneira como ela constrói seu relato, retornando frequentemente a temas como a sabedoria dos pais e o valor da educação, também pode funcionar como uma tentativa de induzir o ouvinte a refletir sobre suas próprias experiências e compartilhar uma história pessoal relacionada a elas. Isso se alinha à noção de co-contar ativo descrita por Ochs e Capps (2001). Esses recursos retóricos servem para classificar suas narrativas, no Excerto 5, como de alta historiabilidade.

A postura moral apresentada nas narrativas do Excerto 5 é relativamente determinada e constante. Desde o início, a narradora destaca os ensinamentos éticos baseados em princípios cristãos transmitidos pela mãe (l. 466-472), que orientam a conduta moral dos protagonistas, representados como agentes cujas ações e pensamentos são constantemente avaliados como exemplares e dignos de serem seguidos. É como se a narradora usasse o princípio da “boa aparência” (Ochs; Capps, 2001) de forma indireta, ou seja, como se ela moldasse suas narrativas para fazer com que o comportamento de seus pais parecesse moralmente superior e consequentemente o seu próprio comportamento, pois ela é fruto da criação desses antepassados.

A figura do pai é descrita como um modelo de resiliência e sabedoria prática, apesar de iletrado. A constância da postura moral do pai se revela na admiração constante da narradora pela capacidade de ele superar as dificuldades impostas pela falta de formação escolar (linhas 473-506), reforçando repetidamente o valor da experiência de vida e da sabedoria prática, contrapondo-a à educação formal, mas sem desprezá-la. Ao falar que o seu genitor tinha uma "sabedoria que até os estudiosos hoje não têm" (linhas 487-488), ela enfatiza uma visão moral consistente de que o conhecimento prático e a resiliência são tão valiosos quanto, se não mais, que o conhecimento acadêmico.

Há, contudo, pequenas variações na maneira como a sabedoria e a educação são avaliadas nesse excerto, pois, a princípio, ela valoriza aparentemente a educação formal, quando diz “me formei no magistério eu disse pai eu vou lhe alfabetizar” (l. 477, 478), mas, logo em seguida, essa valorização é contrabalanceada pela ênfase na sabedoria adquirida através da experiência de vida (linhas 518-525). Esse aparente contraste traz uma certa fluidez na postura moral, ainda que a narrativa acabe por favorecer a consistência do valor da experiência em relação ao conhecimento formal.

Enfim, a narradora se posiciona como portadora do legado da família, mantendo os valores e ensinamentos dos pais. Ela reconhece a profundidade do conhecimento que eles possuíam, posicionando-os como modelos morais e fontes de inspiração e sabedoria. Seu relato, portanto, pode ser considerado uma homenagem aos progenitores e uma validação dos princípios éticos e morais que eles transmitiram.

Após todas as reflexões provenientes da entrevista com a participante Maria, que nasceu em solo cearense e veio para o Pará ainda na infância. A partir de agora, analisaremos as narrativas do segundo entrevistado, o participante José, que, apesar de ser filho de migrantes cearenses, nasceu em Santarém.

5.1.2 Participante José

A entrevista com José se deu via *Google Meet*, no turno da tarde, sendo gravada pelo próprio aplicativo no dia 22 de abril de 2022. Por questões pessoais e não informadas, o participante deu como condição para participação da pesquisa não mostrar o rosto, por isso, durante a realização da entrevista somente o microfone ficou ligado.

Nesse encontro, José narrou momentos de sua história de vida, que, segundo Linde (1993) são histórias que têm reportabilidade estendida, isto é, narrativas que são contadas e recontadas ao longo do tempo em diferentes situações sociais. Dentre essas narrativas, destacam-se a vinda da família para Santarém, o acidente sofrido pelo pai, a enxurrada, a discriminação da mãe, e o seu sucesso profissional.

A entrevista teve início com a leitura do TCLE. Após ler e obter o consentimento do entrevistado, pedimos que ele contasse sua história e como se dera a vinda de sua família para as terras santarenas. Logo em seguida desenrolou-se o trecho a seguir, no qual o entrevistado relata a vinda da família para a cidade paraense e o naufrágio sofrido pelo pai. As histórias apresentadas assumem um formato relativamente curto devido ao grande número de pausas do narrador, às avaliações, às solicitações de esclarecimento e às perguntas feitas pelo interlocutor.

Excerto 6 – “meus pais... vieram... do Ceará"

15	José:	ok ... então o os meus pais eles: ... eles vieram né
16		do Ceará on: ... a minha mãe veio de: ... Samaria
17		né: e o meu pai de outra cidade... eu fiz uma
18		pesquisa né a respeito de:dessa: origem deles lá: no
19		Ceará é: a minha mãe tinha: ... acho que uns sete
20		anos seis ano pra sete anos quando veio ... veio para
21		Santarém: e meu pai já era: ... é: um adolescente
22		quando chegou aqui tinha: ... dezessete anos
23	Pesquisador:	((concorda com a cabeça)) ele veio:...
24	José:	é::
25	Pesquisador:	[sim] continua
26	José:	é primeiro veio ... veio residir a:
27		minha mãe depois o meu pai eles é:: ... passaram
28		a morar na: na colônia que fica: tre:ze
29		quilômetros de: Santarém ... e: eles começaram a: a
30		trabalhar na ro:ça desde cedo né e ... era a forma de
31		de sustento da da família ... principalmente da minha
32		mãe né que veio com a família... papai ele veio
33		sozinho ... ele veio trabalhar pra outras pessoas
34		assim no caso... meu pai
35		...
36	Pesquisador:	ce:rto
37	José:	[a] minha mãe veio o pa:i a mãe a mãe de:la a mãe
38		é residiam e o meu pai passou a trabalhar ...
39		prestando serviço trabalhando no roçado ... aí depois
40		ele com o tempo ele se tornou: marreteiro passou a a
41		... a vender: esses produtos que era produzidos é:
42		produtos agrícolas ele passou a: a vender: é: em
43		Manaus pegava o barco e levava produtos pra: vender

44		... em Manaus
45		...
46	Pesquisador:	aí: esses produtos eram: produzido por ele ou não ele
47		pega comprava de alguém: e vendi:a?
48	José:	sim tinha a: grande parte tinha era produzidos
49		... é:
50	Pesquisador:	[da] agricultura familiar?
51	José:	oi?
52	Pesquisador:	eu tô dizendo era da agricu agricultura familiar no
53		no caso
54	José:	i:sso é porque ele veio também tipo assim eram
55		pessoas conhecidas de lá quando chegou: tá
56		escutando?
57	Pesquisador:	estou ((concorda com a cabeça))
58	José:	conhecida então ele levava os produtos né para tipo
59		revender mesmo ... né
60	Pesquisador:	[sim] ele (comprava)
61	José:	[comprava]
62	Pesquisador:	e revendia lá em Manaus né
63	José:	é
64	Pesquisador:	ele passou quantos anos mais ou menos nessa ida e
65		vinda de lá pra cá ... sabes?
66		...
67	José:	acho que ... uns: mais ou menos acho que uns três
68		anos dois a três anos
69		...
70	Pesquisador:	nessa ida e vinda?
71	José:	[até]
72	Pesquisador:	Sim
73	José:	até a aconte é: acontecer o acidente né do: naufrágio
74		com: com o barco que ele: ... eles tava retornan:do
75		... para casa e: ele o barco: naufragou né ... na
76		cidade de Alba onde ele foi um dos: sobreviventes
77		...
78	Pesquisador:	e: ele contou como foi? que ele sobreviveu que: pra
79		conseguir
80	José:	Contou sim é: nessa época as pessoas acompanhavam as
81		notícias mais pelo pelo rádio né
82	Pesquisador:	Ã::
83	José:	então: o: ... esse esse acidente aconteceu ele tava
84		sendo ele tava sendo acompanhado pela pelo rádio
85	Pesquisador:	Sim
86	José:	não sei se era Rádio Rural: se era tinha na época ...
87		que é conhecido aqui em Santarém e:: diz que quando
88		chegou em alba a: houve uma: superlotação do barco
89		...
90	Pesquisador:	Hum
91	José:	aí: colocaram muita carga e o barco foi a fundo ...
92		e: ele conseguiu sobreviver porque ele se agarrou a

93		uma caixa parece ... e: mesmo ele não sabendo nadar
94		ele falou pra mim... foi um desespero muito grande
95		porque algumas pessoas é: ele viu algumas pessoas é::
96		é:: se afoga:ndo as cargas caindo em cima das pessoas
97		...
98	Pesquisador:	deve ter sido uma experiência terrível né
99	José:	foi e eles se.. e ele... as pessoas ele era
100		bastante conhecido nessa época e ainda é na
101		comunidade nessa parte aqui da PA Santarém Curuá-una
102		As pessoas se reuniram lá na nessa: ... na casa que
103		morava antigamente pra: acompanhar não é ... os fatos
104		... pra ver se está como é que tava a situação dele
105		...
106	Pesquisador:	tu já era nascido nessa época ou ... ou ainda ele
107		era solteiro? ele já era casado o teu pai?
108	José:	[meu pai... eu era
109		peque:no
110	Pesquisador:	ah:
111	José:	muito pequeno... bebê de colo
112	Pesquisador:	°hum:° ... aí tu
113	José:	[aí::]
114	Pesquisador:	sim continua
115	José:	eu não lembro nada de é:
116	Pesquisador:	do evento né
117	José:	é: porque ((risada)) só depois que eu fiquei: que eu
118		ouvi eu pesquisar também e: ... aí me interessei mais
119		pelo ... porque fo foi uma coisa que: ... é: bastante
120		noticiada na época e continua sendo
121	Pesquisador:	é bem marcante pra região do Baixo-Amazonas né
122	José:	é se pesquisar colocar é: né na internet é: ... e
123		também houve até um: não sei passou um: noticiário
124		... de trinta a:nos

Fonte: Dados do autor.

A primeira narrativa é introduzida na linha 15, que de acordo com o modelo laboviano, podemos considerar como um resumo se estendendo até a linha 17 – “então o os meus pais eles: ... eles vieram né do Ceará ã:... a minha mãe veio de: ... Samaria né: eu o meu pai de outra cidade...”. Após esse momento, o entrevistado suspende o fluxo da história para nos oferecer uma explicação de pano de fundo, algo parecido com o que Goodwin (1984) chama de parênteses – “eu fiz uma pesquisa né a respeito de:dessa origem deles lá no Ceará” (l. 17, 18, 19). Ao fazer isso, o entrevistado se posiciona como pesquisador, ou seja, posiciona como alguém que tem autoridade para falar sobre o assunto, e muda o enquadre dos enunciados, visto que o que era uma narrativa transforma-se numa sentença explicativa. Possivelmente, ele

compartilhou essa informação porque, ao ser abordado para participar da pesquisa, foi informado sobre o objetivo do projeto, o que o motivou a pesquisar mais sobre o assunto.

Na linha 19, ele retorna a narrativa – “a minha mãe tinha: ... acho que uns sete anos seis ano pra sete anos quando veio de Santarém: e meu pai já era:... é: um adolescente quando chegou aqui tinha: ... dezessete anos” -, informando que sua mãe se mudou para Santarém ainda criança acompanhada de seus progenitores e foi morar na zona rural da cidade e lá ajudava-os na roça; e o pai veio sozinho, ainda adolescente, para trabalhar no roçado com uma família cearense.

Nas linhas 39 e 40, após o uso da expressão “aí depois ele com o tempo”, há um salto temporal. Até então ele estava narrando a história da mãe e do pai separadamente não fazendo nenhuma menção de um encontro entre eles, pois, em nenhum momento da entrevista, ele relata sobre como se conheceram, sobre o casamento deles e de quantos filhos tiveram e passa a relatar sobre atividade do pai como marreteiro[11]. O pai levava produtos agrícolas de Santarém para vender em Manaus[12], capital do Amazonas. Essas viagens se davam por barco, que saía, semanalmente, de Santarém com destino a Manaus.

Quando questionado sobre o período em que o pai trabalhou fazendo essas viagens (l. 64), o entrevistado responde que foi por volta de três anos e inicia a sua segunda narrativa, relatando que em uma dessas viagens, o barco sofreu um naufrágio.

Segundo Lima (2021), este naufrágio é considerado um dos maiores da história do Rio Amazonas, pois aproximadamente 340 passageiros morreram nesse lamentável acidente. O barco saiu de Santarém (PA), no dia 18 de setembro de 1981, por volta das 18 horas, com destino a Manaus (AM). Nesse trajeto ocorriam várias paradas em alguns municípios. Segundo relatos, o navio já saiu com sobrecarga de Santarém, com cerca de 530 passageiros e 200 toneladas de carga, porém constavam apenas 430 nomes no registro de tripulação, mas testemunhas afirmam que outros 100 tripulantes embarcaram de dois outros barcos que estavam em pane.

---

[11] Marreteiro: também chamado de mascate, vendedor ambulante que oferece mercadoria em domicílio.

[12] Como foi dito no Capítulo 1, a cidade de Santarém é um entreposto comercial entre a sua capital, Belém, e a capital do Amazonas, Manaus. Era e é comum santarenos levarem mercadorias daqui da região para venderem em Manaus devido à facilidade de acesso à capital amazonense.

Após nove horas de viagem, a embarcação chega ao município de Óbidos. Durante o embarque e desembarque, uma das cordas que prendiam o barco arrebentou e ele virou, levando ao pânico dezenas de tripulantes, que desesperados correram em direção à saída, desestabilizando o peso do barco. Com isso, a carga que estava presa na extremidade oposta se soltou e rolou rumo aos passageiros. Muitos pularam em direção ao rio, tentando se salvar; contudo, somente 178 pessoas conseguiram escapar. Dentre elas, o pai do entrevistado.

A segunda narrativa inicia com o prefácio nas linhas 73 a 75 – “até acontecer o acidente né do: naufrágio com: com o barco que ele: ... eles tava retornan:do... para casa” – e logo em seguida, nas linhas 75 e 76, temos uma orientação que indica onde o naufrágio aconteceu e a informação de que o pai é um dos sobreviventes da tragédia – “ele o barco: naufragou né... na cidade de Alba onde ele foi um dos: sobreviventes”. Segundo Ochs (2004), relatos sobre experiências de quase morte são reconhecidos como inerentemente narráveis, aumentando a historiabilidade do fato narrado.

Porém, a linearidade da narrativa é interrompida com uma pausa de três segundos, fazendo com que o entrevistador intervenha com uma pergunta – “e: ele contou como foi que ele sobreviveu que: fez pra conseguir” (l. 78 e 79). A pergunta fez com que o entrevistado abrisse um parêntese na narrativa e trouxesse a informação de que os moradores da comunidade na qual sua família vivia acompanhavam as notícias via rádio, retornando à ação complicadora da história a partir da linha 87, quando ele usa o verbo “diz”, trazendo então, a voz do pai, visto que o entrevistado na época ainda era uma criança. Temos ainda suspensão da linearidade, nas linhas 17 a 19 e 55 e 56, quando o narrador sai do mundo da narrativa e vem para o mundo real, trazendo a informação de que fez uma pesquisa sobre a origem de seus pais e pergunta se o entrevistador está escutando. Isso também se verifica nas linhas 46, 47, 52, 57, 64 e 65, quando o enredo carece de coerência, e o pesquisador solicita esclarecimentos quanto ao local de onde vinham os produtos revendidos, onde o pai do narrador fazia essa revenda e quantos anos duraram as viagens com essa finalidade.

A partir desse momento, o narrador apresenta as ações principais da narrativa. Houve uma superlotação do barco devido à quantidade excessiva de passageiros e de cargas que levaram a embarcação a pique. Para sobreviver, o pai se agarrou em uma caixa, pois não sabia nadar, presenciando uma cena desesperadora, como podemos perceber através da avaliação feita pelo narrador “foi um desespero muito

grande” (l. 94), usando as palavras do pai. As ações seguintes confirmam essa avaliação: “pessoas é:: é:: se afogan:do as cargas caindo em cima das pessoas” (l. 95, 96).

Novamente, o entrevistado dá uma pausa de três segundos, provocando a corroboração do entrevistador ao avaliar a situação como “uma experiência terrível” (l. 98). O entrevistado confirma com o verbo “foi” (l. 99) e volta a relatar sobre os comunitários, dizendo que o pai era muito conhecido na comunidade e isso fez com que os moradores de lá fossem para sua casa acompanhar as notícias do acidente.

No Excerto 6, as narrativas são co-construídas entre os interagentes. A co-narração do interlocutor se dá por várias ações, como: i. solicitação de informação (“aí: esses produtos eram: produzido por ele ou não ele pega comprava de alguém: e vendi:a?”, l. 46 e 47; “tu já era nascido nessa época ou ... ou ainda ele era solteiro? ele já era casado o teu pai?”, l. 106 e 107); ii. finalização de enunciados (“[da] agricultura familiar?”, l. 50; “ele (comprava)”, l. 60; “nessa ida e vinda”, l. 70; “do evento né”, l. 116); iii. acréscimo de informação contextual na orientação (“eu tô dizendo era da agricu agricultura familiar no caso”, l. 52 e 53); iv. solicitação de clarificação (“e: ele contou como foi? que ele sobreviveu que: pra conseguir”, l. 78 e 79); v. acréscimo de avaliação (“deve ter sido uma experiência terrível né”, l. 98; “é bem marcante pra região do Baixo-Amazonas né”, l. 121). Ao realizar esses atos, o interlocutor está cooperando com o narrador na construção do ponto de sua narrativa e demonstrando interesse no relato. Nesse Excerto, portanto, o pesquisador desempenha um papel relativamente ativo. Esse tipo de interação é coerente com o que Ochs e Capps (2001) chamam de "narrativa colaborativa", em que a construção do enredo e a organização dos eventos são compartilhadas entre os participantes.

Outra maneira de percebermos o envolvimento do pesquisador é por meio dos sinais de atenção que demonstra. Esses sinais são caracterizados por pequenos movimentos, gestos ou expressões verbais que indicam que ele está prestando atenção, mas sem interromper o enredo da narrativa (Ochs; Capps, 2001). No excerto, o interlocutor utiliza esses indícios quando faz movimento de concordância com a cabeça – "((concorda com a cabeça))", linha 23 - e quando faz uso de interjeições – "ce:rto", l. 36. Essas intervenções são breves, mas eficazes em sinalizar que ele está acompanhando a narrativa de José, sem desviar ou interromper o curso da história.

Além disso, o entrevistador também faz uso de perguntas de sondagem, essenciais para aprofundar a compreensão dos eventos que estão sendo narrados,

servindo para encorajar o narrador a fornecer mais detalhes (Ochs; Capps, 2001). Essas perguntas são evidentes nas linhas 46-47, quando o pesquisador pergunta sobre a origem dos produtos que o pai de José vendia (“esses produtos eram: produzido por ele ou não ele pega comprava de alguém: e vendi:a?") e, nas linhas 64-65, quando o entrevistador pergunta sobre a duração do período em que o pai de José trabalhou como marreteiro: "ele passou quantos anos mais ou menos nessa ida e vinda de lá pra cá ... sabes?". Com esses questionamentos, busca esclarecer detalhes da narrativa, demonstrando seu envolvimento e orientando José a expandir ou detalhar alguns pontos da história.

Embora seja incomum o ouvinte fornecer algum detalhe à narrativa, no Excerto 6, há um momento em que ele adiciona uma informação importante para esclarecer um aspecto da história. Na linha 52, ele menciona "era da agricu agricultura familiar no caso", oferecendo uma possível interpretação do que José estava descrevendo. Essa intervenção, apesar de curta, adiciona uma interpretação à narrativa, auxiliando José a esclarecer um ponto e, ao mesmo tempo, reforça a co-construção do significado.

No Excerto 6, o grau de historiabilidade da narrativa é alto, especialmente porque traz um relato de um acidente (l. 73-96). Como mencionamos anteriormente, esse acontecimento se destaca como um evento altamente narrável, dada sua dramaticidade através das descrições do ocorrido e pelas implicações sociais e emocionais envolvidas. O pesquisador reconhece essa historiabilidade ao encorajar José a continuar a narrar os detalhes do acidente e suas consequências, demonstrando interesse contínuo e validando a relevância das histórias (l. 78-79, 106-107).

José, ao relatar o naufrágio, utiliza vários recursos comunicativos que dão vida ao acontecimento, tornando a narrativa altamente relevante (Ochs; Capps, 2001). Esses elementos são fundamentais para tornar a narração mais emocionante e aumentar a importância da história tanto para o narrador quanto para o ouvinte. Uma dessas ferramentas é a dramatização dos eventos. José aumenta o drama do seu relato ao usar expressões que evidenciam o desespero e a tensão do momento. Por exemplo, ele utiliza expressões “superlotação” (l. 88), "barco foi a fundo" (l.91,92), “conseguiu sobreviver” (l. 92), “agarrou” (l. 92), “desespero muito grande” (l. 94), “pessoas [...] se afogando” (l.95, 96), “cargas caindo em cima das pessoas” (l. 96). A carga emotiva que José traz para a sua narrativa, ao descrever o sofrimento e a luta

pela sobrevivência durante o naufrágio, é um dos fatores que tornam a narrativa contável. Através desses recursos, José engaja emocionalmente o ouvinte, fazendo com que a narrativa não seja apenas informativa, mas também impactante.

O fornecimento de pormenores durante o relato ajuda o ouvinte a visualizar o ocorrido, aumentando a relevância da narrativa e tornando-a mais impactante. Isso ocorre quando José menciona, por exemplo, o local exato do acidente ("cidade de Alba", linha 76) e descreve como seu pai se salvou ao se agarrar a uma caixa, mesmo sem saber nadar (linha 92-93). José ainda relaciona o acontecimento com a comunidade em que viviam, enfatizando que "as pessoas se reuniram [...] para acompanhar [...] os fatos" (linhas 102-104). Sugere, assim, que o naufrágio teve um impacto global, aumentando a relevância social de sua história. Para Ochs e Capps (2001), o fato de a história ser significativa para um grupo maior de pessoas é um fator-chave para determinar sua historiabilidade. Esses detalhes, além de situarem a história em um contexto real e poderem ser verificados, criam uma imagem vívida na mente do ouvinte. José também menciona que "as pessoas acompanhavam as notícias mais pelo rádio" (linha 81) e que o acidente "continua sendo" noticiado, mesmo anos depois (linha 120). Essas referências a fontes externas não só legitimam o evento narrado, como também sugerem que o naufrágio foi um evento de grande repercussão, aumentando seu valor narrativo.

Enfim, José utiliza uma série de recursos retóricos que transformam o evento do naufrágio em um relato altamente contável. A dramatização, o uso de detalhes específicos, o apelo emocional, dentre outros são elementos que contribuem para a construção de uma narrativa rica e impactante, alinhada com as discussões de Ochs e Capps (2001) sobre a historiabilidade. Esses recursos tornam o relato não apenas uma recordação pessoal, mas um evento digno de ser narrado e relembrado dentro de um contexto maior, tanto pessoal quanto social.

As narrativas não somente relatam eventos reais que aconteceram, mas também articulam e negociam valores e juízos morais (Ochs; Capps, 2001). No Excerto 6, José constrói sua história com uma postura moral certa e constante. Ele se posiciona como pesquisador e detentor do conhecimento familiar, pois menciona ter feito uma pesquisa sobre as origens de seus pais (linha 18) e sobre o acidente de naufrágio (linha 118), colocando-o em uma posição de autoridade e conhecimento dentro da narrativa. Este é um posicionamento de um preservador e transmissor da história familiar, além de um observador crítico e participante emocional da narrativa.

O pai de José é posicionado como protagonista e herói na narrativa, já que é descrito como alguém que enfrentou muitas adversidades (desde trabalhar na roça até se tornar marreteiro, linhas 30-34), como sobrevivente de um evento trágico (linhas 73-76) e como uma pessoa resiliente diante dos desafios. Dessa forma, José constrói uma narrativa de dignidade e valor moral em torno do pai, apresentando-o não apenas como uma vítima de circunstâncias adversas, mas como alguém que superou essas dificuldades com bravura.

A mãe de José também é posicionada de maneira positiva, embora em um contexto mais doméstico. Ela é descrita como alguém que começou a trabalhar desde cedo para sustentar a família (linhas 30-31) e como uma figura trabalhadora e dedicada, que, ao lado do marido, desempenha um papel importantíssimo na educação familiar. Esse posicionamento reforça uma imagem de responsabilidade e sacrifício, características frequentemente valorizadas em narrativas familiares.

Por fim, o entrevistado descreve a comunidade como um grupo que valoriza as experiências do seu pai. A reunião das pessoas para acompanhar os desdobramentos do naufrágio (linhas 102-104) sugere que o evento teve um impacto significativo e que o pai de José era uma figura importante para essas pessoas. Isso posiciona o grupo como testemunhas e legitimadores sociais da narrativa de José, conferindo ainda mais legitimidade e importância à história que ele conta.

A reflexão sobre as narrativas segue no próximo excerto, em que José evidencia o motivo da mudança da família do interior para a cidade.

Excerto 7 – "a minha mãe perdeu... a mãe dela”

131	Pesquisador	Realmente... tá e: depois daí: aí tu nasceu então é
132		Na comunidade do inte com é do interior?
133	José	[do interior foi aí o que
134		aconteceu eu: ... fique até nessa comunidade eu
135		fiquei até os seis anos de idade seis a sete anos
136		porque é: a minha a minha mãe perdeu é: a mãe dela e:
137		ela ficou assim muito triste ... e resolveu ir embora
138		... morar na cidade ... então fomos embora ...
139		chegando numa é: ... na: no bairro Juruti só que
140		nessa época não não era esse nome ainda era: era
141		parte do: ... do Jurandir era uma: uma região
142		assim pouco habitada tinha muito mato ainda e a gente
143		foi um ... dos primeiros moradores desse: desse
144		Bairro

Fonte: Dados do autor.

Nesse excerto, temos uma narrativa significativa da infância do entrevistado, que envolveu uma mudança de local devido a um evento fatal. Essa narrativa surgiu após o pesquisador perguntar se José tinha nascido na comunidade citada no excerto anterior. A pergunta não é respondida diretamente, mas subentende-se que, quando ele falou, “nessa comunidade eu fiquei até os seis anos de idade a sete anos de idade” (l. 135), a resposta seja afirmativa. A perda da sua avó materna (l. 136, 137) foi o motivo da ida da família para uma nova localidade, o bairro Juruti, que fica na zona urbana de Santarém (l. 138-144). Em uma conversa após a entrevista, José informou que a comunidade, onde viviam antes de irem para a cidade, era composta somente por cearenses e suas famílias. Os primeiros contatos que ele teve com os paraenses ocorreram a partir dessa ida para a zona urbana santarena. Então, a partir dessa narrativa é que ele passou a ter contato com os paraenses.

Mesmo não respondendo diretamente ao questionamento do pesquisador, podemos caracterizar essa narrativa como relativamente encaixada, visto que é um relato de um acontecimento, cujo conteúdo temático se relaciona com o tópico da conversa, com o foco de atenção (Ochs; Capps, 2001).

O Excerto 7 apresenta uma sequência de eventos que, em termos gerais, seguem uma ordem temporal e causal clara, começando com a morte da avó materna do narrador, seguida pela tristeza da mãe, que leva à decisão de mudar-se para outro local, culminando na chegada da família ao novo bairro. Este encadeamento indica uma progressão linear, na qual cada acontecimento é subsequente ao anterior e, de certo modo, também conectado casualmente. Essa concatenação pode ser percebida pelos usos dos elementos de coesão – “porque” (l. 136), “então” (l. 138), “e” (l. 136, 137) – que contribuem para o avanço temporal da história. No entanto, embora a narrativa apresente essa aparente estrutura linear, há indícios que sugerem uma certa relatividade nessa linearidade, visto que temos hesitações e repetições no discurso do narrador – “aconteceu eu... fiquei” (l. 134), "a minha progenitora perdeu é: a genitora dela e: ela ficou assim muito triste" (l. 136, 137) e “primeiros moradores desse: desse bairro” (l. 143, 144) – que podem indicar uma certa dificuldade em manter a clareza da conexão entre os acontecimentos. Além disso, a introdução de detalhes sobre o novo bairro, que inclui uma reflexão sobre como o nome do bairro mudou ao longo do tempo (l. 140, 141), introduz uma digressão que temporariamente interrompe a progressão linear do enredo da história. Porém, esses elementos não alteram a estrutura geral da narrativa que permanece linear.

A transmissão clara de uma sequência de eventos é um dos fatores que torna uma narrativa contável. A narrativa presente nesse trecho segue, como observamos, uma ordem cronológica clara. Os desvios, as repetições e pausas, contudo, fazem com que a narrativa deixe de ser atraente para o ouvinte. Quando isso acontece, a história perde a sua historiabilidade. Como ela é importante para justificar a mudança da família para um novo local, podemos classificá-la como uma narrativa com historiabilidade relativamente alta.

O Excerto 7 é conduzido por um narrador ativo, que relata suas experiências pessoais ocorridas em sua infância. José, nas linhas 136 a 138 (“a minha mãe perdeu é: a mãe dela e: ela ficou assim muito triste ... e resolveu ir embora ... morar na cidade”.), faz uso do eufemismo[13] “perdeu” para reportar indiretamente os sentimentos da mãe. A prática de apresentar emoções e/ou decisões de personagens de forma interpretativa é descrita por Ochs e Capps (2001) como um tipo de incorporação de vozes através de narrativas indiretas.

Em relação ao envolvimento do interlocutor, o excerto não evidencia intervenções verbais diretas do ouvinte (neste caso, o pesquisador). A participação se restringe somente à pergunta eliciadora no início. Contudo, de acordo com Ochs e Capps (2001), sua participação pode ser evidenciada de outras maneiras, como elementos extralinguísticos ou paralinguísticos. A presença de pausas e hesitações no discurso do narrador ("porque é: a minha a minha mãe perdeu é: a mãe dela e: ela ficou assim muito triste ... e resolveu ir embora...") pode indicar que ele está aguardando ou recebendo sinais de atenção do interlocutor, que, mesmo sem falar, pode estar sinalizando que está acompanhando a narrativa de forma ativa. Além disso, os detalhes fornecidos por José, como a descrição do bairro ("uma região pouco habitada com muito mato"), sugerem que ele está atendendo a uma expectativa não expressa do entrevistador, indicando um envolvimento mais profundo, mesmo que indireto, deste último.

No Excerto 7, a postura moral pode ser percebida na maneira como o narrador descreve os eventos e as ações dos personagens, especialmente a mãe. A história

[13] Eufemismo é a figura de linguagem, cujo objetivo é atenuar uma palavra ou expressão desagradável ou grosseira (Guimarães; Lessa, 1988). Assim, o verbo “perder” na expressão “perdeu é: a mãe dela” pode ser considerado como uma forma mais branda de se referir à morte, amenizando o impacto emocional da frase (Tapajós, 2007). Esse tipo de eufemismo é bastante comum em situações relacionadas ao luto, nas quais termos mais diretos como “morrer” são evitados, utilizando-se expressões como “descansou”, “partiu”, “não está mais entre nós”, ou “foi embora”, entre outras.

traz um evento significativo na vida da família que a afeta profundamente. A decisão de vir morar na cidade é retratada como uma consequência da dor e do luto experimentados pela genitora. Embora não tenha uma avaliação moral explícita das ações de sua mãe, a forma como a narrativa é estruturada sugere que o narrador valoriza reação como legítima e compreensível. Dessa forma, tanto o luto como a tristeza são apresentados como razões socialmente aceitas para a decisão de abandonar o lugar onde viviam, buscando uma nova vida em outro lugar. Essa interpretação comunga com o que Ochs e Capps (2001, p. 87) falam sobre a avaliação dos protagonistas "como agentes morais cujas ações, pensamento e sentimentos são interpretados à luz de noções locais de bondade". A narrativa não questiona ou critica a decisão da mãe; ao contrário, a decisão é retratada como um ato de adaptação ao momento emocionalmente difícil, refletindo uma postura moral de empatia e de compreensão. Assim, os personagens são posicionados em uma relação de causa e efeito: a perda da avó causa tristeza na mãe, que, então, decide mudar-se para a cidade, afetando a vida do narrador. Ao mencionar a movimentação de uma área para outra, ele está afirmando sua identidade e conexão com esses espaços, vendo-se como um dos primeiros moradores, conferindo um sentido de pioneirismo e pertencimento. A postura moral do narrador pode ser considerada relativamente determinada e constante ao longo do relato, já que sempre manifestou compreensão em relação às ações da mãe ao longo da narrativa.

Para continuar a reflexão, temos, no Excerto 8, um relato sobre a infância do entrevistado que mostra a sua alegria e resiliência, mesmo vivenciando algumas dificuldades.

Excerto 8 – "infância ... cheia de emoção"

164	Pesquisador:	e como foi a tua infância nesse bairro aí?
165		...
166	José:	olha foi uma infância ... cheia de emoção que eu
167		posso dizer ((risada))
168	Pesquisador:	cheia de emoção? ((riso))
169	José:	é::
170	Pesquisador:	emocionante então ((risada))
171	José:	é:: porque ... né:: fui uma criança feliz ... e:
172		... algumas situações ocorreram no: no bairro por
173		exemplo que a gente que a: tinha que acordar porque:
174		quando chovia a nossa casa alagava
175	Pesquisador:	hum
176	José:	aí:: a gente acordava com a água nos pés ((risada))

177	Pesquisador:	entrava água nela?
178	José:	era ... era uma casa de madeira ... morava numa casa
179		de madeira aí alagava... a primeira casa que a gente:
180		conseguiu né: ter: construir era uma casa de madeira
181		aí a quando dava a enxurrada alagava alagava tudinho
182	Pesquisador:	((concorda com a cabeça))
183	José:	aí: né nessa parte da minha infância né: tinha outras
184		pesso:as que que que chegaram e nós fizemos amizade
185		e: ... e ora e: e e aquelas brincadeiras de ru:a não
186		é que a gente: que ti:nha não é futebol:l queima:da

Fonte: Dados do autor.

Após ser perguntado sobre sua infância, o entrevistado, através de turnos curtos, inicia seu relato, falando com tom saudosista que teve uma infância "cheia de emoção" e, logo em seguida, dá uma risada. Segundo Souza (2015), o riso pode surgir em situações de celebração e de dificuldades. No caso do entrevistado, podemos entender que ele, ao relembrar da infância, deu uma risada que remete à celebração e, ao mesmo tempo, ao saudosismo. Na sequência, diz que era uma criança feliz (l. 171), porém a narrativa que segue corrobora com a interpretação de que ele foi irônico ao expressar suas emoções na infância. Na linha 172, após falar que era uma criança feliz, ele usa um conectivo aditivo e dá um resumo da narrativa "algumas situações ocorreram no bairro por exemplo que a gente que a: tinha que acordar porque: quando chovia a nossa casa alagava" (l. 173-175). Assim, ele começa a narrar que morava em uma casa de madeira que nos períodos chuvosos era alagada pelas águas pluviais. Após a entrevista, em mensagens via o aplicativo *WhatsApp*, o entrevistado esclareceu que o local onde a casa era situada carecia de um sistema de escoamento de água, por isso ocorria a entrada de água em sua residência, porém atualmente esse problema foi solucionado pelo poder público. Podemos observar, pelo uso do verbo no pretérito imperfeito, que se tratava de algo que persistia no passado, mostrando que o problema da enxurrada era um fato recorrente na sua infância.

A narrativa é co-construída com o entrevistador através de demonstração de reação emocional de surpresa ("cheia de emoção? ((riso))", l. 168; "emocionante então ((risada))", l. 170), de sinalização de acompanhamento ("hum", l. 175), verificação de entendimento ("entrava água nela?", l. 17) e sinalização de atenção através de movimentos corporais ("((concorda com a cabeça))", l. 182), contribuindo com a narração. Os turnos de fala de José, entretanto, são pequenos e repetitivos trazendo

uma suspensão da linearidade. No caso desse excerto, a suspensão provém da repetição do tema casa alagada (linhas 175, 177, 180 e 182) e da carência de coerência do enredo, sinalizadas pela solicitação de verificação de entendimento (l. 177).

Além disso, há a repetição constante do marcador “aí” (l. 176, 179, 181, 183), muito usado no português falado. De acordo com Oliveira; Sousa Neto; Alves (2020) e Santos (2008), esse marcador pode funcionar como advérbio de lugar, indicador de tempo, elemento discursivo, sequenciador textual, introdutor de efeito, “retomador” (Oliveria; Sousa Neto; Alves, 2020), marcador adversativo e finalizador de fala. Na linha 164, observamos que o pesquisador usou o “aí” como advérbio de lugar, ao fazer referência ao bairro onde o entrevistado passou a infância. Na linha 174, o narrador usa esse termo como introdutor de efeito, ao dar a ideia de causa (“aí a quando chovia a nossa casa alagava”, l. 175) e consequência (“aí:: a gente acordava com água nos pés”, l. 176). No trecho “aí quando dava a enxurrada” (l. 181), por sua vez, temos um indicador de tempo. Quando José usa esse marcador, na linha 183 ele o usa como um retomador de ideia, visto que ele retoma a ideia que estava desenvolvendo no início do excerto, de que tinha uma infância feliz.

Dessa forma, o Excerto 8 traz duas narrativas que, aparentemente, não têm conexão uma com a outra, pois a primeira tem como tópico a casa alagada, e a segunda, as amizades de infância. As duas, porém, estão dentro do tema da pergunta eliciadora: “e como foi sua infância nesse bairro aí?” (l. 164). Dessa forma, podem ser consideradas narrativas encaixadas, pois estão respondendo à pergunta do entrevistador. Assim, a aparente desconexão não se sustenta, visto que o narrador começa falando de sua infância de maneira geral e, em seguida, passa a descrever episódios específicos, como a casa alagando e as brincadeiras de rua.

No Excerto 8, José se posiciona como uma figura resiliente e adaptável, que experimentou uma infância “cheia de emoção” (linha 166), apesar das adversidades enfrentadas, como alagamento da casa durante as chuvas. Esse autoposicionamento mostra que ele se vê como alguém que, apesar das dificuldades, foi capaz de se manter otimista e de encontrar a felicidade: “fui uma criança feliz” (l. 171). Além disso, parece que, ao reviver esses momentos, o saudosismo pode ser percebido no riso que deu, não expressando queixas ou descontentamento com a situação na época.

Dando sequência à fala de José, no Excerto 9, temos a narrativa que ilustra as dificuldades emocionais e sociais enfrentadas na infância e a dinâmica familiar com a ausência do pai devido ao trabalho.

Excerto 9 – "eu ficava mais com a minha mãe"

344	José	[(SI)] é: eu ficava: chateado como eu te falei por
345		conta da: ... deles pegarem na: ... pé da: no pé da
346		minha mãe ((risadas)) ... por conta desse jeito dela
347		... o meu pai... ele: é: ele ficava assim: a
348		maior parte ele ficava fora trabalhando depois que
349		ele ele deixou a atividade de marreteiro... aí ele
350		passou a trabalhar em: Maracatiara
351	Pesquisador:	uhum:
352	José:	então ele ficava muito tempo fora eu ficava mais com
353		a minha mãe

Fonte: Dados do autor.

Vemos, nos dados do Excerto 9, uma narrativa isolada (l. 347-353), encaixada na interação que tinha como tópico as piadas que envolviam a figura materna do entrevistado, mostrando como essa prática o afetava emocionalmente. Podemos observar que José, nas linhas 347 a 350, introduz uma história que se distancia do conteúdo temático. Ele apresenta os eventos de maneira relativamente linear e coerente, descrevendo primeiro sua insatisfação com as brincadeiras inadequadas com sua mãe (“eu ficava: chateado como eu te falei por conta da: ... deles pegarem na... pé da: no pé da minha mãe”, l. 344-346). Depois, explica a ausência de seu genitor (“meu pai... ele: é ele ficava assim: a maior parte ele ficava fora trabalhando”, l 347, 348) e, por último, a consequência dessa ausência: “então ele ficava muito tempo fora eu ficava mais com a minha mãe” (l. 352-353). Essa sequência sugere uma tentativa de estabelecer uma coesão causal entre os eventos relatados, característica de narrativas com alta historiabilidade. José organiza sua narrativa de maneira a apresentar a ausência do pai como fator que influenciou sua proximidade com a mãe, oferecendo uma justificativa para os sentimentos expressos no início.

O relato do entrevistado, apesar de coerente, apresenta hesitações e repetições, que podem ser percebidas nas pausas marcadas por "..." e na duplicação de palavras ("ele ele deixou a atividade de marreteiro... aí ele passou a trabalhar em: maracatiara", l. 349-350). Essas disfluências mostram um mau desenvolvimento da fluência da fala, sugerindo que José está organizando seus pensamentos enquanto discursa, e isso pode interferir na clareza geral da narrativa. Entretanto, mesmo que

sua história não seja retoricamente elaborada, ele alcança o seu objetivo, que é expressar uma experiência emocional significativa, capaz de estabelecer um vínculo com o ouvinte. A forma como José conta sua história de forma direta e sincera, expressando seus sentimentos, ajuda a tornar sua comunicação mais eficaz, mas com restrições, já que há falta de detalhamento e uma resolução clara para a situação descrita, limitando sua capacidade de envolver o ouvinte.

José se posiciona como uma pessoa reflexiva e emocional ao expressar sua insatisfação e desconforto com a situação familiar (linhas 344-345), apresentando-se como um personagem empático e protetor em relação à sua mãe, refletindo uma postura moral que valoriza a proteção da família e o bem-estar de seus entes queridos. Ao descrever sua reação, José alinha seus sentimentos a um padrão social de bondade, sugerindo que seu desconforto é justificado pela moralidade de apoiar e defender a mãe.

A mãe de José, por sua vez, é retratada indiretamente como uma figura virtuosa e digna de proteção. O incômodo de José em relação ao "pegarem no pé" de sua mãe sugere que ele a vê como uma vítima de críticas injustas, reforçando a ideia de que ela é moralmente correta e merece apoio. Esse posicionamento moral da mãe como uma figura positiva e vulnerável, que necessita de defesa, é central para a postura moral de José.

O pai, por outro lado, é retratado de forma mais ambígua, pois sua ausência pode ser interpretada tanto como uma falha moral quanto como um sacrifício necessário. José não o condena explicitamente, mas podemos perceber em sua narrativa uma avaliação implícita de que a ausência do pai gerou um vazio na família e que José sentiu intensamente. Essa ambiguidade moral em relação ao pai é descrita de maneira objetiva, sem emitir opiniões e julgamentos explícitos. Isso pode ser interpretado como uma crítica sutil à falta da presença do pai ou como uma resignação às circunstâncias.

Ao longo do excerto, a postura moral do narrador é relativamente constante. A consistência na maneira como ele se posiciona e posiciona os outros personagens demonstra uma perspectiva ética já consolidada, sem alterações relevantes ao longo do enredo. Essa constância demonstra uma postura moral bem definida, na qual o narrador expressa valores e julgamentos de forma clara e inabalável (Ochs; Capps, 2001).

A ausência paterna se dava porque o progenitor trabalhava como marreteiro, levando-o a frequentes viagens. Depois do acidente sofrido, o pai deixou esse serviço e passou a trabalhar em Maracatiara, que é um distrito que serve como acomodação para os trabalhadores de uma empresa de mineração. Assim, o progenitor assumia a função de ser apenas o mantenedor do lar e a sua mãe cabia a função de administrar o lar. É importante observar que, apesar da ausência do pai, ele foi fundamental para a constituição da identidade do entrevistado como podemos observar no Excerto 10.

Excerto 10 – "eu consegui"

492	José:	graças a Deus que hoje por conta da justamente dos
493		meus pais ... por eles: ... né: é: me darem essa
494		condição de de vida pra eu poder vencer na vida né eu
495		consegui: ... me formar ... e:: estar na: né nesse:
496		nessa lida que é: ... que é o magistério ser
497		professor: já tenho quase dezessete anos nessa
498		profissão foram já foram muitos desafios ... e: ...
499		graças a Deus ... até hoje tô conseguindo vencer
500		todos os desafios e:: conquistando algumas: coisas

Fonte: Dados do autor.

A partir da fala que traz o Excerto 10, José narra sua trajetória profissional, frisando a importância da família para seu sucesso, ao servir como andaime para ele vencer na vida (l. 494). Ele começa atribuindo suas vitórias ao apoio dos pais e a uma dádiva divina (“graças a Deus”, l. 492), atribuindo uma base emocional e culturalmente significativa para o relato. Esse modo de apresentar a narrativa aumenta a relevância dos eventos narrados, não apenas para o narrador, mas também para o interlocutor, que pode compartilhar esses valores e dar maior credibilidade à narrativa.

Embora José utilize alguns recursos que poderiam relativizar a linearidade (como as constantes pausas ao longo da narrativa e a interrupção da sequência temporal, nas linhas 497 e 498, onde sai do mundo da história e vem para o mundo real para realizar uma avaliação), a estrutura geral segue uma progressão temporal clara e lógica. Ele apresenta seu percurso pessoal e profissional em uma sequência que respeita a ordem cronológica dos eventos, desde as contribuições iniciais dos pais até os desafios e conquistas mais recentes.

Podemos observar aqui a visão do pai como o mantenedor e a da mãe como a administradora e educadora do lar. Apesar de ele mostrar a ausência do pai, não a coloca como algo que influenciou negativamente sua formação, mas sim como

necessário para que ela acontecesse. Então o pai, mesmo ausente, cumpriu o seu papel de pai, não deixando nada faltar em casa, e sua mãe cumpriu com o papel de educadora no lar. O entrevistado parece ver a atitude do pai como uma virtude, mantendo assim uma postura moral determinada e constante no decorrer da entrevista.

O narrador, então, posiciona o pai como uma figura ausente na sua infância (l. 347 e 348). Entretanto, mesmo ausente, teve grande influência na sua formação (l. 492 e 493), sendo um apoio para seu sucesso. A mãe, além de ser retratada como suporte para seu sucesso, é posicionada como vítima de discriminação por parte dos colegas de José. Apesar de ela ser alvo das zombarias e discriminação, o intuito dos colegas de José não era atingi-la, mas sim atingir o entrevistado. Então, o narrador é a vítima da situação, pois provavelmente a mãe nem sabia que essa prática existia. Dessa forma, ele se posiciona como vítima de escárnio, além de se retratar como alguém que, apesar de tanta dificuldade, conseguiu vencer na vida (l. 494) e, por isso, é grato a seus pais, pois, sem eles, esse sucesso não seria alcançado.

Esse posicionamento reconhece o quanto os pais são importantes na vida de seus filhos, não somente como pessoas presentes, mas como influenciadores. Eles são apresentados como "agentes morais" que moldaram as oportunidades de José, reforçando a ideia de que ele é, em parte, um produto dos valores e recursos que eles lhe ofereceram.

Da mesma forma, Deus é posicionado como uma fonte de força e sucesso (l. 492, 500), sendo descrito como uma força transcendental que guia e fortalece José em sua jornada. Ao atribuir suas conquistas a ele, o entrevistado posiciona a divindade como um personagem central e superior em sua narrativa, exercendo um poder significativo sobre os eventos de sua vida. Este posicionamento reforça a sua posição moral e religiosa, alinhando-a com uma autoridade espiritual que justifica e legitima seu sucesso.

Para seguir com a discussão, analisaremos as narrativas da entrevistada Lúcia, que, assim como José, é filha de migrante nascida na cidade de Santarém.

5.1.3 Participante Lúcia

A entrevista com a participante Lúcia ocorreu pelo *WhatsApp,* no dia 28 de dezembro de 2023. Como já foi dito, a conversa se deu em forma de pergunta enviada

através de áudio à respondente. Ao receber a resposta, novas perguntas surgiram, e outras já estavam programadas. Nessa interação, Lúcia narrou momentos de sua história de vida, destacando a vinda da família para Santarém e a discriminação sofrida e presenciada por ela.

O diálogo teve início com um áudio da leitura do TCLE. Após a leitura e o consentimento da entrevistada, solicitamos que contasse a sua história e como se deu a vinda de sua família para as terras santarenas. Logo em seguida, surgiu o relato do Excerto 11, no qual ela respondeu a esses questionamentos.

Excerto 11 - "eles vieram por influência de outras pessoas"

3	Lúcia	bem... os meus pais vieram de...Alecrim daquela
4		região de Alecrim ali eles moravam lá quando eles
4		vieram pra cá pro Pará eles vieram mais assim por
6		influência de outras pessoas que já tinha é...
7		familiares nosso que morava aqui em Santarém então eles
8		se reuniru e vieru junto com outros tios vieram caravana
9		né pra cá pra Santarém quando eles veio eu não era
10		nascida ainda já nasci já aqui em Santarém já faz mais
11		ou menos éeee quando ele veio só tinha dois irmãos
12		nascido aí depois que ele chegou aqui nasceu o restante
13		nós somos éee nos somos sete um morreu nós... então
14		desse sete um morreu só dois tinham nasceram no Ceará só
15		dois vieram aqui pro Brasi... cumé que Brasil que vieram
16		aqui pra Santarém mas antes de vierem para Santarém
17		eles deram uma passada pro Maranhão mas lá num deu certo
18		adoeceram muito as coisas era muito escassa não tinha
19		como sair de lá acabou que eles não vieram muito vieram
20		para Santarém.

Fonte: Dados do autor.

Nesse excerto, o encaixe da narrativa foi motivado pela solicitação feita pelo entrevistador, dando direito à narradora de inserir a sua história de vida. Aquele solicitou a esta que lhe contasse sobre a história da vinda de seus pais para Santarém e assim ela fez. Portanto, nesse trecho temos uma narrativa altamente encaixada, que assume as características discursivas do discurso circundante. Além disso, a história que ela conta sobre a migração de seus pais está ligada ao contexto da conversa, cujo tema gira em torno de experiências pessoais e familiares significativas.

No Excerto 11, observamos que há somente uma narradora ativa que se ocupa de todo o turno para atender ao pedido do entrevistador. Ela utiliza uma linguagem coloquial e espontânea, evidenciadas pelas repetições (l. 3 e 4, l. 10), hesitações (l.

3, 6, 13) e pausas comuns em conversas orais, narrando o evento em primeira pessoa, ao usar “meus pais” (l. 3), “eu” (l. 9) e “nós” (l. 13), dando uma perspectiva pessoal da história. Em seu relato, a narradora não incorpora diretamente vozes, porém percebemos que ela é influenciada por pensamentos e palavras de outros que estão ausentes (Ochs; Capps, 2001), já que as histórias contadas não foram vivenciadas por ela.

O envolvimento do interlocutor é baixo, pois ele não participa da narrativa, apenas faz a pergunta. Isso ocorre devido à entrevista ser feita por troca de mensagens, sem a interação face a face, mesmo com as perguntas sendo respondidas de imediato.

Se levarmos em consideração o tema da narrativa e a importância desta para a construção da identidade da participante, podemos afirmar que o evento narrado tem relativamente alta historiabilidade. Porém, se atentarmos para a construção da narrativa, para a forma como ela é contada, o grau de reportabilidade cai. Há muitas repetições de palavras e de expressões (verbo “vir” é repetido 12 vezes, e os pronomes “ele/eles” 10 vezes; “nós somos é:: nós somos”, l. 13) e pensamentos inconclusos tornando a frase confusa. Isso acontece na linha 6, quando ela vem narrando que os pais vieram para Santarém por “influência de outras pessoas que”. Após o conetivo “que” dá uma pausa e traz a informação de que já havia familiares morando no Pará antes de sua família vir para o estado. Outro exemplo está nas linhas 10 e 11, quando relata que nasceu em Santarém e quando fala há quanto tempo nasceu, muda de assunto: “já nasci já aqui em Santarém já faz mais ou menos é:: quando ele veio só tinha dois irmãos nascido”. Outro caso acontece nas linhas 14 e 15 – “só dois tinham nasceram no Ceará só dois vieram pro Brasil... cumé que Brasil... que vieram aqui pra Santarém”. Aqui parece haver uma confusão ao narrar, com trocas de verbos e dos nomes dos lugares. Esses truncamentos que ocorrem no relato diminuem o grau da historiabilidade, deixando a narrativa menos apreciável.

Os eventos são narrados de forma relativamente linear, seguindo uma sequência temporal, desde a origem da família em Alecrim (l. 3 e 4) até a chegada e estabelecimento em Santarém (l. 16), em três episódios (Ochs; Capps, 2001). O primeiro episódio (l. 3 a 9) trata da decisão da família de migrar para o Pará. Nele temos a informação sobre a cidade de origem e o que influenciou nessa decisão. No segundo episódio (linhas 9 a 16), temos uma orientação, visto que ela abre um parêntese para fornecer informações contextuais sobre si mesma, dizendo que,

quando seus pais vieram para Santarém, ela ainda não havia nascido e somente dois de seus irmãos nasceram no Ceará. Os outros nasceram em solo santareno, totalizando seis irmãos, mas somente cinco estão vivos.

Depois dessa orientação, ela inicia um novo episódio, que ocorreu antes da vinda para a cidade paraense. De acordo com Lúcia, sua família, antes de vir para Santarém, migrou para o Maranhão, porém as dificuldades financeiras e as doenças a forçaram retornar para o estado de origem. No trecho, não diz que eles retornaram para o Ceará, mas, em uma conversa após a entrevista, ela disse que nessa ida para o Maranhão seus pais se casaram, e nenhum de seus irmãos tinha nascido ainda.

Sendo assim, mesmo os acontecimentos não sendo narrados totalmente de forma linear, em cada episódio, Lúcia tenta organizar a narrativa de modo que cada evento anteceda o próximo, seguindo uma cadeia temporal e, em certa medida, causal, como, por exemplo, no trecho “eles vieram mais assim por influência de outras pessoas que já tinha é... familiares nosso que morava aqui em Santarém” (l. 4-7). Nesse caso, apresenta não só uma sequência temporal, como também uma relação de causa e efeito entre a influência dos familiares e a decisão de migrar.

Lúcia, como narradora, posiciona-se como uma figura que não vivenciou diretamente a migração de seus pais, mas que conhece a história. Essa posição é explicitada quando ela afirma "eu não era nascida ainda já nasci já aqui em Santarém" (linha 9), demonstrando que, embora não tenha testemunhado os fatos narrados, conhece o necessário para contar a história, posicionando-se como uma narradora confiável e informada.

Os seus pais são posicionados como os protagonistas da narrativa, cujas ações e decisões são importantes para o desenrolar dos eventos. Portanto, são retratados como os protagonistas da migração, cujas decisões e ações são influenciadas por fatores externos, como as experiências negativas no Maranhão: “mas lá não deu certo, adoeceram muito, as coisas eram muito escassas, não tinha como sair de lá, acabou que eles não vieram muito, vieram para Santarém” (l.17-20). Essa descrição mostra os pais como pessoas que enfrentam grandes desafios (doenças e escassez), mas que, mesmo assim, persistiram na busca por melhores condições de vida. Assim eles são configurados como exemplos de resiliência e de pessoas que tomaram decisões que visavam ao bem-estar da família.

Além disso, a recorrência do pronome "eles" (l. 4, 7, 9, 17, 19) ao longo do relato pode ser entendida como uma forma de mostrar a importância dos pais na

construção da história e na identidade da família, dando ênfase à ação coletiva e à unidade do casal como a força principal por trás da migração e do estabelecimento em Santarém.

Os familiares são posicionados como influências importantes, embora secundárias em relação aos pais. Eles foram mencionados como parte do contexto que levou à decisão de migrar. Nas linhas 5 a 7, são descritos como figuras já estabelecidas em Santarém, sugerindo que tinham informações e experiências que os pais de Lúcia usaram para tomar a decisão de migrar. Entretanto, esses familiares não são personalizados ou detalhados na narrativa. Isso pode ter ocorrido porque a narradora não lembrou o nome deles ou não sabia quem eram. Apesar disso, eles são posicionados como personagens importantes para a decisão da migrar.

Prosseguindo com sua história, no excerto a seguir, Lúcia relata o que aconteceu com sua família após a chegada à nova cidade.

Excerto 12 - "se tornou um dos grandes comerciantes"

25	Lúcia	vieram para Santarem eles vieram para uma comunidade ali
26		da boas... da bela estrada aí eles moraram la primeiro
27		eles se instalaram na casa de um tio nosso ele cedeu um
28		terreno e meu pai começou a trabalhar na lavoura pra...
29		pra ganhar dinheiro daí ele foi trabalhou bastante ali
30		na lavoura e dividiu a lavoura e ele ganhou dinheiro e
31		comprou um terrenozinho pra ele aí foi tendo a própria
32		plantação dele aí quando mais ou menos ali por volta...
33		de: uns cinco anos mais ou menos estavam aqui aí já
34		tinham um terreno... começou a comprar e:: comprou um
35		terreno aqui pra cidade aí foi quando ele foi morar pra
36		cidade na cidade que ele veio passou a vender abriu um
37		quiosque na época chamado de quiosque que... ele vendia
38		produto alimentos assim e daí surgiu o comercio ele
39		passou a trabalhar com comercio né mas depois que ele
40		veio para ca a vida melhorou bastante que ele começou a
41		trabalhar no roçado geralmente os cearenses quando vem
42		começam assim a trabalhar no roçado ele começou a
43		trabalhar com minha mãe no roçado aí foi nascendo mais
44		filho aí ele comprou um terreno aqui pra cidade porque
45		eu tinha um tio meu que já tinha que morava aqui na
46		cidade então esse tio ele já foi veio pra cá comprou uma
47		casa próxima e começou a fazer vender produtos e abriu
48		um grande comércio se tornou um dos grandes comerciantes
49		aqui do bairro eu não sei se teve algum eu nunca ouvi

Fonte: Dados do autor.

Nesse excerto, Lúcia relata a trajetória de migração de sua família para Santarém, suas dificuldades iniciais e a maneira como se estabeleceram e progrediram economicamente. A narrativa foi inserida na entrevista após o entrevistador perguntar se ela lembrava algum caso de discriminação racial sofrida por seus pais. A informante respondeu que não se recordava se os pais sofreram alguma forma de preconceito na nova terra e logo em seguida ela passou a narrar sobre a vida da família em uma comunidade na nova cidade. Ao dizer “Mas quando eles vieram eles não vieram para Santarém eles vieram para uma comunidade” (l. 24 e 25), ela quis dizer que eles não vieram para a zona urbana de Santarém, mas para a zona rural, denominada de Bela Estrada, comunidade composta somente por cearenses pertencentes ao município de Santarém. Essa narrativa parece sugerir que eles não sofreram preconceito porque estavam entre os conterrâneos.

Lúcia relata que eles foram morar em um terreno cedido por um tio, para trabalhar na lavoura. Era muito comum na época um parente com mais recurso ceder um pedaço do terreno para o familiar plantar arroz, feijão ou macaxeira, e o produto colhido ser dividido com o dono do terreno, o que pode ser comprovado nas linhas 27 a 30.

Vemos que, a partir da linha 28, o protagonista de toda a ação passa a ser somente o pai. Ele trabalhou na lavoura (l. 28), comprou um terreno na comunidade (l. 31), começou a plantar e a colher para si (l. 31), comprou um terreno na zona urbana (l. 34, 35), veio para a cidade e abriu um quiosque para vender os produtos da lavoura (l.36-38), de onde surgiu um comércio maior. Ela conclui dizendo que, depois que ele veio para a cidade, a “vida melhorou bastante” (l. 40). Porém, nas linhas 42 e 43, ela relata que, na época do roçado, o pai não trabalhava sozinho, a mãe o ajudava. Depois, ela continua relatando que os filhos foram nascendo e retorna falando que o pai comprou um terreno na cidade, próximo do terreno de um tio que já morava na cidade: “eu tinha um tio meu que já tinha... que morava aqui na cidade então esse tio” (linhas 44 e 45). Após esse trecho ela usa o pronome “Ele”, porém o referente desse pronome não é o tio e sim o pai. Isso pode ser comprovado quando ela fala que ele comprou uma “`casa próxima`” (l. 47), ou seja, o pai comprou uma casa próxima à casa do tio e ao abrir “grande comércio se tornou um dos grandes comerciantes” (l. 48).

No Excerto 12, a narração principal é conduzida por uma narradora ativa, Lúcia. Os outros personagens são apenas referenciados na terceira pessoa e não

participam ativamente do ato de narração, caracterizando-se como centrada predominantemente em um único narrador (Ochs; Capps, 2001). Apesar de não haver a incorporação de vozes por meio da citação, temos a incorporação das influências das ideias dos pais de forma subentendida na narrativa. O envolvimento do interlocutor é relativamente passivo, participando apenas com a pergunta, sem nenhum tipo de envolvimento, caracterizando engajamento relativamente baixo do entrevistador (Ochs; Capps, 2001).

A narrativa, por trazer informações sobre os primeiros anos da família na cidade escolhida para migração, é altamente contável. A narradora traz uma sequência de eventos que mostram uma narrativa de superação e de sucesso, atributos socialmente valorizados e, por isso, altamente contáveis. Além disso, ela estrutura sua narrativa de forma cronológica, aumentando a clareza e coesão da história. Começa descrevendo a chegada de sua família a uma nova comunidade: "vieram para Santarém eles vieram para uma comunidade ali" (linha 25). Ela continua mencionando as ações subsequentes de seu pai: ele "começou a trabalhar na lavoura" (linha 28), depois "comprou um terrenozinho" (linha 31), e finalmente "passou a vender" produtos em um quiosque na cidade (linha 36). A sequência desses eventos é apresentada em uma ordem temporal clara, o que sugere uma narrativa linear. A progressão dos acontecimentos é evidente, e cada etapa sucede a anterior. Por exemplo, o trabalho na lavoura leva à aquisição de terras, que, por sua vez, possibilita a abertura de um comércio. Esse encadeamento cronológico reforça a linearidade da narrativa.

A narrativa também traz conexões causais entre os eventos. O fato de o pai de Lúcia "trabalhar bastante" na lavoura é apresentado como a causa direta de sua capacidade de comprar terras: "trabalhou bastante ali na lavoura e dividiu a lavoura e ele ganhou dinheiro e comprou um terrenozinho" (linhas 29-31). Posteriormente, o sucesso no cultivo das terras parece conduzir naturalmente à abertura de um comércio na cidade. Isso é indicado pela transição fluida entre o trabalho rural e a venda de produtos: "ele veio passou a vender abriu um quiosque" (linha 36). Essa clareza nas ligações causais entre os acontecimentos fortalece a linearidade da narrativa, pois cada evento é uma sequência causal que poderia sugerir uma estrutura não linear.

Lúcia constrói uma narrativa onde a postura moral é definida e constante, valorizando o grande esforço e a perseverança de seus pais. A atividade na lavoura é vista como um ofício nobre e digno, além de ser uma peça-chave para a melhoria de

vida da família. Esse valor atribuído é consistente ao longo da narrativa, reforçando o enaltecimento do trabalho como um caminho para o sucesso e a prosperidade.

Lúcia se posiciona novamente como uma relatora confiável da história de sua família, pois, ao descrever sua jornada, adota o papel de alguém que tem conhecimento dos fatos e que os apresenta de uma maneira que ressalte as virtudes e o sucesso de seu pai. Tal atitude demonstra uma postura de respeito e admiração pela figura paterna. Por isso, ao posicioná-lo como o protagonista da narrativa, ela lhe atribui características de um agente moral exemplar. Ao descrever as suas ações, “começou a trabalhar” (l. 28), “dividiu a lavoura” (l. 30), “ganhou dinheiro” (l. 30), “comprou um terrenozinho” (l. 31), “comprou um terreno aqui pra cidade” (l.35), “abriu um quiosque” (l. 36,37), “passou a vender” (l. 36), retrata-o como um personagem que representa os valores do trabalho árduo e de perseverança, com atitudes dignas de admiração e exemplo para os outros.

Embora o progenitor seja o foco principal da narrativa, Lúcia também cita sua mãe e seu tio, posicionando-os como coadjuvantes que desempenham papéis de apoio na história de sucesso do genitor. A mãe é mencionada quando Lúcia fala sobre o trabalho conjunto na lavoura: "ele começou a trabalhar com minha mãe no roçado" (linha 43). Isso indica uma colaboração que auxilia o êxito familiar. O tio, por sua vez, é retratado como um facilitador inicial, ao "ceder um terreno" para que a família pudesse se estabelecer (linha 27). Esses personagens são postos de maneira a reforçar a narrativa de cooperação e apoio familiar, apresentados como figuras importantes na construção do sucesso do pai.

A seguir, vamos analisar as interações complexas que surgem nos encontros mistos, momentos em que pessoas estigmatizadas e não estigmatizadas se relacionam, com foco nas interações entre os participantes da pesquisa e os paraenses. Para isso, traremos novos excertos, nos quais serão examinadas as experiências de vida e os desafios enfrentados pelos entrevistados nesses encontros e como isso é evidenciado nas construções de suas narrativas.

5. 2 NARRATIVAS DE CONTATO MISTO

Goffman (2008) usou o termo "encontros mistos" para descrever situações sociais onde pessoas com algum tipo de estigma visível ou invisível interagem com pessoas não estigmatizadas. Quando esses encontros ocorrem, as dinâmicas são

frequentemente complexas porque os participantes têm que lidar com as expectativas, preconceitos e comportamentos uns dos outros. O estigmatizado pode sentir a necessidade de se adaptar ou de esconder o seu estigma, enquanto a pessoa não estigmatizada pode ajustar seu comportamento em resposta ao estigma percebido.

Goffman (2008) analisa como esses encontros afetam a identidade social e as estratégias usadas pelos indivíduos para navegar nessas situações sociais delicadas. Nessa pesquisa, usamos o termo encontro misto para os encontros entre cearense e paraense. A seguir, analisaremos excertos que trazem experiências compartilhadas pelos entrevistados sobre a sua infância e os desafios enfrentados com os apelidos e estereótipos.

5.2.1 Participante Maria

Maria, no excerto a seguir, compartilha suas lembranças de infância e adolescência, evidenciando momentos de preconceitos que sofreu, e como ela contornou essa situação.

Excerto 13 - "a gente sempre sofre né os apelidos como arigó"

106	Maria:	[é] isso aí a gente sempre sofre né
107		os apelidos como arigó ((risada))cabeça cha::ta né a
108		forma de falar o sotaque como eu era muito pequena né
109		mas eu convivia com os meus pais né "bassoura[14]" "ra:mo[15]"
110		tudo isso a gente falava na escola e tudo isso era motivo
111		de malhação "ramo ramo" ou então quer dizer vamos aí com
112		com o estudo começamos a corrigir pra não falar dessa
113		forma então ((risada)) mas que é os apelidos eram
114		grandes canela fina i::sh mas foram inúmeros apelidos
115		que hoje a gente ri disso né ((risadas))
116	Pesquisador:	mas naquela época a gente não gostava muito
117	Maria:	[é] era era
118		difícil naquela época eu ficava chateadíssima mas agora
119		a gente toma como lição de vida hoje é é eu não tenho
120		preconceito nenhum de ser cearense pelo contrário
121		tenho orgulho e ao mesmo tempo eu me sinto assim metade
122		cearense e metade paraense porque eu já tô com ma:is
123		de trinta anos aqui vivendo aqui quer dizer eu a minha

[14] Forma de falar para 'vassoura'. O fenômeno betacismo (alternância do /v/ e /b/) é bastante recorrente na língua portuguesa falada em algumas regiões do Nordeste e do Centro-Oeste brasileiros (Costa; Santos, 2019).

[15] Pronúncia para a palavra 'vamos'. No falar cearense, em determinados contextos, o fonema fricativo sonoro /v/ neutraliza-se com o fonema vibrante múltiplo / r /, em sua variante aspirada /ʁ/ fazendo com que palavras como "gente" (/ˈʒẽ.tʃi/) vire /ˈʁẽ.tʃi/ e "vamos" (/ˈva.mus/) vire /ˈʁɐ.mu/. Como esse fenômeno é um caso de variante social ligada ao nível de escolaridade dos falantes, ele se torna, de certo modo, um fator de estigmatização (Aragão, 2009). Penso que deves usar a transcrição fonética no caso assinalado.

124		vida a maior parte foi aqui né aqui: no: no Pará eu
125		gosto de coisas cearense coisas paraense ao mesmo
126		tempo
127	Pesquisador:	teve é... essas brincadeirinha elas se restringiram à
128		esco:la ou se estendeu assim a outros lugares?
129	Maria:	[na na] verdade
130		se estendia na escola e nas vizinhanças né a gente
131		moleque um moleque com raiva do outro a gente apelidava
132		então o ponto fraco era os apelidos de arigó cabeça
133		cha:ta canela fi:na ai:: meu deus do céu era terrível
134	Pesquisador:	qual tua reação com isso? ((risadas))
135	Maria:	((risadas)) rapaz eu ia eu ia fa prestar queixa ou pela
136		minha mãe ou então eu ia eu ia mesmo encarar o moleque
137		para bater ((risadas))era pra bater mesmo saia um: um
138		roundzinho umas lutas daqui pra lá ali uns puxões de
139		cabelo pra cá ((risadas)) e a minha mãe sempre não
140		gostou de confusão qualquer confusão ela i:a em casa o
141		negócio era feio muito feio se brigasse na rua em casa
142		o negócio era feio mesmo
143	Pesquisador:	cearenses não gosta muito assim de confusão mesmo
144	Maria:	[não]
145	Pesquisador:	se brigasse lá você ia apanhar aqui também né na casa?
146		((risada))
147	Maria:	é: verdade ... era nesse percurso aí apanhasse já era
148		e se dissesse e se fosse problema na escola pior ainda

Fonte: Dados do autor.

Como é possível verificar no Excerto 13, a entrevistada discorre sobre suas experiências passadas, destacando como enfrentou os desafios relacionados aos apelidos e estereótipos, e como isso moldou sua identidade e percepção sobre sua origem cearense. Há um envolvimento alto do interlocutor na co-narração, que se dá através de avaliações (“mas naquela época a gente não gostava muito”, l. 116; “cearenses não gosta muito assim de confusão mesmo”, l. 143), solicitação de clarificação (“teve é... essas brincadeirinha elas se restringiram à esco:la ou se estendeu assim a outros lugares?”, l. 127 e 128; “qual tua reação com isso? ((risadas))”, l. 134) e verificação de entendimento (“se brigasse lá você ia apanhar aqui também né na casa?”, l. 145). Tais manifestações contribuem substancialmente para a construção das narrações, tornando a interação mais conversacional do que antes.

Nota-se a predominância de verbos no pretérito imperfeito, como “era” (l. 108), “falava” (l. 109, 118), “eram” (l. 113), “estendia” (l. 130), “apelidava” (l. 131) dentre outros, fazendo referência a um evento ocorrido no passado, mas que não foi concluído. Assim, podemos inferir que não eram eventos isolados, porém eventos contínuos e que transcorriam no tempo, ou seja, as microagressões verbais não se restringiam a uma única etapa da vida, mas abrangiam toda a sua trajetória de vida.

Maria menciona, na linha 107 (“os apelidos como arigó ((risada)) cabeça cha::ta né a forma de falar o sotaque [...] tudo isso era motivo de malhação”), que os apelidos eram motivos de “malhação”, ou seja de zombaria e ridicularização. “Arigó” e “cabeça chata” são termos pejorativos usados para discriminar pessoas do interior do Nordeste, especificamente cearenses, que migram para outras regiões do Brasil (Benchimol, 1999). Na linha 118, ela admite que, na época em que sofria as provocações, ela ficava “chateadíssima”, a ponto de dizer “meu Deus do céu era terrível” (l. 133), demonstrando o quanto esses episódios impactaram sua vida. Logo em seguida a narradora afirma que, embora na época tenha sido difícil e dolorosa essa situação, hoje ela encara essas experiências com humor, parecendo ter superado o incidente. Isso é o que podemos inferir nas linhas 115 e 119, culminando com a orientação de que nos dias presente não há preconceito com sua origem e sim orgulho: “eu não tenho preconceito nenhum de ser cearense pelo contrário tenho orgulho e ao mesmo tempo eu me sinto assim metade cearense e metade paraense” (linhas 119 a 122). Nesse momento, ela expressa novamente sua identidade múltipla, caracterizando um processo de aceitação e ressignificação do que ela é, transformando experiências negativas em uma fonte de força e orgulho pessoal.

Na linha 134, o entrevistador pergunta como ela reagia ao ser vítima dessas microagressões, ela responde que, algumas vezes, fazia queixa à mãe e, em outras, agia com violência, porém sem que a mãe soubesse, pois esta não apoiava a violência – “minha mãe sempre não gostou de confusão qualquer confusão ela i:a em casa o negócio era feio se brigasse na rua” (linhas 139 a 141). Nesse trecho, observamos que ela se sentia pressionada a não reagir às ofensas; se reagisse, teria que esconder o fato de sua mãe. No Excerto 5, vimos que a Maria recebeu ensinamentos cristãos de sua mãe que dizia como ela deveria reagir (de forma ética, sem violência física e de forma inteligente) perante essas situações. Entretanto, no Excerto 13, observamos que ela não seguiu as orientações.

A narradora oferece na sua fala uma sequência de eventos que reflete uma linearidade de ordem causal e temporal predominantemente finalizada, apesar de haver elementos que indicam uma certa abertura na estrutura narrativa. Por exemplo, quando os interagentes introduzem avaliações que interrompem a sequência temporal da narrativa (linhas 113-115, 119-125, 143, 145) e quando o pesquisador solicita esclarecimento (l. 127 e 128). A linearidade é clara à medida que os eventos seguem uma sequência temporal e causal que culmina em um entendimento e uma aceitação

pessoal: preconceito (l. 106, 107) > impacto emocional (l. 118) > resolução e aceitação (l. 120 e 123). Nas linhas 128 a 132, quando o pesquisador questiona se as provocações se limitavam ao ambiente educacional, ela responde que se propagavam tanto no estabelecimento de ensino quanto nos arredores. A forma como ela relata as discriminações sofridas sugere uma ordem temporal mais aberta, visto que as ocorrências não seguem uma sequência rígida, mas se misturam entre contextos diferentes (escola, vizinhança), criando uma narrativa mais difusa e menos linear. Além disso, nas linhas 135 a 142, quando faz relato de suas reações às provocações, adota uma forma mais generalizada e dispersa.

Maria demonstra uma postura de resiliência e aceitação, já que transforma as experiências de discriminação em fontes de aprendizado e orgulho identitário. Segundo Ochs e Capps (2001), narrativas com uma posição moral relativamente constante tendem a refletir um alinhamento entre a identidade do narrador e os valores e crenças que ele sustenta. Esse parece ser o caso de Maria, que apresenta uma visão estável e afirmativa sobre suas experiências, indicando uma posição moral consolidada.

A narradora, ao revelar sua vulnerabilidade por meio de experiências preconceituosas que ela sofreu e sua reação a elas, posiciona-se também como uma vítima das circunstâncias sociais e culturais. Esse posicionamento indica uma identidade moldada por vivências dolorosas, o que, conforme Ochs e Capps (2001), é usual em narrativas em que o narrador procura esclarecer ou justificar sentimentos e ações passadas. Contudo, à medida que a história avança, ela reconstrói seu caráter em termos de resiliência e superação, afirmando que essas experiências fazem parte de um processo de aprendizagem e fortalecimento. Portanto, em vez de ser definida pelas adversidades, supera-as e as transforma em uma fonte de orgulho. Esse reposicionamento sugere uma narrativa de transformação, cuja autoimagem da narradora evolui de uma posição de vulnerabilidade para uma posição de força e aceitação.

Ainda considerando a fala de Maria, o Excerto 14, aborda questões relacionadas à sua autoimagem, aceitação pessoal e abordagem em relação às interações sociais mistas.

Excerto 14 – “na verdade sempre fui assim... enxerida"

194	Maria:	não na verdade sempre fui assim digamos assim vou usar
195		um: uma palavra paraense muito enxerida nunca me
196		importei com isso não se quando não me notava fazia
197		faziam me notar ((risadas)) entendeu às vezes queriam
198		sim mas eu não me: me sentia rejeitada não eu: não tava
199		nem aí nunca dei importância pras coisas negativas eu:
200		se não quer quem: não quisesse digamos quem não me
201		valorizava me desse atenção ou ficasse com (SI) é
202		porque não merecia minha amizade era mais ou menos
203		assim nesse ritmo que eu levava a vida
204	Pesquisador:	é é são geralmente as pessoas ou reagem assim não dando
205		a mínima ou uns daí acabam se isola:ndo com vergonha os
206	Maria:	É
207	Pesquisador:	os mais tímidos né
208	Maria:	é eu nunca tive trauma desse tipo me apelidava de
209		olívia pali:to de eu não tava nem aí eu digo é melhor
210		ser magro do que ser gordo ((risadas)) aí pronto eu
211		não tinha problema eu não tinha assim trauma de eu ficar
212		chorando não nunca tive isso isso aí de ficar “estou
213		sendo discriminada” também não eu não me importava muito
214		com isso não

Fonte: Dados do autor.

Novamente, com base nos registros do excerto, temos dois indivíduos envolvidos na narração: Maria, que assume o papel de narradora, e o pesquisador, que atua como ouvinte e participante, colabora com a narração ao acrescentar informação contextual na orientação (“é é são geralmente as pessoas ou reagem assim não dando a mínima ou uns daí acabam se isola:ndo com vergonha os [...] os mais tímidos”, l. 204 e 206). Quando interpelada se alguma vez tinha se sentido excluída por ser cearense, Maria respondeu, encaixando “pequenas histórias” (Georgakopoulou, 2006) que mostram sua reação perante microagressões sofridas, comentários sutis, ações ou comportamentos, intencionais ou não, que lhe transmitem discriminação, seja de forma verbal ou não verbal, que geralmente têm origem em estereótipos culturais ou sociais (Sue, 2010). Ela inicia dizendo que não e se autointitula como “enxerida” (linha 195), ou seja, intrometida, pois, quando não a notavam, ela se fazia notar e, quando tentavam diminui-la, ela não sentia rejeição e nem dava importância para tentativas de exclusão ou de diminuição.

Nas linhas 208 e 209, ela discorre sobre um exemplo de microagressão que sofreu. Essa hostilidade se deu através do apelido “Olívia Palito”, devido a ela ser magra. Olívia Palito é uma personagem fictícia dos quadrinhos e desenhos animados, conhecida por ser a namorada do Popeye, o famoso marinheiro criado pelo cartunista norte-americano Elzier Crisler Segar (Rosso, 2023). Como a personagem é

extremamente esbelta, era comum, nas décadas de 70 e 80, as crianças apelidarem as pessoas muito magras de Olívia Palito, porém não era uma alcunha que se referia só aos cearenses, mas a todas as pessoas que são esguias e franzinas.

Logo em seguida, a micronarrativa encaixada novamente mostra a sua reação diante dessa prática. Ela não dava importância à ofensa. Assim diz: “eu não tinha problema eu não tinha assim trauma de eu ficar chorando não nunca tive isso isso aí de ficar estou sendo discriminada também não eu não me importava muito com isso não” (linhas 210 a 214). Assim, ela se posiciona como forte e resiliente, enquanto as outras pessoas mencionadas são posicionadas como vilões, que tentam, mas não conseguem, atingi-la. Enfim, os indivíduos que escarnecem da narradora são posicionados como antagonistas, cujas ações de discriminação são ineficazes. Ela também se retrata como alguém que faz questão de ser notada e não se importa com as opiniões alheias.

O envolvimento do ouvinte é moderado. Embora não haja uma co-construção ativa na narrativa, suas intervenções, como em "é é são geralmente as pessoas ou reagem assim não dando a mínima ou uns daí acabam se isola:do com vergonha” (linhas 204-205) e "os mais tímidos né" (linha 207), indicam uma tentativa de guiar ou influenciar a direção da narrativa. Essas intervenções sugerem um envolvimento que vai além do mero receptor passivo de informações, caracterizando uma participação moderada.

Maria, ao relatar suas experiências, adota uma estrutura narrativa relativamente linear e coerente, descrevendo episódios específicos que exemplificam sua resiliência diante de situações que podem ser interpretadas como discriminatórias ou depreciativas. Sua narrativa possui uma estrutura cronológica básica, mas não totalmente linear. Ela começa respondendo à pergunta do pesquisador (l. 191-193) e então procede a descrever suas experiências, explorando episódios específicos, como o fato de não se importar com as intimidações ou apelidos que recebeu (l. 194-214). A entrevistada, ao fazer uso do humor e exemplos (l. 209, 210), apresenta-os de forma que cada um segue logicamente o anterior, sem dar ênfase a quando exatamente os fatos ocorreram. Então esses eventos são apresentados de maneira sequencial, mas com uma certa flexibilidade temporal, sem se prender a uma cronologia detalhada, sugerindo uma linearidade relativa. Essa linearidade e a organização da história contribuem para uma historiabilidade maior da narrativa, não apresentando grandes desvios ou interrupções.

Maria se posiciona como uma pessoa autoafirmativa, além de uma pessoa que consegue superar adversidades com tranquilidade e equilíbrio, não se colocando como vítima das circunstâncias, mas como alguém que parece ter o controle sobre como é percebida pelos outros. Ao declarar "nunca me importei com isso não se quando não me notava fazia faziam me notar" (linhas 196-197), mostra-se confiante e se recusa a ser marginalizada. Esse posicionamento denota uma identidade forte e autossuficiente, resistindo a tentativas de subordinação. O humor é seu mecanismo de defesa, retratando-se como alguém que ignora tentativas de menosprezo, e que inverte a situação a seu favor, usando ironia para neutralizar possíveis insultos. Ela ainda afirma que é indiferente a coisas negativas e que quem não a valoriza não merece sua amizade. Isso posiciona os seus antagonistas em uma insignificância moral, tornando-os incapazes de afetá-la significativamente. Por isso, são descritos quase desdenhosamente, e isso reforça sua superioridade moral e emocional.

Passamos agora ao Excerto 15, no qual Maria relata suas experiências de vida relacionadas às consequências do seu modo de falar, no ambiente escolar e na sua família. Esse excerto sucede um comentário do pesquisador sobre como somos influenciados pelas pessoas com as quais convivemos, principalmente no nosso modo de falar. Após esse comentário, a narradora emite sua opinião sobre o tema, como podemos observar a seguir:

Excerto 15 – “bullying”

365	Maria:	e aí amigo eu vejo assim foi até maior influência
366		porque a gente começou a estudar e quando se começa a
367		estudar se tu não ter o mesmo sotaque ter a mesma forma de
368		falar as pessoas já começam a questão do bullying né
369		falar: fica tirar piadinhas então pra evitar isso eu
370		acho que eu fui instrospectando naturalmente isso pra
371		evitar que eles tivessem de é: avacalhando comigo como
372		antes a questão “bassoura” “frósfru” eu não falava “fósforo”
373		era “fóscu” então quando começou a avacalhar eu dizia
374		“não que eu não consigo falar direito” era essa a minha
375		saída “não consigo falar direito” aí eu só tinha eu
376		sempre tinha uma: uma carta na manga pra mim pois é?
377		então mas era isso aí pronto e comecei era: é: é::
378		palavras assim eu dizia que não conseguia falar correto
379		porque eu: não tinha muita habilidade na fala
...		....
392		((risadas)) eu não ficava se era pra avacalhar eu
393		também avacalhava junto entrava na avacalhação na
394		bagunça também e:::u não tinha dessa não não ia era
395		ficar bagunçar junto era uma forma de não ficar pra
396		trás ai fui conseguindo a não ter revolta não ter
397		trauma e pronto dessa forma
398		((problemas de conexão)) ...

...		
405	Pesquisador	assim a forma que tu encontrou para lidar com isso
406		Seria se juntando a eles né?
407	Maria	é se juntando não tem aquele ditado "se voce não pode
408		com o inimigo junte-se a ele" pois é é a melhor
409		coisa acabava até me divertindo com isso eu eu não
410	Pesquisador	[e::]
411	Maria	tinha muito por que o convívio com minha família era
412		muito intenso ainda na época em falar sotaque e
413		palavras diferentes da minha mãe e meu pai né são
414		coisas assim intensa então eu como: digamos fui mais
415		moderna então quando até meus irmãos quando começava a
416		ter um sotaque ao falar é adequar conforme meus pais
417		falavam meus irmãos caiam na avacalhação comigo então
418		por conta disso eu fui: fui indo me adaptando né fui
419		me adaptando em autocorrigir pra tirar sotaque e
420		algumas palavras

Fonte: Dados do autor.

O excerto traz narrativas de contato misto e de contato não misto que mostram as estratégias de adaptação linguística utilizadas pela narradora para se desviar do *bullying* motivado pelo seu sotaque. A primeira narrativa (linhas 365 a 379) foi encaixada com o objetivo de compartilhar sua experiência na escola em relação ao seu sotaque. Maria inicia com a orientação de que, em sala de aula, o aluno que tem um sotaque diferente dos demais se torna alvo de piadas preconceituosas devido a sua forma diferente de pronunciar as palavras (linhas 366-369). Para evitar que isso acontecesse consigo, ela desenvolveu mecanismos de defesa: dizer que tinha um distúrbio de fala, que a impossibilitava de articular os sons das palavras de maneira correta ("eu dizia não que eu não consigo falar direito era essa a minha saída", l. 373-374; "eu dizia que não conseguia falar correto porque eu: não tinha muita habilidade na fala", l. 378-379). Quando ela diz "eu sempre tinha uma: uma carta na manga" (linhas 375 e 376), posiciona-se como uma pessoa precavida, que tem cautela em suas ações e decisões, antecipando possíveis problemas ou situações constrangedoras e tomando medidas para evitar ou até mesmo minimizar seus impactos negativos.

Na segunda narrativa (linhas 392 a 397), observamos outra estratégia usada pela entrevistada para não ser alvo das brincadeiras depreciativas: unir à "bagunça" para não se sentir excluída ou inferiorizada. Aqui Maria faz uma reformulação de sua estratégia: antes ela procurava desculpa para o seu estigma, agora ela age como os ofensores ("se era pra avacalhar eu também avacalhava junto, entrava na avacalhação na bagunça", l. 392-394). Ela conclui dizendo que essa é uma das formas

de “não ficar pra trás” (linhas 396 e 397). Podemos inferir que as pessoas portadoras de algum estigma são vistas por ela como estando em desvantagem em relação ao não estigmatizado e, portanto, devem se esforçar para superar isso. Maria, agindo como os agressores, conseguiu superar o sentimento de revolta e de traumas, além de se divertir com os colegas (“acabava até me divertindo com isso”, l. 409).

Um dos recursos usados pela narradora para tornar o relato contável foi o uso de vozes reportadas, principalmente nas falas de outras pessoas que ela reproduz ou parafraseia. Ela cita as palavras “bassoura frósfru” (l. 372) e “fóscu” (l. 373) para exemplificar como ela pronunciava as palavras e mostrar o que motivava a chacota entre os colegas de classe. Além disso, nas linhas 407 a 408 (“se você não pode com o inimigo, então junte-se a ele”), a entrevistada cita um ditado popular para justificar a sua nova estratégia de defesa. Ao fazer isso, ela se apropria de uma voz coletiva, que representa a sabedoria popular, para dar legitimidade a sua própria história. Essas vozes inclusas dão vivacidade à narrativa, contribuindo para a criação de uma história mais autêntica e digna de ser contada e ouvida, elevando seu valor narrativo (Tannen, 1989).

A próxima narrativa (l. 411-420), que se deu no contexto familiar, traz um relato de uma atitude preconceituosa de seus irmãos. Nas linhas 411 e 412, ela traz um resumo da sua narrativa (“o convívio com minha família era muito intenso”). Em seguida, informa que o seu modo de falar era diferente dos paraenses porque ela passava muito tempo com seus pais, e o linguajar deles era da variedade popular cearense. Logo em seguida, a entrevistada diz que foi “mais moderna” (l. 415). Pode-se dizer que ela considerava a variedade linguística usada pelos seus progenitores como ultrapassada e, portanto, deveria ser deixada de lado.

Nas linhas 415-420, apresenta uma das causas de ela se tornar “moderna”. Quando usava a variedade linguística dos seus pais, seus irmãos a discriminavam, tornando-a alvo de “avacalhação”. Ela conclui dizendo que isso foi o motivo para a sua adaptação e sua autocorreção. Essa estratégia serve para legitimar sua decisão de adaptar sua fala. Ao mesmo tempo, constrói uma narrativa que tanto relata eventos quanto defende, de forma implícita, seu ponto de vista sobre a conformidade linguística e as pressões sociais dentro da família.

A narração do Excerto 15 é centrada unicamente na voz da narradora, porém com um envolvimento do interlocutor, nas linhas 402 e 406, quando faz uma pergunta com o intuito de verificar seu entendimento: “assim a forma que tu encontrou para lidar

com isso seria se juntando a eles né?”. As verificações de entendimento desempenham um papel importante na preservação da intersubjetividade, essencial para a atividade de narrar, considerando que as narrativas não refletem apenas uma única subjetividade (Riessman, 2008).

A narrativa de Maria segue, em grande parte, uma sequência cronológica coerente. Começa falando sobre o motivo do *bullying* na escola, o que a motivou a desenvolver estratégias de adaptação para lidar com isso, terminando com uma reflexão sobre como essas experiências influenciaram sua vida. Essa sequência temporal sugere um relato relativamente linear, em que os eventos são apresentados na ordem em que ocorreram. Entretanto, há momentos em que ela traz algumas reflexões – por exemplo, quando cita exemplos de palavras que não conseguia pronunciar (l. 372-373), quando reflete que sua atitude evitou traumas e revoltas (l. 396-397), quando cita o ditado popular e comenta sobre seu estado emotivo (l. 407-409) e quando discorre sobre sua autocorreção e adaptação (l. 418-420) – que desviam a linearidade do enredo sem prejudicá-lo, pois não atrapalham a evolução contínua da história. Segundo Ochs e Capps (2001), essas inserções de lembranças ou reflexões passadas são características de narrativas que não são completamente lineares, mas ainda mantêm uma estrutura geral coerente.

A coesão da linha temporal pode ser percebida também pelo uso de marcadores temporais implícitos e explícitos que guiam o interlocutor através dos diferentes momentos do relato de sua experiência. Os marcadores explícitos (por exemplo, "ainda na época" (l. 412) e "quando" (l. 415)) fornecem suportes temporais que ajudam a situar os eventos em uma cronologia compreensível. Os marcadores implícitos ("fui indo me adaptando" (l. 418) e "tinha muito por que o convívio com minha família era muito intenso" (l. 411, 412), entre outros) contribuem para uma sensação de continuidade e desenvolvimento ao longo do tempo, sem fixar os eventos a momentos específicos. Tais marcadores criam uma narrativa coesa e cronologicamente fluida, permitindo ao ouvinte seguir a progressão dos eventos e entender as transformações pelas quais a narradora passou.

Apesar de a narradora sempre adotar uma postura moral relativamente determinada e constante, podemos perceber que, na segunda narrativa, essa postura sofreu uma variação. Até então ela classificava as atitudes de seus colegas como *bullying*, que, segundo os padrões de bondade da sociedade, deve ser evitado, pois, além de trazer sérios danos psicológicos para a vítima, é crime. De imediato, ela se

esquiva dessa prática atribuindo seu estigma a um problema físico, como vimos anteriormente, porém muda de posicionamento, deixando de ser uma pessoa defensiva e tornando um dos agentes do *bullying*, justificando que era uma das formas de “não ficar para trás” (l. 396) e de não se traumatizar (l. 396-397). Na linha 409, ela ameniza a sua atitude, colocando seu comportamento como um meio de divertimento (l. 409). Ao fazer uso desses recursos retóricos, molda sua narrativa para fazer seu próprio comportamento parecer moralmente justificável e bom. Novamente vemos aqui evidências do princípio da boa aparência (Ochs; Capps, 2001).

Por fim, Maria se posiciona como vítima e, ao mesmo tempo, como uma pessoa moderna, pois se adapta com facilidade diante das pressões sociais e familiares, contrastando com a postura de seus pais que ainda preservam traços de seu local de origem. É interessante evidenciar que ela retrata tanto seus colegas de classe quanto seus irmãos como antagonistas, mas não os coloca como vilões de forma extrema. Ela menciona as provocações sofridas, mas a maneira como relata essas interações, utilizando o humor e a ironia, sugere que ela não os vê como opressores, mas como parte de um contexto social com o qual teve que lidar e eventualmente superou. Ao fazer isso, ela se coloca na posição de uma pessoa que assume a responsabilidade por suas ações e que reconhece a necessidade de mudança para se alinhar às expectativas do grupo.

Sua família, em vez de ser apresentada como fonte de apoio e empatia, é apresentada como fonte de pressão. Seus irmãos são posicionados como agentes coercivos, que zombam dela por seu modo de falar. Diferentemente dos irmãos, seus pais são apresentados de forma mais neutra, pois são vistos como representantes de uma variedade linguística desprestigiada na sociedade paraense. Esta, embora não imposta de forma explícita, é internalizada por Maria ao longo do tempo.

A fim de continuar a discussão, com base nas falas de Maria, analisaremos as narrativas de encontros mistos do segundo entrevistado. As experiências relatadas abordam situações discriminatórias por serem diferentes dos habitantes locais.

5.2.2 Participante José

Nos Excertos 16 e 17, temos um relato do entrevistado José que compartilha suas experiências de infância e de adolescência, destacando a mudança de como ele

percebia e era afetado pelos apelidos e estereótipos associados à sua origem cearense.

Excerto 16 – "ser chamado de arigó"

191	José:	é: ... assim porque a nossa característica marcante
192		né de de cearense então.. pela co::r né pelo: pelo
193		je:ito então né às ve::zes ocorria assim uma questão
194		de de ser chamado de arigó:: ((risada)) de de
195		cearense comedor de rapadura
196		...
197	Pesquisador:	isso te incomodava de alguma forma ser chamado de
198		arigó?
199		...
200	José:	durante a infância... não me incomodava né mas
201		como: ... quando foi passando pra ser: adolescente
202		daí: passou a: ... a: incomodar mais né durante a
203		infância não

Fonte: Dados do autor.

Excerto 17 - "eles gostava de avacalhar com a minha mãe”

281	José:	o:lha o que eu o que me incomoda::va ... agora eu le
282		é uma coisa que eu lembrei era a questão que os meus
283		colega eles gostava de de avacalhar com a minha mãe
284		porque ela ... ela ela ela trocava né ... algumas
285		le:tras algumas letras na hora de pronunciar: tipo
286		“poste” ela pronunciava “porte” aí eu ficava
287		chateado com isso ((risadas))
288	Pesquisador:	então tu ficava mais
289	José:	[(SI) ... é:
290	Pesquisador:	ficava mais chateado quando eles mexiam envolvia a
291		tua mãe? vamos dizer assim o bullying a brincadeira
292		mais quando: a
293	José:	[é:]
294	Pesquisador:	envolvia tua mãe do que propriamente contigo ...
295	José:	com certe é porque esse negócio de por exemplo na rua
296		tinha essa questão dos apelidos não é não era uma
297		coisa assim por exemplo ho:je que ... que qualquer
298		coisa é: é bullying né aí: n: na rua ... aí tinha os
299		apelidos cada um tinha um apelido ... na olha nessa
300		época eu também tinha problema de dicção eles me
301		chamavam de gaguinho até hoje a minha mãe também tem
302		esse problema

Fonte: Dados do autor.

Ao ser questionado se em algum momento de sua infância, José lembrava de alguma história que ele tenha sido vítima de preconceito por ser cearense, ele não

responde diretamente à pergunta, porém cita elementos como sua “cor” (l. 193) e o seu “jeito” (l. 194) como características “marcantes” que o diferenciavam dos outros e o tornavam vítima de apelidos como “arigó” (l. 195) e “cearense comedor de rapadura” (l. 196). Ele faz referência à cor, porque ele é um cearense de pele clara e de cabelos castanho-claro, que o diferenciam da maioria dos paraenses nativos, cuja pele, cabelos e olhos são de cor mais escura.

De acordo com o Censo Demográfico 2022 sobre Cor ou Raça[16] da população do Brasil, o Pará teve 69,8% habitantes autodeclarados de cor parda; 19,34% de cor branca; 9,77% pessoas de cor preta; 0,85% pessoas indígenas; e 0,15% pessoas de cor amarela (Belandi; Gomes, 2023). Baseados nesses dados, podemos concluir que atualmente há mais pessoas de cor parda, seja ela clara, moderada ou escura, do que pessoas de cor branca. Isso não é uma exclusividade dos tempos atuais, pois sempre houve a predominância da cor ou raça parda em solo paraense.

Após esse relato, o informante fica em silêncio, fazendo com que o pesquisador faça mais uma pergunta: “isso te incomodava de alguma forma ser chamado de arigó”. Nas linhas 201 a 204, José responde que, na sua infância, esses atos depreciativos não o incomodavam. Com o passar do tempo, na adolescência, é que ele começa a se sentir incomodado pelos estereótipos. Esse fato reflete um crescimento na sua autoconsciência. Ao ser indagado se ele poderia relatar alguma situação de preconceito na adolescência, ele relatou que talvez tenha sofrido algo durante o jogo de bola, mas não contou nenhum caso específico.

Ele se lembra de um fato ocorrido que passa a contar nas linhas de 282 a 287, mostrando que o que mais o incomodava era quando os insultos se dirigiam à sua mãe devido ao seu sotaque. Podemos inferir que a discriminação que mais o atingia não era aquela voltada para ele, mas aquela que tinha como destino a mãe. José se lembra de discriminações sofridas por ela, mas não se lembra de discriminações que ele sofreu.

O pesquisador, nas linhas 288 a 294, faz mais uma intervenção ao questionar o entrevistado se o que mais o chateava eram as ofensas direcionadas à sua mãe.

[16] De acordo com o Manual do Recenseador (IBGE, 2009, p. 152), cor ou raça branca é usada para pessoa que se declarar branca; preta, para pessoa que se declarar preta; amarela, para pessoa de origem oriental (japonês, chinês, coreano etc.); parda, para a pessoa que se declara parda ou que se identifique com mistura de duas ou mais opções de cor ou raça, incluindo branca, preta, parda e indígena; e indígena, para a pessoa que se declarar indígena ou índia, vivendo ou não em terras indígenas.

José novamente não responde diretamente à pergunta, mas traz mais uma narrativa (l. 295 a 302). Ele fala sobre os apelidos que tinha no meio do seu círculo de amizades e que via isso como algo natural da dinâmica social e não como uma questão de *bullying*: “na rua tinha essa questão dos apelidos não é não era uma coisa assim por exemplo ho:je que... que qualquer coisa é: é *bullying*” (l. 295-298). No excerto analisado, o pesquisador desempenha um papel significativo na co-narração, pois não só atua como ouvinte, mas também contribui ativamente para a construção da narrativa com suas intervenções. Essa participação ocorre, por exemplo, quando ele faz perguntas solicitando esclarecimento (“isso te incomodava de alguma forma ser chamado de arigó?”, l. 197 e 198) e verificando entendimento (“ficava mais chateado quando eles mexiam envolvia a tua mãe? vamos dizer assim o bullying a brincadeira mais quando: a”, l. 290 a 192; “envolvia tua mãe do que propriamente contigo”, l. 294) que direcionam e aprofundam a narrativa de José. As intervenções nas linhas 197 e 290-291 não apenas estimulam José a prosseguir com sua história, mas também dão formato à forma como ele a evolui, sugerindo que o entrevistador está interessado em investigar aspectos emocionais e sociais específicos da experiência de José. Isso direciona o contador de histórias a realçar e detalhar esses aspectos em sua resposta. Portanto, o pesquisador participa ativamente da co-narração, contribuindo para o desenvolvimento e a direção da narrativa, não apenas facilitando a continuidade do relato, mas também enriquecendo o seu conteúdo, ao revelar questões cruciais para a compreensão da experiência de José (Ochs; Capps, 2001).

Embora o relato de José nesse excerto seja estruturalmente coeso e retoricamente eficaz em vários pontos, permitindo ao ouvinte perceber a importância dos eventos relatados, as diversas pausas (l. 191, 196, 199, 201, 202, 281, 284, 297, 298, 299), a hesitação (l. 192, 201, 298), repetições (l. 192, 194, 284) e até mesmo a falta de resolução em alguns aspectos diminuem sua eficácia. Em razão disso, há aqui uma historiabilidade relativamente alta.

Nos Excertos 16 e 17, o narrador sequencia os eventos narrados de forma não linear. No 16, ele começa descrevendo uma situação geral (l. 191-195) sobre as características marcantes de ser cearense e como isso resultava em ser estigmatizado. Depois, ao ser perguntado sobre se isso o incomodava, ele não segue uma linha temporal direta. Ele retorna ao passado para diferenciar entre suas experiências na infância e na adolescência (l. 200-2003). Essa não linearidade é marcada pela alternância entre diferentes períodos de sua vida sem seguir uma ordem

cronológica. A ordem causal também não é linear. Inicialmente, ele menciona que o termo "arigó" está ligado às características físicas e culturais (linhas 191-195), mas só depois esclarece que o incômodo só ocorreu durante a adolescência (linhas 200-203). A causalidade, portanto, é apresentada por meio de reflexões que envolvem diferentes etapas de sua vida e não na forma direta.

No Excerto 17, José começa mencionando que algo o incomodava. O ouvinte espera que ele relate mais sobre isso, mas o entrevistado dá uma pausa e diz que se lembrou de uma coisa e começa a narrar atitudes dos colegas perante sua mãe (linhas 281-282). Isso indica um processo de lembrança não linear, pois a narrativa não segue uma linha do tempo contínua, mas um movimento de ida e volta entre o presente (ao lembrar) e o passado (a situação em si). Adicionalmente, ao tratar do assunto dos colegas que ridicularizavam sua mãe, o entrevistado entrelaça diversos momentos e aspectos de sua vida: menciona como a troca de fonemas na fala de sua mãe trazia transtorno para ele (linhas 283-287) e, em seguida, relata como ele também era afetado por apelidos por conta de seu próprio problema de dicção (linhas 295-302). Esses diferentes tempos se sobrepõem, contribuindo para uma narrativa que não é linear em sua estrutura temporal. A relação causal entre as situações também não é apresentada de forma direta. Ele primeiro fala sobre a falta de respeito com sua genitora e como isso o chateava, mas não conecta essa experiência com sua própria vivência de apelidos, mostrando uma sequência de eventos inter-relacionados que não seguem uma progressão causal simples.

No Excerto 16, a postura moral de José é apresentada de forma relativamente fluida ao longo do tempo, visto que, no início, ele se posiciona como alguém indiferente ao apelido. Tal fato poderia indicar uma postura moral de resiliência ou aceitação passiva. Ao crescer, essa postura muda, e o incômodo que antes era inexistente passa a se manifestar, sugerindo uma transição para uma postura moral na qual José começa a questionar e rejeitar o estigma associado ao termo "arigó". Ochs e Capps (2001) sugerem que as narrativas permitem a construção e a reconstrução da moralidade do narrador, dependendo de como ele escolhe interpretar e apresentar eventos passados. Neste caso, José reconstrói sua postura moral em relação a uma identidade que inicialmente não o incomodava, mas que se torna problemática à medida que ele amadurece.

No Excerto 17, José descreve como seus colegas zombavam de sua mãe. Essa situação, que inicialmente parece ser uma forma leve de "brincadeira", revela-se mais

significativa à medida que expressa seu incômodo. Ele menciona que ficava "chateado" quando isso acontecia, especialmente porque o alvo do escárnio era sua genitora, e não ele. Isso demonstra uma postura moral protetiva, pois ele se coloca em defesa da honra e da dignidade de sua mãe. Aqui a postura moral de José é constante ao longo do excerto, mantendo uma posição firme de desaprovação e desconforto em relação ao tratamento desrespeitoso dirigido à sua mãe. Demonstra, assim, senso de moralidade ao destacar que o *bullying* direcionado a ela era inaceitável, independentemente de ele próprio também ser alvo de apelidos.

Bamberg (1997) enfatiza que a construção da identidade do narrador está intimamente ligada à maneira como ele posiciona os outros personagens em sua narrativa. Ao narrar o incômodo crescente que sentiu à medida que amadurecia, José posiciona seus colegas como agentes de uma violência simbólica[17] (Bourdieu, 1979), ainda que essa violência não tenha sido percebida como tal durante sua infância. Esse posicionamento reflete uma consciência crítica que se desenvolve com o tempo, na qual José reavalia suas experiências passadas sob uma nova luz, reconhecendo o preconceito implícito nas ações de seus colegas.

No Excerto 17, o posicionamento dos colegas é ainda mais crítico. Eles são novamente posicionados como agentes de humilhação, desta vez direcionados à sua mãe. A seleção de termos como "avacalhar" e o tom de desaprovação de José intensificam a avaliação moral que ele impõe a esses companheiros do bairro, retratados como insensíveis e desrespeitosos. Em contraste, a mãe é posicionada como uma figura de respeito e, ao mesmo tempo, como uma vítima das agressões verbais de seus colegas.

No próximo excerto, temos a resposta do entrevistado ao ser questionado se, na universidade, sofreu alguma forma de discriminação por ser cearense ou se essa discriminação se restringiu somente à infância ou à adolescência.

[17] O termo “violência simbólica” foi primeiramente tratado pelo sociólogo Pierre Bourdieu em sua obra “*La Distinction: Critique sociale du jugement*”, publicada em 1979. Este termo descreve como as relações de poder são mantidas. Não apenas pela força física, mas também por formas simbólicas. Linguagem, educação e normas culturais reforçam desigualdades sociais de maneira sutil e internalizada.

Excerto 18 – "talvez por conta do poder aquisitivo"

406	José:	na universidade eu não me lembro assim também de
407		ter sofrido algum tipo de ... né de preconceito em
408		relação à questão talvez por conta da: né do poder é
409		aquisitivo né ia de bicicleta e tal e: mas até na: na
410		escola assim do do ensino médio também mas ... assim:
411		em relação à questão de: ... por ser cearense mesmo... não

Fonte: Dados do autor.

Nesse excerto, como é possível observar, José comenta sobre sua experiência na universidade e no ensino médio, mencionando que não se lembra de ter sofrido preconceito. Se sofreu, não foi por ser cearense, mas talvez devido ao seu poder aquisitivo: “talvez por conta da: né do poder aquisitivo né ia de bicicleta e tal" (l. 408 e 409). Então, a sua postura sugere uma aceitação das dificuldades econômicas como um fator de discriminação mais relevante do que o fato de ser de outra região. Nesse relato, temos uma crítica implícita às desigualdades socioeconômicas.

A fim de encerrar a discussão desta seção, passamos à análise das narrativas de encontros mistos da última entrevistada, a Lúcia. Assim como José, ela é filha de migrante cearense nascida na cidade de Santarém.

5.2.3 Participante Lúcia

O Excerto 19, narrado por Lúcia, ilustra como o termo "arigó" era usado pejorativamente contra ela e outros cearenses na escola, causando impacto negativo em sua autoestima e levando ao isolamento social. O preconceito vinha não apenas de colegas, mas também de figuras de autoridade, como professores e serventes, evidenciando a falta de sensibilidade e apoio no ambiente escolar.

Excerto 19 - "a gente sempre ouvia ... piadinha chamando a gente de arigó"

54	Lúcia	eu na escola a gente sempre ouvia né aquela questão de
55		piadinha chamando a gente de arigó de penosa de... é
56		arigó me irritava bastante me chamar de arigó porque
57		arigó vinha assim no sentido pejorativo de chamar a
58		pessoa de arigó de dizer que ela não queria nada que ela
59		era burra que ela era besta fácil de ser enganada
60		eles chamavam como se... eles falavam no sentido de
61		pessoa que não tinha instrução nenhuma então para evitar
62		ser alvo dessas dessas brincadeiras eu acabava ficando

63		ali no meu cantinho quietinha tinha poucos amigo
64		conversava com alguns com meus amigos que eram próximo
65		de casa eu tinha medo de passar vergonha na frente
66		porque naquela época não era só os colega da gente que
67		xingava a gente até no caso a: a professora chamava a
68		gente de arigó "ah seu arigó penoso" "ah seu arigó isso
69		aquilo outro" era a: muito comum a gente ouvir isso né
70		por exemplo até pra pegar merenda eu tinha vergonha
71		pegar merenda na escola porque tinha uma das serventes
72		lá que era vizinha nossa ela ficava dizendo "ah:: seu
73		arigó não pode pegar merenda que a merenda era pros
74		outros não é para ti não teu pai tem comércio" então a
75		gente com fome não podia comer com vergonha a merenda
76		porque a: a gente ouvia piadinha né então às vezes eu
77		pedia pros meus colegas pegarem merenda a:: eles pegavam
78		e dividiam pra gente mas eu sempe tive vergonha disso
79		e essa mesma mulher ela que dava crisma pra gente então
80		ela ela chamava a gente de arigó já sofri muito por
81		causa que ela chamava a gente de arigó na na crisma
82		mesmo na aula de crisma ela chamava a gente de arigó
83		quem mas sofreu mesmo foi o meu primo que meu primo era
84		assim meio é::: vamos dizer assim não tinha juízo não se
85		comportava direito aí ele fazia as besteiras em sala de
86		aula ai a professora começava a brigar com ele chamando
87		de arigó dava cascudo nele na época e:: chamava ele de
88		arigó "ah seu arigó burro seu arigó é::: doido" que ele
89		era meio doido que falava muito alto ria muito alto era o
90		que chamava hoje em dia de TDH como chamam hoje mas ele
91		era muito agitado então ele levava cascudo ele levava
92		ralho mas ele não se aquietava não aí eu ficava só
93		olhando mas ele sofreu muito mais que eu eu sofria mas
94		ficava calada não revidava eu queria me afastava da
95		pessoa a minha questão era essa eu me afastar das pessoas

Fonte: Dados do autor.

A narrativa do Excerto 19 surgiu após o questionamento se ela tinha sofrido algum preconceito por ser cearense. Como resposta, Lúcia relata suas experiências de discriminação na escola, ilustrando como isso afetou sua vida e seu comportamento. Ela inicia com a orientação "eu na escola a gente sempre ouvia né aquela questão de piadinha chamando a gente de arigó de penosa" (l. 54 e 55), que informa o local dos acontecimentos e tópico da narrativa: o preconceito. Ao se valer do uso de "a gente" (l. 54), frequentemente usado no lugar do pronome pessoal "nós", indica que não somente ela era vítima de discriminação, mas outros que pertenciam à comunidade cearense também eram.

Nesse trecho, temos apenas uma narradora, Lúcia, que, para narrar, utiliza alguns discursos reportados. Ela menciona que seus colegas costumavam chamá-la de “arigó” (l. 55) e de “penosa” (l. 55), seguindo a crença de que os cearenses são mesquinhos. Essas vozes são reportadas de forma indireta sem associação a uma pessoa específica, demonstrando o caráter coletivo e institucionalizado do preconceito que enfrentavam, uma vez que não eram somente as crianças que insultavam, mas também figuras de autoridade. Lúcia também narra que uma professora participava dessas práticas de discriminação, usando os mesmos apelidos anteriores (linhas 67-69). A entrevistada também relata a experiência de seu primo, que era chamado de “arigó”, “burro”, e “doido” pela mesma professora (linhas 83-88). Esses discursos desempenham uma função importante na narrativa, especialmente na construção do contexto de discriminação que ela e seu primo sofreram, autenticando sua experiência e mostrando que as ações e palavras dos outros foram diretamente responsáveis por seu sofrimento e isolamento. O fato de ela ter reportado essas vozes de forma indireta pode ser visto como uma estratégia narrativa que busca enfatizar o impacto dessas ofensas sem precisar recriá-las novamente, distanciando-se emocionalmente das palavras ofensivas, ao mesmo tempo que confere veracidade à narrativa.

Lúcia constrói a historiabilidade ao centrar a narrativa em torno da discriminação e do isolamento social que ela e seu primo enfrentaram devido ao estigma associado ao termo “arigó”. Essa centralização temática contribui para que a narrativa seja percebida como um relato coerente, reforçando a relevância do evento narrado.

Como as narrativas apresentadas nesse excerto fluem dentro do contexto discursivo no qual se discutem experiências relacionadas à discriminação e ao preconceito, podemos considerá-las como encaixadas. A sua história está claramente conectada ao tema da conversa, sugerindo que sua narrativa é uma reposta natural a uma pergunta do entrevistador. Portanto, podemos dizer que a narrativa de XX é encaixada. Além disso, os eventos da narrativa são narrados de forma relativamente linear, pois são apresentados de maneira cronológica e com uma progressão causal (Ochs, Capps, 2001). Entretanto, também há sutis quebras ou desvios que indicam uma linearidade flexível, comum em narrativas orais espontâneas.

Lúcia começa mencionando episódios de discriminação sofridos na escola. A partir desse ponto, desenvolve-se uma história de forma cronológica, relatando suas reações às agressões e como isso afetou seu comportamento e a forma como

interagia com os outros: insulto de membros da comunidade escolar > vergonha que sentia ao pegar merenda > perpetuação desse comportamento por parte da servente > experiência de seu primo (vítima de discriminação). Todos esses episódios evidenciam discriminação, havendo apenas alterações das vítimas ou do agressor. No primeiro, a vítima é ela, e os colegas são os agressores; no segundo, ela é a vítima, e os agressores são a professora e a servente; e, no terceiro, a vítima passa a ser o primo, e a agressora, a sua professora. Apesar de sua narrativa seguir uma estrutura predominantemente linear, há algumas quebras sutis na linearidade, que podem ser entendidas como características de narrativas orais, especialmente em conversas espontâneas. Por exemplo, Lúcia inicialmente concentra-se em suas próprias vivências e depois desvia para relatar os episódios vividos por seu primo (linhas 83-94), antes de voltar a falar de si mesma. Essa digressão é uma leve interrupção na linearidade, mas não compromete a coerência geral, já que a experiência de seu primo está diretamente relacionada ao tema central da discriminação que ambos enfrentaram.

Além disso, há momentos em que Lúcia inclui reflexões pessoais (l. 56-57, 61-63, 70-73, 93-95) que não seguem estritamente a ordem cronológica, mas que se inserem no relato como comentários sobre suas emoções e reações ao longo do tempo, como a menção de sua vergonha ao pegar merenda e a forma como evitava essas situações. Nesse excerto, parece que Lúcia constrói sua narrativa a partir de uma perspectiva que denuncia a injustiça da discriminação que ela e seu primo sofreram, estabelecendo uma clara distinção entre o que é considerado moralmente aceitável e inaceitável. Ela expressa explicitamente seu desagrado e desconforto com o uso do termo “arigó” e com atitudes preconceituosas de seus colegas e dos adultos em posições de autoridade. Ao descrever essas ações como “irritantes” (“me irritava bastante”, l. 56) e até mesmo humilhantes, ela emite um julgamento moral negativo sobre o comportamento deles. Isso institui uma postura moral na qual o preconceito é condenado, alinhando-se com uma visão de mundo que valoriza a dignidade e o respeito por todos os indivíduos. A menção específica à professora e à servente da escola adiciona um tom de criticidade à narrativa. Elas, ao invés de protegerem os alunos, participam da discriminação a um determinado grupo. Por esse relato, inferimos que ela condena o abuso de poder por parte desses adultos, reforçando a ideia de que a autoridade deveria ter uma responsabilidade moral de agir com justiça e respeitosamente e, ao agirem diferente disso, falham moralmente. A conduta moral

na narrativa de Lúcia é relativamente determinada e constante ao longo do relato. Desde o começo, ela define uma visão nítida de certo e errado, reprovando as ações discriminatórias e enaltecendo a resistência individual. Não há indícios de que essa postura moral mude ou se torne ambígua ao longo da narrativa; ao contrário, ela é reforçada a cada nova descrição de eventos e atitudes, tanto suas quanto dos outros.

Lúcia se apresenta como vítima de discriminação, mas não de forma resignada, já que compartilha suas experiências de modo que espelha sua consciência sobre a injustiça que sofreu. Ao mesmo tempo, ela demonstra resiliência e uma tentativa de preservar sua dignidade, escolhendo não reagir no mesmo estilo que seus agressores. Os colegas e alguns funcionários da escola são retratados como perpetradores de *bullying* e preconceito, o que pode ser percebido por suas atitudes depreciativas e pelo uso contínuo do termo “arigó” para humilhá-la. A servente da escola é apresentada como uma autoridade abusiva. Ela participa da discriminação e hesita em fornecer merenda escolar, contradizendo seu dever moral de zelar pelo bem-estar dos alunos. Seu primo é retratado como vítima da discriminação e do abuso, mas de uma forma mais acentuada, dada a sua vulnerabilidade e características que o tornavam um alvo fácil para seus agressores.

Para facilitar a discussão final e resumir as análises, os quadros a seguir permitem a visualização dos resultados encontrados. Eles têm como base Ochs e Capps (2001) acerca das possibilidades das dimensões da narrativa. Eles são compostos por duas colunas: na primeira, temos as possibilidades de ocorrência da dimensão da narrativa em questão; e, na segunda, que se desdobra em três outras colunas (uma para cada participante), temos as ocorrências nos dados da Maria, do José e da Lúcia respectivamente.

Quadro 4 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *narração*

Dimensão Narração			
Possibilidades	**Apresentação nas narrativas**		
Um narrador ativo => Múltiplos co-narradores ativos	**Maria**	**José**	**Lúcia**
	Excertos: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14, 15	**Excertos: 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17,18**	**Excertos: 11, 12, 19**
	- Um narrador ativo e um co-narrador relativamente passivo: Excertos 1 e 2	- Um narrador ativo e um co-narrador relativamente passivo: Excertos 7, 9, 10 e 18	Um narrador ativo e um co-narrador passivo

	- Co-narração: Excertos 3, 4, 13, 14 e 15	- Co-narração: Excertos 6, 8, 16 e 17	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto à dimensão da *narração*, as possibilidades variam entre uma única pessoa narrando uma história (um narrador ativo) e múltiplos indivíduos contribuindo ativamente para a construção da história (múltiplos co-narradores ativos). Segundo Ochs e Capps (2001), nas narrativas de experiências pessoais que emergem em entrevistas formais, evidencia-se baixo envolvimento em co-contar, porque geralmente a interação consiste no entrevistado contando uma narrativa para um entrevistador. Esse perfil de participante caracteriza principalmente a narrativa de Lúcia, em que o pesquisador fornece feedback mínimo durante a interação. Porém, na entrevista com Maria e José, esse perfil muda; o interlocutor passa de um envolvimento relativamente passivo para um envolvimento mais ativo, deixando de usar apenas continuadores e passa a fazer intervenções.

Ao observar as histórias de Maria, podemos perceber que, nos Excertos 1 e 2, a participação do interlocutor foi relativamente passiva, enquanto, nos outros excertos, ele colaborou com a construção das narrativas através das seguintes ações: i. no Excerto 3, demonstrando reação emocional (que pode ser considerada um tipo de avaliação, em termos labovianos, sinalizando o seu envolvimento); ii. no Excerto 4, solicitando informação (quando o interlocutor solicita informações, podemos julgar que elas são importantes para ele, logo ele esboça suas contribuições para o conteúdo e a trajetória da história); iii. no Excerto 13, avaliando (coopera na construção do ponto da narrativa); iv. no Excerto 14, acrescentando informação contextual na orientação; v. nos Excertos 13 e 15, verificando entendimento; e vi. no Excerto 13 solicitando esclarecimento.

Nas histórias de José, assim como nas histórias de Maria, o interlocutor também teve momentos de envolvimento relativamente baixo (Excertos 7, 9, 10 e 18) e outros em que colaborou na construção da narrativa e tomando turno. As suas principais ações de co-narração são: i. demonstração de atenção/acompanhamento (Excertos 6 e 8); ii. solicitação de informação (Excerto 6); iii. finalização de enunciados (Excerto 6); iv. acréscimo de informação contextual na orientação (Excerto 6); v. solicitação de clarificação (Excertos 6 e 16); vi. avaliação (Excerto 6); vii. demonstração de reação emocional (Excerto 8); e viii. verificação de entendimento (Excertos 8 e 17).

Nas histórias de Lúcia, como podemos perceber no Quadro 4, o envolvimento do interlocutor na co-narração foi relativamente baixo, restringindo-se a perguntas iniciais. Isso provavelmente ocorreu devido à forma como se deu a entrevista. Entretanto, todas as narrativas conversacionais, são negociadas (De Fina, 2003; Norrick, 2007), independente de os interlocutores estarem ou não face a face. Mesmo em silêncio ou ausente, o interlocutor exerce influência no que vai ser ou não dito e no modo como será dito (Oliveira, 2013). Entende-se, assim, que o envolvimento foi relativamente baixo na co-narração, já que houve participação somente através da introdução de tópicos e da formulação de perguntas que orientaram o curso da interação.

É possível dizer que o pesquisador-entrevistador, exceto nas histórias de Lúcia, se engajou ativamente na construção da narrativa, colaborando com os narradores principais, mesmo que suas contribuições não tenham sido muito extensas em alguns momentos. Isso mostra que, mesmo com diferentes níveis de participação, ele teve um papel importante na elaboração da história.

Dando sequência à retomada dos dados analisados, consideramos a dimensão *historiabilidade*, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *historiabilidade*

Dimensão Historiabilidade			
Possibilidades	**Apresentação nas narrativas**		
Alta => baixa	**Maria**	**José**	**Lúcia**
	Excertos: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14, 15	**Excertos: 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17,18**	**Excertos: 11, 12, 19**
	Alta	Alta (Excertos 6, 9, 10, 18) Relativamente alta (7, 8, 16, 17)	Alta (Excertos 11, 19) Relativamente Alta (Excertos 12)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Passemos agora à outra dimensão, a *historiabilidade*, que diz respeito a quanto um acontecimento merece ser narrado com base em fatores como o interesse que ele desperta no narrador e nos ouvintes, o nível de incomum ou extraordinário dos eventos, e a adequação social ou cultural de compartilhar esses eventos (Ochs; Capps, 2001). Essa dimensão é crucial para entender o que motiva alguém a contar uma história e o que leva os outros a considerar essa narrativa envolvente ou

significativa. De modo geral, todas as narrativas dos entrevistados apresentam alta historiabilidade, exceto as do Excerto 4, 9, 16 e 17, que podem ser classificadas como relativamente altas ou até mesmo relativamente baixas, pois apresentam relatos de forma hesitante, desajeitada, procurando palavras, cortando frases e recomeçando-as, características que se encaixam em um cenário de baixa historiabilidade. No entanto, mesmo que essas narrativas não sejam tão cativantes, elas desempenham um papel de grande importância na vida dos participantes: são relatos pessoais que focam menos em encantar a audiência e mais em esclarecer acontecimentos e formar uma visão sobre um incidente, incluindo suas implicações futuras.

Os entrevistados, na maioria de suas narrativas, engajaram-se ativamente na construção de seus relatos, de modo bastante habilidoso, valendo-se de vários recursos no desenho da historiabilidade (Ochs; Capps, 2001). No caso das narrativas observadas, a alta historiabilidade está vinculada principalmente ao tópico em discussão na conversa (migração, discriminação) e à significância do evento (episódios de encontros mistos e não mistos). Os recortes trazidos pelos participantes aliados às suas retóricas na narração garantem a alta historiabilidade das narrativas, já que fazem uso de diversos recursos que criam dramas e envolvem o interlocutor. A seguir, veremos os principais recursos usados pelos participantes para construir a alta historiabilidade de suas narrativas:

I. Maria: fonologia expressiva em todos os excertos; uso de vozes reportadas, dramatizando o evento (o que acaba envolvendo o ouvinte na sua história), nos Excertos 1, 3, 4, 5, 13, 14 e 15; encaixe de orientações (que auxiliam na construção do contexto do ocorrido) e de avaliações, nos Excertos 1, 2, 3, 4, 5, 13 e 15; histórias escolhidas para contar nos excertos: Excerto 1 (relato de sua origem e das dificuldades que sua família enfrentou; constantes viagens do pai, gravidez da mãe, decisão de vir para Santarém), Excerto 2 (experiências de adolescência, ajuda recebida pela família, desafios enfrentados na nova terá, conquistas da família); Excerto 3 (experiências de sua avó, dificuldades enfrentadas pelos seu avós no Ceará); Excerto 4 (aculturação da participante, impacto da sua aculturação na comunidade cearenses), Excerto 5 (educação como um caminho para conquistas, citando exemplos de dificuldades enfrentadas; ensinamentos dos pais baseados

em princípios cristãos e ética na defesa pessoal, estratégias de vida do pai), Excerto 13 (episódios de discriminação devido a seu sotaque e suas estratégias para superar esse problema), Excerto 14 (Maria compartilha sua experiência de não se importar com críticas e rejeições, mantendo uma atitude positiva, desprezando opiniões negativas) e Excerto 15 (*bullying* sofrido devido a sua variação linguística, suas defesas contra o *bullying*).

II. José: fonologia expressiva em todos os excertos; intercalação de avaliações e de orientações nas ações complicadoras nos Excertos 6, 7, 8, 9, 10 e 17; uso do discurso reportado nos excertos 6 e 16; temas escolhidos das suas narrativas: Excerto 6 (vinda dos pais para Santarém, atividade de marreteiro do pai, viagens para Manaus, naufrágio sofrido pelo pai, empatia da comunidade com o acidente), Excerto 7 (perda da avó materna, mudança da família para a cidade, Excerto 8 (dificuldades enfrentadas na cidade), Excerto 9 (discriminação com a mãe, ausência do pai no lar devido às suas viagens), Excerto 10 (conquistas profissionais do participante), Excerto 16 (episódios de discriminação por ser cearense), Excerto 17 (relato de discriminação contra a sua mãe) e Excerto 18 (ausência de eventos de discriminação por ser cearense no ensino médio e no ensino superior).

III. Lúcia: fonologia expressiva em todos os excertos; intercalação de avaliações e de orientações nas ações complicadoras nos Excertos 11 e 12; uso do discurso reportado no Excerto 19; escolha de temas para relatar: Excerto 11 (vinda dos pais para Santarém), Excerto 12 (dificuldades enfrentadas na nova cidade e as estratégias do pai para superá-las, conquistas do pai) e Excerto 19 (relato de episódios de discriminação por ser cearense).

Ao fazer uso principalmente do discurso reportado e das avaliações durante a narração, os participantes realçam a trajetória de dificuldades e de superação vivenciadas por eles e por suas famílias, construindo a dramaticidade de sua história, enfatizando assim a alta historiabilidade de suas narrativas. Não obstante tais recursos, a historiabilidade também é garantida pela escolha dos temas das narrativas

trazidas para a interação, fazendo com que o interlocutor, em vários momentos, demonstre interesse por meio de suas intervenções.

Passemos, agora, à discussão sobre os dados evidenciados na dimensão *encaixe*, a partir do que mostra o Quadro 6.

Quadro 6 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *encaixe*

Dimensão Encaixe			
Possibilidades	**Apresentação nas narrativas**		
Isolada => encaixada	**Maria**	**José**	**Lúcia**
	Excertos: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14, 15	**Excertos: 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17,18**	**Excertos: 11, 12, 19**
	Encaixada, com ocorrência de uma isolada no Excerto 4	Encaixada com um caso de isolada no Excerto 9	Encaixada

Fonte: Elaborado pelo autor.

As narrativas de experiência pessoal diferem em relação à forma como se encaixam no discurso que as envolve e na atividade social em que ocorrem, podendo ser isoladas ou encaixadas. Voltando a atenção para os dados da pesquisa, observamos que, com exceção das narrativas do Excerto 4 e 9, todas são altamente encaixadas. O fato de a maioria das narrativas ser encaixada a partir de uma pergunta do entrevistador prova que o encaixe da narração na entrevista é uma ação negociada (cf. Sacks, [1968] 1992; Garcez, 2001), ou seja, o pesquisador iniciou a negociação por convites para a narração.

Num primeiro momento, essas narrativas podem parecer distantes das narrativas dialógicas, que surgem espontaneamente, sem serem provocadas. Contudo, nas duas primeiras entrevistas (Maria e José), à medida que as histórias são construídas, algumas se assemelham a narrativas dialógicas, encaixando-se na atividade entrevista, que possui o formato de uma conversa, pois apresenta um sistema similar de troca de turnos observado nessa atividade interacional. Portanto, as narrativas que surgiram nos encontros com Maria e com José se parecem com narrativas conversacionais, enquanto as narrativas originadas da entrevista com Lúcia se aproximam mais de narrativas geradas em entrevistas. Isso provavelmente se deu pelo modo como elas ocorreram. As duas primeiras foram realizadas via *Google Meet*,

uma plataforma de videoconferência que permite encontros virtuais síncronos e interação ativa dos participantes, enquanto a entrevista com Lúcia ocorreu via mensagens de áudio pelo *WhatsApp*. Embora as perguntas do pesquisador tenham sido respondidas quase que imediatamente, o modo como ocorreu não permite uma interação simultânea.

Apesar de as narrativas poderem ser caracterizadas como relativamente encaixadas, há dois momentos em que esse encaixe é relativizado. O primeiro ocorre no Excerto 4, quando Maria relata sua visita ao Ceará, descrevendo as reações de amigos e familiares ao seu sotaque diferenciado. Ela momentaneamente suspende o foco de atenção, que era a aculturação no Pará, e passa a focar na vida difícil de seus avós no Ceará. O segundo momento se dá no Excerto 9, quando o entrevistado José introduz uma narrativa com um conteúdo temático diferente do que estava sendo abordado nas linhas anteriores: ele falava sobre a sua insatisfação com a implicância dos colegas com sua mãe e, de repente, começa a falar da ausência do pai devido ao trabalho.

Observemos a síntese sobre a dimensão da *linearidade*, com base no Quadro 7.

Quadro 7 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *linearidade*

Dimensão Linearidade			
Possibilidades	**Apresentação nas narrativas**		
	Maria	**José**	**Lúcia**
Ordem causal e temporal finalizada => Ordem causal e temporal aberta	**Excertos: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14, 15**	**Excertos: 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17,18**	**Excertos: 11, 12, 19**
	Ordem causal e temporal finalizada com ocorrência de breve suspensão da sequência temporal nos Excertos 3 e 4.	Ordem causal e temporal finalizada com ocorrência de breve suspensão da sequência temporal nos Excertos 6, 8, 16 e 17.	Ordem causal e temporal finalizada com ocorrência de breve suspensão da sequência temporal no Excerto 11.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observamos que os entrevistados, na maioria das vezes, organizam os acontecimentos em uma linha temporal e causal linear. Contudo, em certos

momentos, ocorrem suspensões do fluxo da linearidade, que logo são restaurados. Ochs e Capps (2001) consideram quebra de linearidade na narração quando a sequência temporal é interrompida, quando o enredo carece de coerência, quando o narrador realiza *flashback*, quando o narrador sai do mundo da história e volta para o mundo real; e quando ocorre repetição de enunciados e temas.

Nas narrativas de Maria, houve suspensão da linearidade quando ela interrompe a sequência temporal, mudando de assunto (Excerto 3) e quando sai do mundo da história e volta para o mundo real (Excertos 3 e 4). José também sai do mundo da história e volta para o mundo real, no Excerto 6, e se vale de enredo que carece de coerência, quando o entrevistador solicita esclarecimento ou confirmação de entendimento (Excertos 6, 8, 16 e 17), porém essas interrupções são muito breves, não interferindo tanto na ordem causal e temporal das narrativas. Nas histórias de Lúcia, houve relativização da ordem causal e temporal de sua narração, nas interrupções provocadas pelas constantes repetições de enunciados e pelos pensamentos inconclusos presentes no Excerto 11.

O Quadro 8 apresenta indicações do que se observou quanto à dimensão *postura moral*.

Quadro 8 – Síntese dos resultados da análise da dimensão *postura moral*

Dimensão Postura Moral			
Possibilidades	**Apresentação nas narrativas**		
Determinada, constante => Indeterminada, fluida	**Maria**	**José**	**Lúcia**
	Excertos: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14, 15	**Excertos: 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17,18**	**Excertos: 11, 12, 19**
	Determinada e constante	Determinada e constante	Determinada e constante

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, chegamos à última dimensão de Ochs e Capps (2001), a *postura moral*, que muito pode nos informar sobre as construções identitárias no curso da narração. A respeito dessa dimensão, observamos que ela foi determinada e constante no decorrer das narrativas. Ao analisar como os participantes e outros se definem através de suas histórias, pudemos entender a formação de suas identidades e a percepção

que tinham dos demais. Essas identidades permaneceram consistentes ao longo de toda a narrativa, sem sofrer alterações significativas.

Ao nos apresentarmos, buscamos projetar uma imagem positiva de nós mesmos, destacando nossas melhores qualidades e ocultando quaisquer aspectos negativos. Isso é algo muito comum e acontece porque todos querem causar uma boa impressão nas outras pessoas, princípio da "boa aparência" (Ochs; Capps, 2001). Como esperado, vemos esse princípio nas narrativas dos entrevistados, visto que, ao expressarem seu eu e a imagem de seus pais, apresentaram-nos sob uma luz favorável. As narrativas se concentravam nas dificuldades que seus progenitores superaram para alcançar o objetivo de uma "nova vida" em terras paraenses. Tanto a participante Maria quanto a Lúcia deram ênfase às conquistas dos seus progenitores. José não focou nisso, mas em mostrar o seu sucesso profissional e a importância de seus pais para alcançar esse sucesso.

Todos os entrevistados se posicionam como descendentes de cearenses que sofreram discriminação em determinados momentos de suas vidas. José não detalha ocasiões, mas menciona que era vítima de discriminação por se expressar de maneira peculiar e por possuir uma cor e atitudes singulares. Em um primeiro momento, ele se coloca na posição de um estigmatizado que não se incomodava com os atos discriminatórios sofridos. Essa atitude muda com o passar dos anos, pois as brincadeiras passam a incomodá-lo. Então ele muda para alguém que se importa com a discriminação e que o afeta.

Lúcia relata momentos específicos em que sofreu preconceito por ser cearense, colocando seus colegas e funcionários da escola como agressores, e ela sempre como vítima. Maria, por sua vez, apesar de também trazer situações discriminatórias em seu relato, posiciona-se como uma pessoa que transita facilmente entre a cultura do Pará e do Ceará, daí se considerar “metade paraense e metade cearense”. Ela também se retrata como uma pessoa que conhece a história de sua família; que é resiliente, suportando com bom humor a discriminação de cearenses e de paraenses; que valoriza a sabedoria dos mais idosos; que supera os obstáculos; e que, apesar de dizer que não se incomoda com a opinião alheia, é influenciada por essas opiniões a tal ponto de mudar seu comportamento e de concluir que é mais paraense do que cearense. É interessante observar como ela se retratou em seu relato. Primeiro ela se posiciona como cearense migrante; depois, após agregar em

sua vida elementos da cultura paraense, ela se considera pertencente igualmente a duas comunidades; e, por fim, conclui que é mais paraense do que cearense.

No que se refere ao posicionamento dos genitores dos participantes, observamos uma semelhança entre as narrativas. Eles são retratados como vítimas da desigualdade social em sua cidade de origem, e foram obrigados a sair de lá em busca de melhores condições de vida. Com muito esforço, conseguiram essa melhoria na nova terra. Outro ponto comum é o posicionamento dos conterrâneos como agentes facilitadores da migração e estabilização da família em solo santareno. Eles são figuras importantíssimas para que as famílias tenham sucesso no Pará, prestando-lhes as primeiras assistências para a instalação na nova terra, oferecendo moradia e, muitas vezes, uma fonte de renda, por um período, até conseguirem ser autossuficientes.

É interessante observar que, apesar de os entrevistados relatarem casos de discriminação e preconceito por serem de outro lugar, em nenhum momento colocam os paraenses como hostis ou como empecilho à conquista da estabilidade financeira de suas famílias. Parece que os participantes veem os momentos discriminatórios como inevitáveis e, portanto, naturais, ou são práticas que estariam direcionadas a qualquer indivíduo que carregasse um estigma, e não necessariamente por serem cearenses. Aqui não queremos minimizar as consequências das atitudes discriminatórias sofridas pelos entrevistados. Estamos apenas evidenciando que as práticas relatadas por eles não são atribuídas à comunidade paraense, mas a pessoas isoladas que a ela pertencem. Assim, nas narrativas, não há indícios que demonstrem uma agressão ou rejeição da comunidade paraense à comunidade cearense. Observamos microagressões de alguns membros que também partem dos próprios cearenses. O caso mais sério de agressão relatado foi o sofrido por Lúcia, que partiu de pessoas que deveriam defendê-la.

Outro ponto interessante a ser comentado diz respeito à forma como cada um respondeu à discriminação sofrida. Goffman (2008) afirma que os estigmatizados respondem ao infortúnio de várias maneiras. Uma delas é tentar se passar por não estigmatizado, escondendo ou disfarçando seu estigma para não ser percebido pelo grupo dominante. Essa foi a estratégia usada por Lúcia, que afirma, no Excerto 19, linha 62, que preferia ficar calada e quieta para não chamar a atenção dos seus colegas e, consequentemente, não ser alvo de piadas depreciativas. Maria também utilizou esse mecanismo de defesa. Como a evidência de seu estigma (Goffman,

2008) estava em seu sotaque, ela se autocorrigiu e foi adaptando sua pronúncia à pronúncia paraense (Excerto 15, l. 419-420).

É interessante observar que esse esforço de passar sem ser notado é desgastante emocionalmente, pois requer um constante controle do comportamento e das interações sociais (Goffman, 2008). Alguns acabam deixando de se policiar e passam a assumir seu estigma. Isso pode levá-los a ter comportamentos inadequados. Foi o que aconteceu com Maria, que, primeiro, tentou esconder seu estigma, eliminando-o. Depois, passa a agir agressivamente, praticando atos semelhantes aos dos seus discriminadores.

José não deixa claro qual mecanismo usava para disfarçar seu estigma, mas podemos entender que a sua reação foi assumir o estigma, em vez de ocultá-lo, até porque ele coloca a sua cor e o seu jeito como atributos que o diferenciam dos nativos. Como esses atributos não podem ser facilmente ocultados, fica mais fácil assumir o seu estigma, tornando-o parte da sua identidade pública, mesmo que isso ainda possa fazê-lo enfrentar discriminação e rejeição.

Em resumo, as narrativas examinadas fornecem uma visão abrangente das diferentes dimensões propostas por Ochs e Capps (2001), como a *narração*, a *historiabilidade*, o *encaixe*, a *linearidade* e a *postura moral*. Esses aspectos se entrelaçam de forma a contribuir para a construção de identidades, influenciar percepções sociais e retratar dinâmicas culturais. As histórias mostram que, embora os entrevistados enfrentem discriminação e dificuldades, revelam resiliência e capacidade de adaptação, sublinhando a importância das experiências migratórias e familiares na formação de suas identidades. Além disso, os entrevistados demonstram maneiras variadas de lidar com o estigma, como apontado por Goffman (2008), seja por meio da dissimulação ou da aceitação do estigma como parte de sua identidade pública. As microagressões relatadas, apesar de serem significativas, são vistas como ações de indivíduos específicos e não como uma rejeição sistêmica pela comunidade paraense. Enfim, as narrativas não apenas relatam acontecimentos, mas também reformulam memórias e moldam perspectivas. Elas dão sentido ao passado e corroboram a ideia de que sua criação é um processo colaborativo e interativo. Esse processo é influenciado pelo narrador e pelo contexto social e cultural em que ele está inserido.

As análises das narrativas extraídas das três entrevistas revelaram habilidosas manifestações de construção identitária por parte do entrevistado e das entrevistadas.

Eles elaboraram distintas posturas éticas tanto para si mesmos quanto para os outros, em contextos mistos e não mistos. Nessas formulações, foram atribuídas condutas éticas negativas não apenas aos paraenses, mas também aos cearenses, enquanto suas próprias atitudes permaneceram firmes e definidas na maioria de seus relatos.

6 ÚLTIMAS REMADAS

Para fins de elaboração desta pesquisa, foi empregada a análise qualitativa e interpretativista, na qual se enquadra na análise narrativa e que possui como um dos métodos o uso da entrevista, que permite o surgimento de histórias de vida. Foram analisadas as narrativas de três cearenses pertencentes à segunda geração que residem na cidade de Santarém, Pará. Das três entrevistas, duas foram realizadas e gravadas pela plataforma no *Google Meet* e uma pelo aplicativo de comunicação instantânea *WhatsApp.*

A primeira participante nasceu no estado do Ceará e chegou com a família ainda na infância, enquanto os outros dois entrevistados nasceram na cidade de Santarém. Por meio das entrevistas, foi possível observar que suas narrativas podem ser enquadradas em dois tipos: narrativas de contato não mistos e narrativas de contato misto. Nas narrativas de contato não mistos, temos as narrativas cujos personagens são somente cearenses e envolvem as narrativas de família que apresentam relatos de histórias que motivaram a família a migrar e como ocorreram os primeiros anos de vida na nova cidade, constituindo histórias que fazem parte da memória da migração, as quais são repassadas oralmente de pais para filhos. Por outro lado, nas narrativas de contato misto, temos as histórias que demonstram momentos de interação com os santarenos e as consequências desse contato.

Com o intuito de compreender como esses participantes constroem suas identidades nas suas narrativas, estabelecemos a seguinte pergunta de pesquisa: “De que forma são construídas, nas narrativas orais, as identidades dos filhos de migrantes cearenses que residem na cidade de Santarém, no estado do Pará, frente a um discurso dominante de desvalorização social?”. O objetivo geral desta tese, consistiu em investigar como as identidades são construídas mediante as narrativas orais dos filhos de migrantes cearenses da segunda geração, residentes na área urbana da cidade de Santarém (PA), que vieram para a cidade nas décadas de 70 ou 80, perante o discurso dominante de desprestígio social. Para atingir tal objetivo, achamos oportuno estabelecer três outros: I) identificar as narrativas que emergem nos discursos dos filhos de migrantes cearenses da 2ª geração; II) analisar as reivindicações identitárias construídas em suas narrativas; e III) compreender como as interações discursivas podem servir como *locus* de resistência a um estigma. A

partir dos resultados apresentados e discutidos, analisaremos separadamente cada um dos objetivos.

Ao considerar o objetivo “identificar e analisar as narrativas que emergem nos discursos de migrantes cearenses da 2ª geração, segundo os conceitos de Ochs e Capps (2001)”, atentamo-nos para a dimensão da historiabilidade, pois as histórias que as pessoas escolhem contar oferecem uma visão profunda de suas identidades, valores e perspectivas sobre o mundo (Ochs; Capps, 2001). Segundo o estudo de Aguiar (2009), nas narrativas de migrantes cearenses da 2ª geração, apareceriam histórias que retratariam a segregação sofrida por eles nos espaços de sociabilidade, por crescer em meio à diferenciação com os paraenses (Aguiar, 2009). Contudo, observamos que a maioria de suas narrativas são de histórias de migração e de fixação, que mostram a sofrida condição de vida de seus pais e como eles superaram as dificuldades.

Maria traz para a entrevista narrativas de migração, de fixação e de discriminação. Os temas de suas narrativas são principalmente sobre as dificuldades enfrentadas por sua família no Ceará e na chegada em Santarém, o apoio de familiares durante a instalação de sua família no município santareno e a valorização dos ensinamentos familiares e da história de vida de membros da família. Ao priorizar esse tipo de narrativas, Maria revela o quanto valoriza as histórias familiares e demonstra o quanto elas são importantes para construção de quem ela é hoje. Além disso, ela mostra a capacidade de resiliência da sua família perante os desafios e como isso a levou para melhoria de sua condição de vida. Mesmo as narrativas de discriminação contadas são usadas para revelar a sua resiliência e capacidade de adaptação perante as adversidades. Não são usadas para construir uma identidade estigmatizada, mas para construir uma identidade resiliente.

Essa revelação também é vista nas narrativas de José. A história de vida de seus pais é construída de tal maneira que mostra o quanto eles foram resilientes perante todos os desafios que surgiram e quanto isso foi importante para o seu sucesso na vida. As histórias de preconceitos que contou foram demonstradas como algo natural, que todos enfrentam na infância e na adolescência, não sendo nada excepcional ou que trouxeram grandes consequências para si. Enfim, esse participante seleciona narrativas que evidenciam a capacidade de resiliência de seus pais para que ele tivesse sucesso como profissional. Novamente, não temos a construção de uma identidade de estigmatizado, mas de resiliência.

As narrativas de Lúcia, por sua vez, além de mostrarem como a família enfrentou com resiliência as dificuldades, evidenciam o quanto ela sofreu com a discriminação vivenciada. Ela narra as dificuldades enfrentadas por seus familiares, como eles foram ajudados nos primeiros anos na nova cidade e como o pai com muito trabalho e dedicação conseguiu prosperar no ramo do comércio, demonstrado a capacidade dele de superação. Porém, diferente dos outros participantes, ela traz uma narrativa de discriminação bem mais impactante, pois o agente do preconceito não é um colega ou uma pessoa de sua idade, mas figuras de autoridade, que deveriam combater a prática discriminatória e não a reforçar. Apesar de ela construir a identidade de resiliente, ela também constrói a identidade de estigmatizada, de uma pessoa que foi vítima de preconceitos que a tornaram retraída nos contatos mistos, por medo de sofrer alguma forma de intolerância.

No que se refere ao objetivo “analisar as reivindicações identitárias construídas em suas narrativas”, vimos, em capítulos anteriores, que a identidade é moldada através de práticas interacionais, sendo as narrativas um dos principais meios de expressar e negociar essas identidades (Ochs; Capps, 2001). Através delas os narradores posicionam-se em relação aos eventos e às outras pessoas, o que permite a construção de identidades em nível local (na interação face a face durante a narração) e a nível global (refere-se às categorias sociais amplas, como gênero, nacionalidade ou classe social), podendo construir uma identidade ao se alinhar ou desalinhar com expectativas sociais ou culturais (Bamberg, 1997). Além disso, em contextos de migração, ao contar histórias de deslocamento ou adaptação, os indivíduos não apenas relatam eventos, mas também moldam suas identidades em relação ao passado, à nova sociedade, e às mudanças de status social e cultural. Assim suas narrativas são espaços onde as identidades múltiplas e fluidas podem emergir, moldadas pelas condições contextuais e as relações de poder (De Fina; 2003).

Maria se identifica como portadora de uma identidade híbrida, em constante construção, evidenciando elementos culturais de ambas as comunidades, declarando que se vê como pertencente às duas, adotando características e práticas de cada uma, como se houvesse uma integração das duas comunidades, ocorrendo uma hibridação (Canclini, 2008). Maria menciona como sua identidade foi se reconstruindo ao absorver a cultura paraense, especialmente no que diz respeito à culinária e à fala, evidenciando a influência da língua e do sotaque local sobre sua identidade linguística.

Em diversos momentos da entrevista, traz reações de outras pessoas à sua identidade, mostrando preconceitos tanto da comunidade que vive no Ceará quanto da paraense. Isso a motivou a controlar informações sobre si mesma e a gerenciar as percepções de tais comunidades, usando o ocultamento do seu estigma, principalmente quando começou a estudar e percebeu a necessidade de se adaptar linguisticamente para evitar as piadas e a zombaria. Maria foi introspectando naturalmente esse ocultamento para se integrar ao ambiente escolar. Outra técnica usada por ela foi a conversão do estigma em mérito, quando transformou a sua naturalidade em fonte de orgulho. Isso se deu principalmente quando não se isolava e nem se sentia traumatizada, mas participava das brincadeiras dos colegas, reconhecendo que tem mais de uma identidade, coadunando com Hall (2006), quando diz que não temos uma única identidade, mas várias identidades definidas historicamente, formadas e transformadas continuamente.

José se posiciona como parte do grupo que sofre estigmatização, porém o que mais o incomodava não era o preconceito contra si, mas as ofensas dirigidas à sua genitora, posicionando-se como um filho protetor e afetivo, que desenvolveu uma relação forte com a mãe devido à ausência do pai, constantemente viajando a trabalho. Ele também destaca suas conquistas educacionais e profissionais, mencionando especificamente sua formação e sua carreira no Magistério, sublinhando sua longa experiência na profissão e os muitos desafios enfrentados para alcançar uma posição respeitável como professor. As expressões de gratidão a Deus e o reconhecimento dos pais indicam que ele se vê como parte de uma rede de suporte e influência, na qual a família e a fé desempenham papéis importantes, pois frequentemente são as bases nas quais construímos nossa identidade (Worthan, 2001). Para o entrevistado, sua cor e o seu jeito de ser são características marcantes de sua identidade cearense e a causa dos insultos. Por fim, se posiciona como alguém consciente de sua identidade regional e dos estereótipos associados a ela. Demonstra uma evolução na maneira como lida com o preconceito, passando de uma indiferença infantil a uma sensibilidade crescente na adolescência.

Lúcia posiciona-se como uma nativa de Santarém, com grande conexão com sua família e sua história regional, que sofreu com a falta de respeito e *bullying*, afetando sua autoestima. Ela relata que, para evitar ser alvo das brincadeiras, ficava “no seu cantinho quietinha”, e essa prática era um obstáculo para ter amigos. Segundo Goffman (2008), o estigmatizado geralmente evita se expor, pois acredita que

qualquer atitude feita pode induzir a uma avaliação pelos não estigmatizados, então muitos criam uma “capa defensiva”, levando-o ao retraimento. Foi o que aconteceu com essa participante, visto que reagiu com uma postura de retração e evasão como mecanismos de defesa. Sendo assim, ela se retrata como um indivíduo que preferia se isolar para evitar conflitos e humilhações, mostrando um comportamento de autoproteção. Além disso, ela se posiciona como pertencente a uma família que, apesar de ter uma condição econômica relativamente melhor, não era protegida contra as discriminações e preconceitos.

Por fim, as narrativas de Maria sobre a discriminação sofrida devido ao seu sotaque e aos apelidos recebidos (Excerto 13, 14 e 15) e a história de José sobre a implicância de seus amigos com sua mãe e sobre alcunhas direcionadas a ele por ser cearense (Excerto 17) exemplificam que o que emerge como ponto narrativo não é o sofrimento em si, mas sua superação, reforçando uma construção identitária de coragem e resistência. Lúcia, ao descrever os episódios de discriminações sofridos (Excerto 19), parece evidenciar o sofrimento passado por ela e seu primo, reiterando sua construção identitária de vítima e de sofrimento.

Voltando-nos ao objetivo de “verificar se as interações discursivas podem servir como *locus* de resistência a um preconceito”, vimos que, de acordo com Goffman (2008), os sujeitos podem adotar estratégias de controle de informações e de manejo da impressão para mitigar ou resistir a esse estigma. Nos dados, observamos que os participantes usaram as narrativas como *locus* de resistência ao estigma de ser cearense, subvertendo estereótipos por meio da valorização de outros aspectos de sua identidade.

Eles colocam como evidência do seu estigma o seu modo de falar ou a sua aparência, que são os elementos que os diferenciam dos paraenses. Como técnica de manipular a informação sobre si, Maria usa primeiramente o encobrimento de seu estigma apresentando-o como consequência de outro estigma menos significativo, ou seja, atribui a sua pronúncia diferenciada a um problema de articulação; depois ela usa a estratégia de eliminar o sotaque, tornando seu modo de falar mais parecido possível com os dos paraenses; e, por fim, ela converte a sua condição de cearense como fonte de orgulho, reivindicando-a como parte da sua identidade pessoal. José não parece se valer de uma estratégia para isso, aceitando a sua naturalidade como parte de sua identidade. Lúcia optou pelo seu ocultamento, preferindo se isolar e não chamar atenção para si.

Goffman (2008), como vimos no capítulo 3, aponta ainda como técnicas de controle de informações sobre si e de gerenciamento das percepções dos outros o desvio da atenção do estigma para outros aspectos da sua identidade ou da situação, redirecionando a conversa ou mudando de assunto, e a tentativa de se enquadrar dentro dos padrões socialmente aceitos para minimizar o estigma, mostrando que ele é "normal" em outros aspectos. Parece-nos que, quando os participantes trouxeram narrativas que evidenciam a capacidade dos cearenses de se adaptar e superar adversidades, eles estavam usando essas técnicas, direcionando, assim, a interação discursiva para assuntos valorizados por padrões socialmente aceitos.

Por fim, a interação discursiva serviu como um momento em que os participantes utilizaram suas narrativas para construir significados, negociando identidades, valores e normas sociais. O ponto narrativo escolhido foi a maneira que utilizaram para subverter o estereótipo negativo de que cearenses são incultos por meio da valorização de aspectos de sua identidade que são deixados de lado.

Após esses apontamentos, ressaltamos ainda três aspectos evidenciados nas narrativas analisadas:

a) A capacidade de transitar entre a comunidade cearense e a comunidade paraense é ambígua. Inicialmente ela pode parecer empoderadora, permitindo ao sujeito assumir a identidade que melhor se alinhe ao contexto social em que está inserido, levando-o a agir com espontaneidade a partir de vários lugares, sem misturá-los (Canclini, 2008). Entretanto, essa capacidade pode se tornar uma fonte de conflito, pois o indivíduo tem a possibilidade de sofrer pressão tanto de uma comunidade como de outra para se alinhar a elas. Isso não ocorreria se ele se ajustasse somente a uma comunidade. Portanto, esse poder de trânsito entre as comunidades tem o potencial de gerar sentimentos de alienação ou de estar "entre mundos", sem pertencer completamente a nenhum dos dois, ou pode levar o indivíduo a fundir, entrelaçar e negociar elementos culturais diversos, decorrentes do contato entre as duas culturas (paraense e cearense), gerando uma cultura híbrida, fazendo com que a multiculturalidade evite a segregação, convertendo-se em interculturalidade (Canclini, 2008).
b) Os encontros familiares e as histórias cheias de ensinamentos e valores repassadas neles fortalecem o senso de pertencimento e de continuidade

dos filhos de migrantes. Dessa forma, as narrativas sobre a vida no Ceará, as experiências de migração, os desafios enfrentados e as conquistas dos pais e avós, que são comumente compartilhados dentro das famílias, auxiliam os filhos a desenvolverem uma identidade enraizada nesse passado coletivo, fornecendo-lhes um contexto para suas próprias vidas no presente, pois passam também a ser suas histórias. Isso se torna bastante evidente quando utilizam o pronome "nós" ao contarem histórias que ocorreram antes deles terem nascidos.

c) A hibridação cultural pode levar à construção de uma identidade conflituosa, pois, os filhos de migrantes não só querem honrar suas raízes, mas também querem ser aceitos e bem-sucedidos na sociedade paraense. Esse conflito fez com que alguns envolvidos entrassem em negociações complicadas, como a manipulação do estigma e, por vezes, até consideraram elementos da cultura cearense como atrasados e inadequados para o momento.

Como já é possível verificar em relação às constatações anteriores, estudos e pesquisas em Linguística Aplicada (LA) contribuem para que se conceba a identidade como um fenômeno fluido, dinâmico e multifacetado e contextual, valendo-nos das narrativas como práticas discursivas capazes de situar e compreender o lugar do indivíduo na sociedade. Essas contribuições não apenas enriquecem os estudos narrativos, mas também oferecem ferramentas metodológicas para compreender como os indivíduos negociam e constroem suas identidades em contextos complexos e diversos.

Além disso, nas narrativas de migrantes, pressupostos da LA nos permitem ver como certos eventos ou aspectos da vida migratória podem ser mais ou menos "contáveis", dependendo do contexto social, das relações de poder e das normas culturais vigentes. Direciona-se, assim, uma análise que considera não apenas o conteúdo da narrativa, mas também as forças socioculturais que influenciam o que pode ser narrado e como isso afeta a construção de identidades. Esse campo de estudos também conduz a uma perspectiva mais ampla que considera a complexidade do fenômeno migratório e as múltiplas identidades que emergem nesses contextos de interação, proporcionando não apenas ferramentas analíticas, mas também sensibilidade metodológica que valoriza a experiência de migração e as formas dinâmicas de construção identitária.

Após elencar as constatações possibilitadas até aqui, vejo necessidade de indicar que a principal dificuldade para a realização dessa pesquisa foi encontrar cearenses da 2ª geração que aceitassem participar dela. Em um primeiro momento, contactamos cinco descendentes de cearenses, porém só dois aceitaram participar. Os dados desses dois estudos foram apresentados na qualificação, cuja banca sugeriu mais duas entrevistas. Fomos em busca de novos participantes, entrando em contato, via WhatsApp, com mais sete indivíduos. Desse contingente, três visualizaram e não responderam; quatro concordaram em participar. Contudo, dois não responderam mais aos meus contatos, e um teve problemas de saúde. Restou somente uma, que, depois de muitas marcações e remarcações, desistiu de fazer a entrevista via chamada de vídeo e disse que só participaria se fosse por mensagem de áudio, o que prontamente aceitamos. Provavelmente, porque pesquisas que focam histórias de vida envolvem aspectos delicados, principalmente por tratar de narrativas pessoais que são influenciadas por contextos socioculturais específicos e frequentemente sensíveis. Então não é fácil encontrar pessoas que aceitem expor sua intimidade, trazendo a memória momentos muitas vezes constrangedores e dolorosos, já que revisitar esses momentos pode ser emocionalmente desgastante.

Outro empecilho enfrentado foi a dificuldade na uniformização na coleta de dados. Inicialmente, a intenção era realizar todas as entrevistas com gravação audiovisual. Porém, como observado, nem todos os participantes concordaram com esse formato, influenciando a natureza dos dados obtidos, já que entrevistas sem o uso de câmera, apresentam a ausência de pistas visuais, o que pode reduzir a capacidade do entrevistador de captar nuances emocionais ou contextuais, impactando a fluidez e a profundidade das respostas (Heritage, 1984).

Na medida do possível, sugerimos que futuras pesquisas voltadas a essa temática adotem formato equivalente para todas as entrevistas, a fim de possibilitar dados de mesma natureza. Outra alternativa seria combinar diferentes formatos de coleta em um mesmo estudo, tratando cada tipo de dado como uma camada complementar e não diretamente comparável. Essa abordagem pode enriquecer a análise sem comprometer a validade interna do estudo (Denzin, 1978[2009]).

As contribuições deste tipo de pesquisa são diversas e significativas. Em primeiro lugar, promove a preservação da memória cultural e coletiva da comunidade cearense em Santarém, conforme aponta Assmann (2011), que enfatiza a importância da memória para a coesão social e a identidade coletiva. As narrativas de migrantes

mantêm vivas as tradições e os valores de suas comunidades de origem, funcionando como um elo entre passado e presente, contribuindo para a construção de uma identidade que respeita e valoriza suas raízes, mesmo em um contexto de mudanças. Em segundo lugar, essas narrativas também podem funcionar como uma forma de resistência, pois, ao repassá-las a seus descendentes, os migrantes reivindicam suas vozes e afirmam suas identidades, resistindo aos discursos dominantes que os marginalizam.

Embora esse estudo esteja situado em um contexto específico, podemos dizer que reflete dinâmicas universais das migrações contemporâneas, como a construção de identidades híbridas, os processos de integração cultural e as negociações de pertencimento em contextos transnacionais (Bhabha, 1994; Vertotec, 2007). Esta pesquisa permite compreender como identidades são negociadas, reconstruídas e emergem no contexto migratório, espelhando fenômenos globais, onde migrantes em diversas partes do mundo reconstroem identidades que conciliam elementos das culturas de origem e de destino (Hall, 1990). Considerando os resultados até aqui, identidades emergentes em narrativas orais de imigrantes cearenses em Santarém são capazes de revelar, por exemplo, como cearenses reinterpretam práticas culturais ou criam formas de pertencimento, fenômeno que também é observado em estudos globais sobre diásporas e hibridização cultural (Bhabha, 1994). Mesmo que o foco seja em apenas uma cidade, as experiências dos migrantes frequentemente estão conectadas a redes transnacionais. Vertovec (2007) usa o termo "superdiversidade" para descrever como as migrações globais são moldadas por redes complexas que transcendem fronteiras geográficas e culturais. Uma pesquisa local como a desta tese pode também explorar como essas redes influenciam a mobilidade, o envio de remessas, ou a manutenção de práticas culturais cearenses em Santarém, mostrando paralelos com comunidades migrantes em contextos globais.

Além disso, as narrativas orais são essenciais para a formulação de políticas de integração e inclusão. Brettell (2003) argumenta que ouvir as vozes dos migrantes e seus descendentes é fundamental para a criação de políticas públicas mais inclusivas, pois fornece informações importantes para diversos setores da sociedade. É importante informar que muitas pessoas, principalmente crianças, sofrem preconceitos por serem de outra localidade. Isso precisa ser combatido. É necessário ter mais pesquisas que verifiquem como atualmente essas crianças são tratadas nos

espaços públicos, principalmente nas escolas, o local onde mais se evidenciam momentos de discriminação.

Ademais, esse tipo de estudo também traz importantes contribuições para as diversas disciplinas que estudam a teoria da identidade. Esse tipo de pesquisa, por mostrar como os migrantes e seus filhos constroem e reconstroem a sua identidade e a dos outros em suas narrativas de lutas e de conquistas, por evidenciar como eles equilibram suas raízes culturais na nova terra e por analisar como eles vivenciam as formas de exclusão e pertencimento a um grupo e como constroem esses elementos em suas narrativas, traz importantes contribuições para disciplinas, como a Psicologia Social, a Antropologia, a Sociologia e a Linguística. Por fim, a valorização das narrativas orais dos filhos de migrantes ajuda a combater estereótipos e preconceitos vivenciados por eles, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diferença é vista como fonte de diversidade, heterogeneidade e de enriquecimento cultural. Assim, as histórias não só funcionariam como formas de resistência, permitindo a expressão de identidades em um mundo que frequentemente é hostil à diferença (Certeau, 1998), como também contribuiriam para uma sociedade mais acolhedora.

Ao encerrarmos esta pesquisa, esperamos chamar atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que se deslocam de sua terra natal para outros lugares em busca de melhores condições de vida, principalmente para os filhos desses migrantes, que precisam de aceitação e de apoio nos lugares que frequentam para que essa transição seja menos traumática possível. Por fim, deixamos aberto para que mais pesquisas sejam realizadas nesse contexto, sendo uma opção bastante promissora a análise de narrativas de filhos de imigrantes, com o objetivo de verificar o impacto da migração na construção de suas identidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Keila de Sousa. **“Quando é da família, é melhor!”**: família e casamento entre cearenses em Santarém-Pará. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APPIAH, Kwame. Identidade como Problema. *In*: SALLUM JR, Brasílio; SCHWARCZ, Lilia Moritz; DIANA, Vidal; CATANI, Afrânio (orgs). **Identidades**. São Paulo: EDUSP, 2018. p. 17-32.

ARAGÃO, Mª do Socorro Silva de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. *In*: Ribeiro, Silvana S. C.; COSTA, Sônia B. B.; CARDOSO, Suzana A. M. (Org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 188-200.

ASSMANN, Jan. **Cultural memory and early civilization**: Writing, remembrance and political imagination. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Ática, 1999.

BHABHA, Homi. K. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

BAKHTIN, M. M. **The Dialogic Imagination**: four essays. Texas: University of Texas Press, 1981.

BAMBERG, Michael G. W. Positioning Between Structure and Performance. **Journal of Narrative and Life Story**, Massachusetts, n. 7, p. 335-342, 1997. Disponível em: https://www2.clarku.edu/~mbamberg/Material_files/Positioning_Between_Structure_and_Performance.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

BAMBERG, Michael G. W. Construindo a masculinidade na adolescência**:** posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. *In*: MOITA LOPES, L.P. e BASTOS, L.C. **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002, p. 149-185.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ago. 2005.

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, São Paulo, v. 31, p. 97-126, ago. 2015.

BAUMAN, R. Story, performance and event: contextual studies of oral narrative. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. Censo 2022: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. *In*: IBGE. Brasília, 22 dez. 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declaraparda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25)%2C%20amarelas. Acesso em: 01 set. 2024.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de "pós-verdade". **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BIJORA, Helito. Google Forms: o que é e como usar o app de formulários online. *In:* TECHTUDO. Rio de Janeiro, 22 jul. 2018. Disponível em: https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/ google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghtml. Acesso em: 20 abr. 2022.

BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRETTEL, Caroline. **Anthropology and Migration:** Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity. New York: Altamira Press, 2003.

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**. v. 7, n.4, p. 585–614, out. 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Estayne R. C. da; SANTOS, Roberto R. Betacismo: um fenômeno degenerativo metaplasmo de alternância dos fonemas /v/ e /b/. *In*: Fórum Acadêmico de Letras (FALE), 30., 2019, Natal. **Anais do XXX Fórum Acadêmico de Letras**. Natal: UFRN, 2019. p. 398-410.

CRUZ, Claudia Almada Gavina da; BASTOS, Liliana Cabral. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re)construção discursiva das identidades. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 367-384, set./dez. 2015.

DE FINA, Anna. Introduction. *In*: De FINA, A. **Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003.

DE FINA, Anna. **Positioning level 3: connecting local identity displays to macrosocial processes**. **Narrative Inquiry**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Analyzing Narrative**. Discourse and sociolinguistic perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DENZIN, Norman K. **The research act**: A theoretical introduction to sociological methods. New Jersey: Rutgers-The State University of New Jersey, 1978[2009].

FERREIRA, Assuéro. **A aventura da sobrevivência:** As migrações cearenses na década de 1990. Fortaleza: Edições BNB, 2007.

FLANNERY, Mércia. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 42). Acho que não precisas inserir esta última parte.

FLUDERNIK, Monika. **Towards a 'Natural' Narratology**. London: Routledge, 1996.

FONSECA, Vicente Malheiros. Pérola do Tapajós (Wilson Fonseca, Pedro Santos e Felisbelo Surruarana): Encontro com maestro Isoca. *In*: **Soundcloud**. *[S. l.]*, 2021. Disponível em: https://soundcloud.com/discover/sets/track-stations:1137658846. Acesso em: 30 out. 2024.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; MOITA LOPES, Luiz Paulo. **"Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo" – desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco**. Calidoscópio, São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 305-316, mai./ago., 2017. Disponível em: http://revistas.unisinos.br /index. php/calidoscopio/article/view/cld.2017.152.08. Acesso em: 10 jan. 2022.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1986.

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. Fortaleza: Casa Juvenal Galeno, 1978.

GARCEZ, P. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. *In*: RIBEIRO, B. T. *et al*. **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001. p. 189-213.

GOODWIN, Charles. Notes on Story Structure and the Organization of Participation. *In* M. Atkinson, & J. Heritage. **Structures of Social Action:** Studies in Conversation Analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 225-246.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeast University Press, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Estigma*:*** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2004.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. *In*: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. (orgs.) **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Loyola, [1982] 2002. p. 149-182.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, [1992]2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual da pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima, 2014.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LESSA, Ana Cecília. **Figuras de Linguagem**. São Paulo: Atual, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. *In*: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. **Colonial Discourse and Post-Colonial Theory**: a reader. New York: Columbia University Press, 1994. Faltam as páginas do capítulo.

HAMMERSLEY, Martyn. **O que é pesquisa qualitativa? O que é? Métodos de pesquisa**. Londres: Continuum/Bloomsbury, 2013.

HERITAGE, John. **Garfinkel and ethnomethodology**. Cambridge: Polity Pres, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2000. Dados do Arquivo de Universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html. Acesso em: 02 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual do recenseador**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama do município de Santarém**. Rio de janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama. Acesso em: 01 set. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama do estado do Ceará**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/panorama. Acesso em: 12 maio 2022.

JACOBY, Sally; OCHS, Elinor. Co-construction: an introduction. **Research on Language and Social Interaction**, v. 28, n. 3, p.171-183, 1995.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W., **Language in the inner city.** Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972b. p. 354-397.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org**.). Essays on the verbal and visual arts**. Seatlle: University of Washington Press, 1967. p.12-44.

LEÃO, Renato Freitas de Castro; OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de. O plano diretor e a cidade de fato: o caso de Santarém-Pa. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v. 2, p. 1-15, 2011.

LIMA, Isabelle. 'Sobral Santos II': relembre a maior tragédia fluvial da Amazônia. *In:* PORTAL DA AMAZÔNIA. Manaus, 2021. Disponível em: https://portalamazonia.com/estados/para/sobral-santos-ii-relembre-a-maior-tragedia-fluvial-da-mazonia#:~:text=casodonaufragiodahistoriadoRioAmazonas.text=Cercade034020passageiros20perderam20suasvidasnessetragicoacidentebarco. Acesso em: 17 nov. 2022.

LINDE, Charlotte. **Life Stories: the creation of coherence**. New York: OUP, 1993.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing stigma. **Annual Review of Sociology**, San Mateo, vol. 27, p. 363-385, ago. 2001. Disponível em: https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.soc.27.1.363. Acesso em: 12 dez. 2023.

MANCELOS, João de. **Introdução à Narrativa Cinematográfica**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

MAIOR, Laércio Souto. **São os nordestinos uma minoria racial?**. Curitiba: Livraria Artes Editora, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Pragmática: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Contexto, 2003.

MEC. [Brasília], [2024a?]. **Dúvidas sobre o prouni**. Disponível em: https://acessounico.mec.gov.br/prouni/duvidas#o-prouni. Acesso em: 09 set. 2024.

MEC. [Brasília], [2024b?]. **Fies**. Disponível em: https://acessounico.mec.gov.br/prouni/duvidas#o-prouni. Acesso em: 09 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MIRA, Caio. Como é que a gente diz? Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com doença de Alzheimer. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 19, n. 3, p. 419-433, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/5CbvXSLVvbYvkHDkfhy8r5N/?lang=pt. Acesso em: 04 jul. 2022.

MIRA, Caio; CUSTODIO, K. A. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. **Investigações** Recife, v. 32, n. 2, p. 01-23, dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/ INV/article/view/240157/34147. Acesso em: 24 abr. 2022.

MISHLER, E. G. **Research interviewing**: Context and narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MISHLER, Elliot. **Storylines: craftartists' narratives of identity**. Cambridge: Harvard Univeristy Press, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In*: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. del P. (org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2013. p.12-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. *In*: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M.T.L. (org). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001. p. 56-71.

NORRICK, N. R. Conversational storytelling. *In*: HERMAN, D. **The Cambridge companion to narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

NUVENS, Eduardo. WhatsApp: história, dicas e tudo que você precisa saber sobre o app. *In:* OLHARDIGITAL. [S.I.], 20 dez. 2018. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2018/12 /20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/. Acesso em: 20 de abr. 2022.

OCHS, Elinor. Constructing Social Identity: A language socialization perspective. **Research on Language and Social Interaction,** v. 26, n. 3, p. 287-306, jun. 1993.

OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. **Living Narrative**: Creating lives in everyday storytelling. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. *In*: OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson (org.). **Migrações nordestinas no século 21:** um panorama recente. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2014. p. 13-26

OLIVEIRA; Jancen S. L. de; SOUSA NETO; Francisco A. de; ALVES, Mª das Graças de S. O uso do marcador discursivo “aí” na fala de estudantes de arquitetura da UFPI. **Form@re**. Piauí: UFPI, v. 8, n. 1, jan./jum. 2020. p. 157-166.

OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de. Expansão urbana e periferização de Santarém-PA, Brasil: questões para o planejamento urbano. *In*: X COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 2008. **Anais.** Barcelona: Universidade de Barcelona, 2008. Disponível em: http://www.ubes/geocrit/-xcol/268.htm. Acesso: 20 jan. 2022.

OLIVEIRA, Lívia Miranda. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo.** 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2013.

PARENTE, José de Sá. **Diagnóstico socioeconômico do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1964.

POLKINGHORNE, Donald E. **Narrative Knowing and the human sciences**. Albany, EUA: SUNY Press, 1988.

PONTES, Luane Christine Vieira. **Eu não quero as minhas filha fica limpando chão, sendo humilhada, pisada, entendeu?**: Narrativas de trabalhadoras pobres. 2013. Tese (Doutorado em Estudo de Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2013.

PRINCE, Gerald. **A grammar of stories**: as introduction. The Hague: Moutoun, 1973.

RAMOS, José Roberto Branco. **A Urbanização de Santarém e a Preservação Ambiental do Lago do Mapiri:** um estudo de caso. 2004. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional Urbano) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.109-128.

RICOEUR, Paulo. **Tempo e Narrativa (V.1**). Campinas, SP: Papirus, 1994.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. California: Sage Publication, 2008.

ROSSO, Eucárdio de. Como surgiu o Popeye da Olívia palito. *In*: 100FRONTEIRAS. Paraná, 3 jul. 2023. Disponível em: https://100fronteiras.com/opiniao/noticia/como-surgiu-o-pepeye-da-olivia-palito/. Acesso em: 10 maio 2024

RYAN, Marie-Laure. **Narrative across Media**: The Languages of Storytelling. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004.

SACKS, Harvey. Lecture 2. Features of a recognizable ‘story;’ Story prefaces; Sequential locator terms; Lawful interruption. *In*: JEFFERSON, G. **Lectures on conversation.** Oxford: Blackwell, [1968]1992. p.17-31.

SAPL (Sistema de Apoio ao Processo Legislativo). **Localização municipal**. Santarém, 10 jan. 2018. Disponível em: https://sapl.santarem.pa.leg.br/ media/sapl/public/anexonormajuridica/2018/103/ localizacao_municipal.pdf. Acesso: 12 dez. 2022.

SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. *In:* BASTOS, L. C.; SANTOS; W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 21-35.

SANTOS, Zélia G. dos. **A gramaticalização dos vocábulos "então" e "aí"**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SCHEGLOFF, Emanuel A. The relevance or repair to syntax-for-conversation. **Syntax and Semantics**. Los Angeles, v. 12, p. 261-286, 1979.

SMITH, Malcolm. **Research Methods in Accounting**. London: SAGE Publications, 2011.

SOMERS, Margaret R. The narrative constitution of identity: a relational and network approach. **Theory and Society**, Holanda, v. 23, n. 05, p. 605-649, 1994.

SOUTO, C. **A explicação sociológica:** uma introdução à Sociologia. São Paulo: EPU, 1985.

SOUZA, Elayne Souza. **Brincadeira, riso e insulto ritual na fala em interação em sala de aula**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

SUE, D. W. **Microaggressions in Everyday Life**: Race, Gender, and Sexual Orientation. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

TAPAJÓS, R. A comunicação de notícias ruins e a pragmática da comunicação humana: o uso do cinema em atividades de ensino/aprendizagem na educação médica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 165-172, 2007.

TANNEN, D. **Talking Voices**: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TAVEIRA, Deise Maria Oliveria dos Santos. **Coé, chegaí:** pesquisando a dinâmica da formação de grupos de adolescentes em narrativas de inclusão e exclusão. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

THORBORROW, Joanna; COATES, Jennifer. The sociolinguistics of narrative: Identidade, performance, culture. *In*: THORBORROW, J; COATES, J. (org.). **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 1-16.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**. London, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, nov. 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-68.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in Action. A Strategy for Research and Analysis**. New York: Teachers College Press, 2001.

ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÕES

. . .	Pausa
:	Fala alongada
___	Ênfase
(SI)	Segmento incompreensível
[	Sobreposição de fala
( )	Comentário do transcritor
° °	Volume mais baixo
?	Pergunta
"..."	Fala relatada

Fonte: Marcuschi (1997); Mira e Custodio (2019)